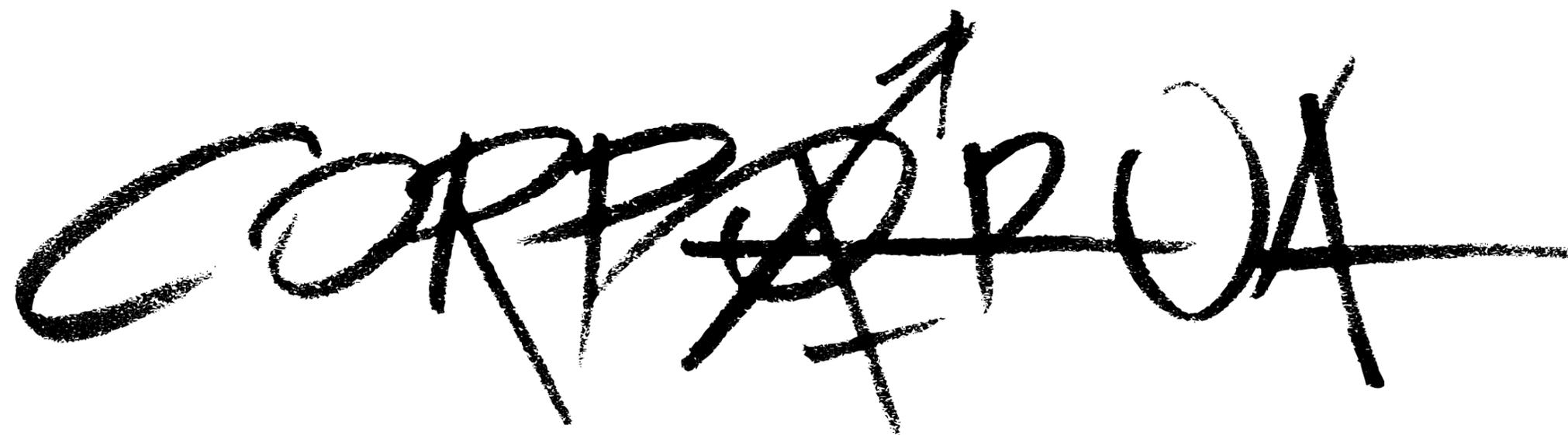




atravessamentos travessia travessuras

CADERNO DE RELATOS E ATRAVESSAMENTOS

8º Simpósio Imagem, Identidade e Território da Rede LAIIT



atravessamentos travessias travessuras
atravessamentos travessias travessuras

RIO DE JANEIRO | 24 a 27 set 2018 | ESDI-UERJ

SCHVARSBURG, Gabriel e VENTURA, Liana (Org.)
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL | UFRJ (Ed.)

CADERNO DE RELATOS E ATRAVESSAMENTOS

8º Simpósio Imagem, Identidade e Território da Rede LAIIT

Comitê organizador SIIT 8

Grupo de Pesquisa em Desutilidades Urbanas GPDU [UFF]

Ana Cabral Rodrigues

Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura GPMC [IPPUR-UFRJ]

André Ripoll

Frederico Araujo

Gabriel Schvarsberg

Samuel Thomas Jaenisch

Laboratório de Etnografia Metropolitana LeMetro [IFCS-UFRJ]

Marcella Camargo

Soraya Simões

Laboratório Design e Antropologia LaDA [ESDI-UERJ]

Barbara Szaniecki

Bibiana Serpa

Liana Ventura

Mariana Costard

Talita Tibola

Comitê científico

Profa. Dra. Ana Francisca de Azevedo
[Universidade do Minho, Portugal]

Prof. Dr. Ramiro Rafael Rojas Pierola
[FLACSO, Quito, Ecuador]

Profa. Dra. Leonor Arfuch
[UBA, Buenos Aires, Argentina]

Prof. Dr. Pedro de Novais Lima Junior
[IPPUR/UFRJ]

Profa. Dra. Barbara Peccei Szaniecki
[ESDI/UERJ]

Profa. Dra. Zoy Anastassakis
[ESDI/UERJ]

Prof. Dr. Frederico Guilherme B. de Araujo
[IPPUR/UFRJ]

Profa. Dra. Soraya Silveira Simões
[IPPUR-UFRJ]

Profa. Dra. Ana Cabral Rodrigues
[UFF]

Prof. Dr. Eber Pires Marzulo
[UFRGS]

Prof. Dr. Gabriel Schvarsberg
[IPPUR/UFRJ]

Dra. Talita Tibola
[ESDI/UERJ]

Organizadores

Gabriel Schvarsberg

Liana Ventura

Editor

Instituto de Pesquisa e

Planejamento Urbano e Regional | UFRJ

Projeto gráfico e diagramação

Liana Ventura

Identidade visual SIIT 8

Bibiana Serpa

Gabriel Schvarsberg

Liana Ventura

Mariana Costard

Realização

ESDI



IPPUR

Instituto de Pesquisa
e Planejamento Urbano e Regional

Apoio



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S612 Simpósio Imagem, Identidade e Território (8.: 2018: Rio de Janeiro, RJ).

CorpoRua: travessias, atravessamentos, travessuras [recurso eletrônico]
Org. Gabriel Schvarsberg e Liana Ventura. -- Rio de Janeiro: IPPUR, 2019.
Dados eletrônico (pdf).

"Caderno de relatos e atravessamentos do 8º Simpósio Imagem, Identidade e Território, realizado nos dias 24 a 27 de setembro de 2018, na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)".

ISBN 978-85-86136-14-6

1. Sociologia urbana. 2. Urbanismo. 3. Identidade social. 4. Design. 5. Artes visuais. I. Schvarsberg, Gabriel. II. Ventura, Liana. III. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR). IV. Título.

CDD 307.760981

AGRADECIMENTOS

CORPO-
RUA

Em primeiro lugar, agradecemos a todos os membros do comitê organizador do siit8 – Ana, André, Frederico, Gabriel, Samuel, Marcella, Soraya, Barbara, Bibiana, Liana, Mariana e Talita –, que acreditaram na potência do FAZER-COM, envolveram-se de corpo e alma durante a gestação desse encontro e empenharam-se na realização de um acontecimento-rua com todas as possibilidades de atravessamentos, travessias e travessuras. Do mesmo modo, agradecemos à casa-ESDI, que nos recebeu de braços abertos durante todo o processo de criação e construção da nossa oitava edição, em especial, às pesquisadoras do LaDA que deram suporte incansável durante os quatro dias do evento. Além disso, agradecemos ao comitê científico pela assistência à realização do evento e ao IPPUR pelo suporte editorial.

Agradecemos também a todos os grupos de pesquisa que incorporaram a Rede LAIIT – OLHO, UBA, IDAES, GPIT, ENTRÓPICOS, NORDESTANÇAS, GPDU, FLACSO e LeMetro –, que não hesitaram em abraçar esse devaneio chamado Corpo-Rua, contribuindo com oficinas, palestras e vivências, compartilhando conhecimentos, constituindo novos grupos – DES[a]GRUPA – na efemeridade do SIIT8 e [re]invetando travessuras.

Um agradecimento especial aos convidados MV Hemp, Enjoy, Cidades & Signos, Casa Nem, Jogos Poéticos, Atrizes ou... e Fernando Rubio e ainda aos atravessadores Ramiro Rojas, Luciana Melo, Iazana Gizzo, Renato Emerson, Mariana Borges, Bilisco, Carol e Felipe que generosamente nos ofereceram novas e outras perspectivas sobre como essas travessias poderiam ser.

Finalmente, mas não menos importante, agradecemos à CAPES, que acreditou nessa proposta e cujo apoio financeiro foi fundamental para que esse simpósio pudesse acontecer.

Laroiê Exú!

EPÍGRAFE

EXU É O COMEÇO
ATRAVESA O AVERSO

DITO

PERO NÃO DITU

EXU É O CUSTO
DO MOVIMENTO

O TORMENTO DO SER

QUE NÃO É

Uma fala outra, separada do discurso, não negando e nesse sentido não afirmando, e no entanto deixando jogar entre os fragmentos, na interrupção e na suspensão, o ilimitado da diferença.

Maurice Blanchot
A Conversa Infinita

Lo más importante es lo que no se dice.

Ricardo Piglia
Prisión Perpetua

12 TEXTOS TEMÁTICOS

- 13 Grupo de Pesquisa Desutilidades Urbana [UFF]**
Alice Pereira Tavares, Ana Cabral Rodrigues, Carolina Gomes Dias Ferreira, Edyara Prince, Jéssica Kely Soares e Raisla Monique das Chagas
- 15 Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura [IPPUR-UFRJ]**
André Ripoll, Frederico de Araujo, Gabriel Schvarsberg e Samuel Thomas Jaenisch
- 17 Laboratório de Design e Antropologia [ESDI-UERJ]**
Barbara Szaniecki, Bibiana Serpa, Liana Ventura, Mariana Costard e Talita Tibola
- 19 Laboratório de Etnografia Metropolitana [IFCS-UFRJ]**
Marcella Camargo e Soraya Simões

7 APRESENTAÇÃO

- 8 O siit e a rede laiiit**
- 10 8º simpósio imagem, identidade e território**

21 FAZER COM

- 23 Oficina [GPMC]**
André Ripoll, Frederico de Araujo, Gabriel Schvarsberg e Samuel Thomas Jaenisch
- 26 Oficina [GPIT]**
Daniela Cidade e Daniele Caron
- 28 Oficina [LaDA]**
Barbara Szaniecki, Bibiana Serpa, Liana Ventura, Mariana Costard e Talita Tibola
- 30 Oficina [GPDU]**
Alice Pereira Tavares, Ana Cabral Rodrigues, Carolina Gomes Dias Ferreira, Edyara Prince, Jéssica Kely Soares e Raisla Monique das Chagas
- 34 Oficina [LeMetro]**
Marcella Camargo e Soraya Simões

38 FAZER COM LUGARES

- 40 ESDI**
- 42 Arcos Da Lapa**
- 44 Cinelândia**
- 46 Passeio Público**
- 48 Escadaria Selarón**

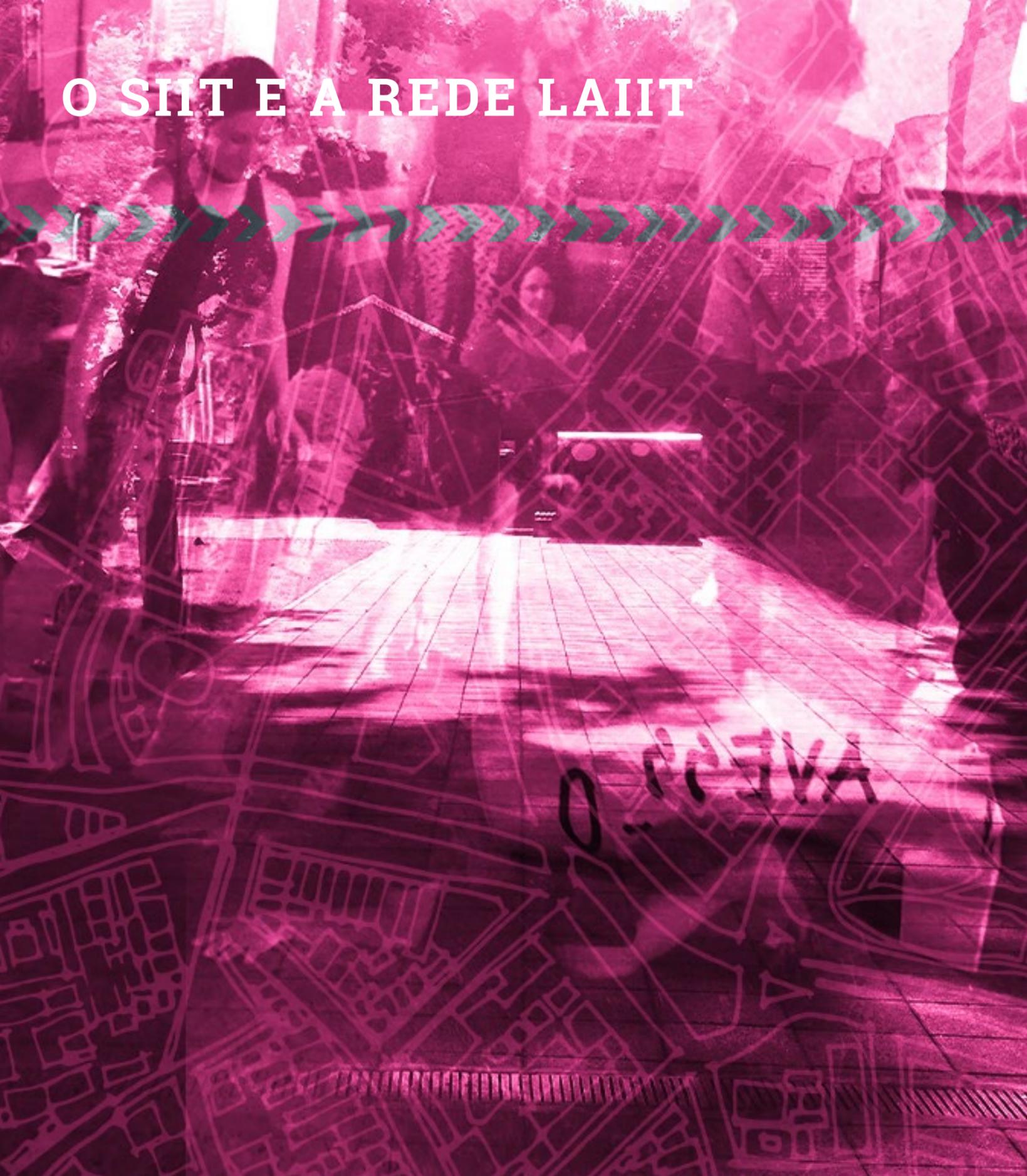
50 CHAMADA PARA TRABALHOS**51 PROGRAMAÇÃO****52 ATRAVESSAMENTOS**

- 53 As quatro estações**
Frederico Araujo, Gabriel Schvarsberg e Heitor Praça
- 70 Corpos em intervenção**
Daniela Cidade, Daniele Caron, Flavia Araújo, Letícia Castilhos e Liana Ventura
- 100 Deseo, afecto y política en el orden neoliberal**
Micaela Cuesta
- 113 Coreoturismo nos arcos da lapa**
Marcelle Ferreira Louzada
- 123 Composição em metáforas: rescaldo das ruas**
Carolina Cacá Ferreira da Fonseca, Pedro Dultra Britto, Thiago de Araújo Costa
- 136 Pátio da glorinha: narrativas de atos de pesquisa**
Bárbara Hypolito, Dany Silbermann, Diogo Vaz da Silva Junior, Eber Marzulo, Juliana Lang Pádua, Luciana Linhares de Andrade, Marcelo Arioli Heck
- 150 Piquenique antropofágico**
Lucia Helena Ramos

APRESENTAÇÃO



O SIIT E A REDE LAIIT



A Rede Latino-Americana Imagem, Identidade e Território (Rede LAIIT) foi formada no início da década passada por um grupo de pesquisadores egressos do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o objetivo de constituir um espaço de debate e pesquisa com foco sobretudo em problemáticas identitárias e territoriais, tanto em termos de abordagens históricas, quanto em termos de reflexões de caráter teórico e metodológico, ambas constituídas objeto e interpretadas por meio de problematizações da linguagem em suas formas falada, escrita e imagética, entendidas por sua vez como campos discursivos de criação, interpretação e comunicação.

Desde então a Rede LAIIT vem articulando pesquisadores e grupos de pesquisa de diversas instituições nacionais e internacionais, reforçando seu interesse em articular várias áreas do conhecimento e explorar inovações teóricas e metodológicas em produções. Atualmente é composto pelo Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC/UFRJ), Grupo de Pesquisa Identidade e Território (GPIT/UFRGS), Laboratório de Design e Antropologia (LaDA/UERJ), Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/UFRJ), Grupo de Pesquisa Nordesteanças (Nordestanças/UFAL), Grupo de Pesquisa em Desutilidades Urbanas (GPDU/UFF), Grupo Olho – Laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO/UNICAMP), Grupo de Pesquisa Entrópicos (Entrópicos/UFG), Grupo Territorialidades Urbanas (FLACSO – Equador), Proyecto Política de los Afectos y Vida Democrática (UBA – Argentina), Grupo de Pesquisa PaisagemHumus (Univerisade do Minho – Portugal), além das pesquisadoras Thais Portela (UFBA) e Flávia Araújo (UFAL).

Desde 2008 a Rede Laiit promove o Simpósio Imagem, Identidade e Território (SIIT) para apresentar e discutir a produção dos grupos integrantes da rede e estabelecer novas possibilidades de interlocução. O evento é tomado como um espaço para debater temas ligados à questão urbana contemporânea no Brasil e América Latina, discutir os desafios frente ao cenário político, além de refletir sobre a produção do conhecimento e suas implicações. Nas últimas edições o simpósio vêm procurando abrir cada vez mais espaço em sua programação para a participação de coletivos de arte e performance e movimentos sociais.

O SIIT 6 explicitou claramente já em seu título “Cenários de Inquietude. Cidades, poéticas, políticas” a tendência partilhada entre os grupos ao cruzamento de temas que agenciam a produção das cidades ao exercício político. Duas questões funcionaram como eixos: a da politicidade da memória na construção de imagens, narrativas e identidades; e a da necessidade de produzir diferenciações críticas no campo da afetividade pública entre formas que ameaçam ou fortalecem uma experiência democrática orientada por ideias de igualdade, liberdade e justiça. O SIIT 7 objetivou sua questão chave no âmbito da atualidade política latino-americana. “E Agora América Latina? Práticas insurgentes no mosaico territorial” foi o tema que orientou trabalhos, discussões e oficinas. O destaque das insurgências sociais refletiu-se na composição de mesas e oficinas com acadêmicos e representantes de ocupações urbanas e ativistas com prática de trabalhos com grupos em situação de rua.

A fertilidade dessas imbricações foi ressignificada e retomada em oficinas realizadas entre os grupos de pesquisa que assumiram a organização do SIIT 8, em 2018. Estas oficinas tiveram como objetivo discutir e definir o tema, a forma do evento, explorar os espaços onde o evento acontecerá. Colocamos nossos corpos na rua e com os outrxs, experimentando já um processo de fazer-com entre pesquisadores dos quatro grupos (GPDU, GPMC, LADA, LeMetro). Dessa interação surgiu o título do evento em gestação: “CORPO RUA: travessias, atravessamentos, travessuras”.

8º SIMPÓSIO IMAGEM, IDENTIDADE E TERRITÓRIO

Escolhemos falar antes de ruas do que de cidades. Queremos falar da política dos afetos que marcam diretamente nossos corpos, que nos impulsionam a atravessar impasses e criar coragem para novas travessias; da política dos movimentos e das ocupações, da política da contestação, das experimentações travessas, que vêm colocando em disputa ideias de liberdade, democracia, direitos, cidade, política. Crise de representação, avanço conservador, direita, esquerda, controle, vigilância, impotência - outras palavras que dizem de um recrudescimento dessas disputas na arena pública. Serão os corpos, ao menos alguns, capazes de mover as estruturas?

Sob o título “CorpoRua: travessias, atravessamentos, travessuras”, esta edição do simpósio buscará explorar formatos de interação entre os participantes que não descolem teoria de prática, forma e conteúdo ou corpo e pensamento. Temas caros à Rede LAIIT como território, produção social do espaço, lugares e identidades, fazer/dizer cidade, em suas dimensões estética, política, poética, cotidiana, serão trazidos ao modo de realização do evento por meio de uma espacialização das atividades do Simpósio na região central do Rio de Janeiro, particularmente nos arredores da Escola Superior de Desenho Industrial, a ESDI. O desafio é produzir um espaço que vaze o invólucro acadêmico e busque também outros encontros. Este é outro desdobramento temático, assinalado de alguma forma no título do Simpósio: a perspectiva do fazer com outrxs, seja entre os pares pesquisadores componentes da Rede LAIIT; entre estes e estudantes, professores e pesquisadores (acadêmicos locais); ou entre estes e participantes, individuais; coletivos convidados não acadêmicos ou mesmo outrxs a que se faz encontro na rua.

O 8º SIIT propõe interrogar o lugar que têm nessa disputa as múltiplas práticas que podem ser nomeadas políticas de rua ou, mais particularmente, políticas do corpo na rua. Falamos da rua – espaço concreto das interações com outros eus – antes da cidade – espaço político desses mesmos eus tornados discurso e objeto do planejamento. Pensamos assim em valorizar as interações face-to-face, em olhar os lugares de produção e de circulação desses modos, dessas falas e desses discursos fora das instituições difusoras de leis e notícias, mas em cima de calçadas, ruas, esquinas, ocupações, cotidianos. E com isso enxergar onde, como e por quem estão sendo construídos os espaços de direito e que formas de dominação eles abalam.

Sendo o primeiro Simpósio da rede a ser sediado por vários grupos de pesquisa, o fazer coletivo tem sido o tom das atividades de preparação. As escolhas de tema e modo de trabalho são já reflexo deste processo. Os grupos-sede têm se encontrado regularmente, em reuniões e oficinas de trabalho, cujo registro está disponível neste site. Convidamos assim, neste momento, os demais grupos integrantes da Rede LAIIT a participar da construção coletiva deste simpósio, pela submissão de propostas do que denominamos ação, o principal dispositivo pelo qual o formato do evento será composto.

TEXTOS TEMÁTICOS

No processo de construção coletiva do SIIT 8 a primeira oficina teve como mote disparar o processo de invenção da temática geral do evento. Ao final desta oficina cada grupo de pesquisa elaborou um pequeno texto que, em desdobramento à experiência partilhada naquele dia, conduziu à proposição de um tema ao simpósio. Os quatro textos produzidos estão aqui disponibilizados como foram expostos na ocasião em que foi definida a temática do evento, com suas diferentes formas, conceitos e questões acionadas. Aqui registram o processo de diferenças e convergências dos modos e leituras singulares com que cada grupo sintetizou o conjunto de desejos mobilizados naquele momento e, como um mapa de memória, traçam juntos as trilhas entrecruzadas que levaram à definição do tema proposto.

GRUPO DE PESQUISA EM DESUTILIDADES URBANAS

GPDU [UFF]

TERRITÓRIO
FRONTEIRA
TRAVESSIA
TRAVESSURA
ATRAVESSAMENTO
TRAVESSÃO
TRANSGRESSÃO
TRANSVERSAL
VERSO
MÉTODO
BORDA
BORDADO
CORPO
BORRADO
PASSAGEM
IMAGEM
SENSIBILIDADE
CIDADE
GENTE
IDENTID...

...viu-se um fio atravessado no que seria o pescoço de um corpo a desenhá-lo. borrá-lo. bordá-lo. Não se sabe ao certo se a cabeça foi cortada.

Tendo sido ou não cortada a cabeça, viu-se um corpo desenhado, borrado, bordado com um fio a atravessar o que seria seu pescoço. o corpo sobre o tabuleiro, os fios sobre o copo. o corpo é tabuleiro e os fios sobre ele(s). Os fios, quer liguem uma parte a outra, quer cindam-nas, denunciam o olhar que vê dois. Que, vendo dois, promete costurar certa racionalidade aparente das palavras - organizadas em texto, livro, artigo científico do lado de lá do jogo - na "banalidade" dos seus registros no papel: em risco, cola, pedaço, abacate, espelho. Ainda dois.

Bordam no desenho o que cabe a ele. o que não cabe a ele? dentro dele, fora nele. cola, risca, corta, puxa, linka... o corpo agora borrado, de onde não se vê como limite a borda. Sem impedimento e sem convite à travessia, as bordas corpo-tabuleiro, as bordas corpo-cabeça, os corpo-margem tensionam outros corpos, sugerem outros bordados, travessuras! O devir criança é movimento, inventa (e reinventa e reinventa e reinventa) suas próprias fronteiras... "tudo que não invento é falso", diria um poeta.

Do mesmo poeta emprestamos a "desutilidade", para nós brinquedo, que nos aparelha a travessurar com o que, no cotidiano da cidade não é convocado por sua serventia... aquilo que opera num sentido marginal, fora da lógica utilitária (em que útil e inútil designam finalidades), acionando dizeres (de cidade, de corpo, etc., etc.) que se fazem à margem dos sentidos hegemônicos, porque são seus restos, vão no contrafluxo da lógica do progresso, da racionalidade. As travessuras, desúteis que são, imprimem outras velocidades ao tempo e à experiência.

Pondo o corpo em jogo, em brincadeira, em movimento, a travessura indaga o "real" e transversaliza limite e potência. E aqui chegamos a um esboço de tema: "Imagem-travessura e suas políticas de pensamento", propondo explorar estéticas travessas sustentando afetivamente um fazer político, como possibilidade de "romper com os maniqueísmos, certezas e silêncios", que negam as dissonâncias, a alteridade.

GRUPO DE PESQUISA MODERNIDADE E CULTURA



GPMC [IPPUR-UFRJ]

Lugares pelo Averso: Atravessar Modos Margear Corpos
Rasurar Políticas Disputar Memórias Inventar Escritas

O tema, como aposta na multiplicidade de interesses e abordagens da Rede LAIIT abarcaria um conjunto de possibilidades de agenciamentos possíveis entre as palavras acima, verbos e substantivos. Como provocação geral a imersão nos paradoxos e polissemias das combinações sob um provocador geral concernente aos impasses e disputas sobre os lugares.

lugar na dimensão da espacialidade

lugar na dimensão da temporalidade

lugar como produção imagética e discursiva

lugar como posição na rede de poder e na malha social

lugar como identidade e território

Num movimento de desterritorialização, os lugares se desconstróem em intermináveis crises, ou já não servem para acolher novos desejos. Estão pelo avesso, em suspensão. Mas linhas de criação ou reterritorialização fazem-se simultaneamente, querendo inventar novos lugares, avessos ao que aí está, inclusive aos dizeres-crise e seus movimentos ou lutas já são a construção de lugares outros em que se possa existir e falar.

Averso como nome ao grau de absurdo, de delírio coletivo, a que o neoliberalismo pode incorporar e normalizar sob a chancela de democracia

Averso como produção política menor e crítica; como travesso, ousadia, humor que empurra os limites do possível.

Possibilidades de aglutinações para chamadas de trabalhos e/ou atividades

Modos de Atravessar

Trabalhos e atividades cujo foco está nos modos de fazer. Travessias e atravessamentos como noções que podem estar em relação aos modos ou como inquietações por si. Noção de travessia, passagem, migrações, êxodos: lugares que se criam no próprio movimento de desterritorialização. Já não basta dizer crise. Limites do resistir e do denunciar. É tempo de se mover, de construir alternativas. Fabulações especulativas, escrituras inventivas.

Políticas de Margens

Trabalhos e atividades cujo foco está na discussão sobre o político. Margem como noção acoplada à política ou como inquietação por si. Habitar as bordas e passagens, tensionamentos, misturas ou rompimentos com dicotomias e polarizações: macro e micro, resistência-captura, centro-periferia, maior-menor, paixões alegres-paixões tristes, natureza-cultura, identidade-singularidade, razão-sensibilidade, corpo-palavra; Epistemologias e Ontologias outras, descolonialidade.

Corpos Rasurados

Trabalhos e atividades cujo foco está no corpo. Rasura como tentativa de apagamento e eliminação dos corpos, das memórias, das lutas por neofundamentalismos . Rasura como devir dos corpos, resistências e insistências de corporeidades outras ao puro, ao cânone, ao dominante, ao normativo. feminismoS, negritudeS, sexualidadeS, transgenereS. corpo como acontecimento, atravessamento, encruzilhada.

Escritas de Memórias

Trabalhos e atividades cuja reflexão está centrada na memória. Memória como campo de disputas: apagamentos, capturas, esquecimentos, reativações. A potência da imagem e da escrita na construção da memória. Memória dos corpos, memória dos espaços, memória urbana, memória coletiva.

LABORATÓRIO DE DESIGN E ANTROPOLOGIA

LaDA [ESDI-UERJ]

Movimentos através: travessias, atravessamentos, travessuras. É através de um trava-língua que propomos um tema para o Seminário Imagem, Identidade e Território. Um trava-língua para dar conta dos obstáculos que atravancam os “movimentos através”. Movimentos dos nossos corpos em si, entre si e na cidade. Movimentos necessários para efetuar as travessias que, ao mesmo tempo em que nos atravessam, nos convidam a atravessá-las.

Mas movimento não se apreende. Ele só pode ser sentido, vivido, dançado... Movimento é qualquer ação que desloca o corpo para uma linha de fuga. E nesse sentido, o corpo-casca, corpo-invólucro, ou qualquer tipo de corpo encerrado em si mesmo, reclama a sua expansão. Transborda em si e se abre em fendas. Mas como se habita um corpo sem bordas? Um corpo feito de brechas e poros? Um corpo em devir? Como romper as fronteiras que separam o corpo do mundo?

Pôr o corpo em movimento requer ao mesmo tempo abdicação e coragem. Abdicação de uma imagem representativa, de uma identidade fixa, de um território familiar. E coragem para atravessar e deixar-se atravessar. É preciso um corpo sensível e travesso para pôr-se no movimento das linhas de fuga. Um movimento que não tem ponto de partida, nem linha de chegada. Apenas transitoriedade.

O paradoxo se complexifica quando percebemos que, no processo de travessia, não apenas irrompemos as fronteiras, como também elas mesmas nos transbordam. Atravessam nossos corpos próprios e nossos corpos coletivos, borrando continuamente suas bordas, abrindo incessantemente novas brechas.

Um trava-língua, também, para dar o tom desses movimentos de travessia e dos contra-movimentos de atravessamento. É a travessura que dá o tom. Travessura como gosto pela aventura. Nela reside o risco inerente de ser pego e eventualmente aprisionado e dela se desprende a liberdade incomensurável da própria ousadia de ultrapassar limites e transpassar territórios... Que territórios?

O primeiro deles é o que habitamos: nosso corpo. É ele que supostamente delimita nossa identidade. Com alguma travessura, podemos transitar pelas suas margens, procurar brechas para abrir o corpo a outras corporeidades e o sujeito a outras subjetividades. A identidade, aquela fronteira traçada pelo Estado pode então torna-se hecceidades, singularidades mais do que individualizações que se constroem enquanto sujeitos.

Muito da nossa identidade é construída pela imagem. A imagem (figurativa ou mesmo abstrata) segue delimitando formas que, pela sua própria força estática e fixidez representativa, acaba configurando identidades, estabelecendo normas e determinando comportamentos. Como ir além da imagem enquanto identidade e apreender os trânsitos e transitoriedades segue sendo um desafio que exige muitas outras travessuras. Requer percorrer os vazios, perceber as contra-formas, iluminar pelo negativo, olhar pelo avesso.

E, por fim, para além do corpo como território identitário e da imagem como sua fixação, chegamos ao território urbano e político. A cidade é o lugar onde todos esses corpos, o meu e o dos outros, os corpos e os corpos outros, as corporeidades e os transcorpos se esbarram e se embatem. A cidade se tornou o lugar do controle e, para atravessá-la, é preciso uma travessura sutil para não interiorizar o controle e seguir apostando na política do afeto e da alegria.

Movimentos através: travessias, atravessamentos, travessuras é o que propomos para o seminário Imagem, Identidade, Território.

LABORATÓRIO DE ETNOGRAFIA METROPOLITANA

LeMetro [IFCS-UFRJ]

Travessuras políticas de e corpos em jogo

Toda comunicação consiste em uma forma de interação entre indivíduos possuidores de selves, de percepções ou de imagens de si e do outro. Essa definição sociológica da comunicação, por Robert Ezra Park ("Comunicação", 1938, in Estudos de Organização Social), remete ao postulado interacionista de que a consciência é fruto dos deslocamentos dos sujeitos, de suas experiências em situações específicas, interagindo com outros grupos, com outros eus.

Grupo de família ou sindicato; grupos de afinidade afetiva, estética ou de interesses econômicos; coletivos que compõem movimentos de luta... toda forma de sociedade têm uma "história de vida", princípios e uma tradição que se atualizam pela comunicação. Podemos dizer que "a sociedade" só existe, concretamente, pela comunicação. Do mesmo modo que os conteúdos dessa comunicação são relevantes, também o são as formas de estar, com seus momentos e lugares específicos, enfim, as formas de sociabilidade determinantes para a definição dos espaços de gozo e de difusão de desejos e valores. A comunicação, portanto, se dá de maneiras diversas, por canais diversos, em momentos específicos, experimentados, que também concorrem para a compreensão das mensagens emitidas. Por essa perspectiva, cidade é um dos nomes para esses espaços comunicacionais, espaços de trocas múltiplas e variegadas que começam na produção de corpos e sujeitos - eus.

Portanto, nossos corpos têm aqui, nesse jogo, um significado específico: são serão considerados símbolos que comunicam alguns dos lugares sociais onde nosso eu já se entende. A depender dos espaços que atravessamos – e que nos atravessam –, nossos corpos podem ser lidos por lentes (e espelhos) que os interpretam de maneiras distintas. Afinal, ao interagirmos com outros eus – e com o nosso próprio –, (e)laboramos nossa própria subjetividade. Há conflito, sempre. E negar esse conflito inerente aos processos de transformação e de reconhecimento é uma experiência brutal e violenta. Nossos corpos – nossos eus – ganham, assim, expressão nos espaços comunicacionais que atravessam. Tal como O Patinho Feio descobre, na curva de um lago, que não é feio e que não é pato...

Em nossas travessias – em nossos deslocamentos – ganhamos consciência de nossos corpos e revolvemos nossa subjetividade. Nos vestimos e nos travestimos. Interpelados, a todo instante, nas situações variadas de nossas travessias, sobre o que somos e o que podemos ser, descobrimos nosso potencial criativo e, com ele, a nossa potência política.

Aqui estamos aptos a entender que “a política” é um campo de muitos atravessamentos. A política pode, portanto, ser também qualificada como qualificamos corpos e sua expressividade: “séria”, “jocosa”, “democrática”, “violenta”, “sensível”, “autoritária” etc... A política, de todo modo, requer incluir o outro, a alteridade, numa relação possível. Assim como as travessuras, a política supõe a inteligência dos interagentes, supõe a compreensão dos interagentes do jogo que está sendo jogado. Política e travessura, nesse sentido, têm uma exigência em comum: a desenvoltura para o jogo a ser jogado. Do contrário, a política (assim como a travessura) perde sua força política (travêssa) para deixar lugar ao extermínio, ao fim da história, ao fim do jogo, à bola furada, ao lacre.

Queremos falar aqui da infrapolítica, da política dos afetos que nos atravessam, que marcam nossos corpos, que nos impulsionam aos deslocamentos, da política dos movimentos e das ocupações, da política da contestação, das experimentações, do direito humano de desejar e ir, e vir. Falamos da rua – espaço concreto das interações com outros eus – antes da cidade – espaço político desses mesmos eus tornados discurso e objeto do planejamento. Falamos da rua, das interações face-a-face, do que nossos corpos e nossos jeitos comunicam e falamos dos espaços comunicacionais que fazem cidades, essa outra dimensão política que compõe nossas existências.

Travessuras não reclamam direitos. Travessuras aguardam a boa compreensão de uma mensagem lúdica. E consideramos que fazer ver (teorizar) momentos políticos polarizados, extremados, letais, exige uma leitura atenta das travessuras em curso: quem são seus (inter)agentes, quais são seus lugares, seus momentos e quais são os desejos que as fazem existir no mundo. E, por fim, que mundo é esse onde as travessuras de nós todos podem existir ou são impedidas de existir, por significarem ousadias demasiadas face a um contexto global de dominação econômica e social (de classe, sobretudo, com suas ênfases específicas em certa cor e certo gênero) que minam espaços soberanos, consensuados, capazes de garantir travessuras e outras ousadias políticas empreendidas por corpos e desejos plurais.

Escolhemos falar antes de ruas, e não de cidades. Pensamos assim em valorizar as interações face-to-face, dos corpos com suas construções em situações concretas, passíveis de serem “incorporados” aos discursos ali, nas situações cotidianas, em vez de privilegiar espaços de discursos já construídos, como objeto da nossa atenção nesse SIIT. Pensamos em olhar os lugares de produção e de circulação desses modos, dessas falas e desses discursos fora das instituições difusoras de leis e notícias, mas em cima de calçadas, ruas, esquinas, ocupações, cotidianos. E com isso enxergar onde, como e por quem estão sendo construídos os espaços de direito e que formas de dominação eles abalam, por essa travêssa e desenvolta ousadia: a política das ruas.

FAZER-COM



OFICINAS PRÉ-SIIT



Uma das particularidades desta edição do SIIT em relação às anteriores é o fato de estar sendo sediado por quatro grupos no estado do Rio de Janeiro. Sendo o primeiro Simpósio da rede a ser sediado por vários grupos de pesquisa, o fazer coletivo foi assumido logo cedo nas preparações de organização como o modo de trabalhar deste grupo híbrido que se formava, não apenas para contemplar as distintas abordagens, mas ainda para que houvesse uma efetiva integração entre aqueles que pensam o encontro.

As escolhas de tema e modo de trabalho são já reflexo deste processo, em que os grupos-sede têm se encontrado regularmente, em reuniões e oficinas de trabalho. Esta iniciativa, na forma do que chamamos fazer-com, se radicaliza ainda na busca por integrar no processo de construção do evento, guardadas as limitações particulares, os grupos de pesquisa da rede externos ao Rio de Janeiro mas também grupos locais externos à academia.

Aos grupos de pesquisa da rede foi solicitada a participação através do envio de propostas de ação, a responderem a uma chamada que busca refletir ao máximo as percepções e afetações dos grupos locais sobre os espaços em que se realizará o evento. Grupos locais externos à academia têm sido agora incorporados aos momentos das oficinas de trabalho para a organização do evento.

Cada oficina realizada teve o sentido de coletivamente trabalhar algum aspecto do evento, como a temática ou o cronograma. Estas oficinas seguem acontecendo para que se culmine, em setembro, com a programação de atividades bem delineada. Apresentamos brevemente os registros das oficinas realizadas até aqui, esperando que possam inspirar as propostas de ação!



[OFICINA GPMC]



Como primeira oficina pré-SIIT, a atividade buscou disparar um processo de invenção coletiva da temática do evento. A proposição foi realizar uma Caosgrafia que, em síntese, configura um modo-jogo de construção coletiva de dizeres entre uma coletividade. Foi solicitado aos participantes que anteriormente ao encontro coletassem ou produzissem fragmentos a fim de constituir a matéria bruta a ser agenciada no jogo. Para orientar esta coleta propusemos como dispositivo-disparador os termos-chave da rede LAIIT “Imagem - Identidade - Território” em suas múltiplas intersecções com os temas de pesquisa, inquietações ou modos de fazer de cada grupo participante.

A Caosgrafia foi realizada nas dependências da ESDI contando com os seguintes momentos:



1. **ENROSCO:** Sequências de exercícios curtos, livremente adaptados de técnicas teatrais para ativar a atenção e um estado de presença que visa mobilizar os corpos e o corpo coletivo a potencializarem-se enquanto máquinas expressivas que maquinam(-se) (n)o jogo.

2. **ARCANOS:** Momento de apropriação geral de todos os fragmentos levados, agora atualizados como peças/cartas para elaboração de jogadas.

3. **TABULEIRO:** Formação de um plano de composição. Uma jogada deve deixar uma marca no tabuleiro e performar um dizer junto a essa marca. A partir de uma jogada inicial, cada nova jogada é provocada por afectações de outras jogadas. O tabuleiro faz-se como uma cartografia de afectos que espacializam e temporizam conexões, disjunções, rasuras e sobreposições, relações de proximidades, distâncias e intensidades entre as jogadas.

4. **DESPACHO:** Desdobramentos que estendem o jogo além das próprias fronteiras de seu acontecimento. Pensamos o momento despacho como uma livre conversa que, a partir da cartografia de afectos experienciada, sintetize as inquietações que pareçam mais potentes a constituir o tema geral do SIIT.

Como despacho, cada grupo incumbiu-se de elaborar um pequeno texto que conduzisse a experiência caosgraficamente partilhada à formulação de uma proposta de tema. Os textos produzidos podem ser lidos no site.





[OFICINA GPIT]



Para desencadear uma reflexão para pensar a forma e a estrutura do SIIT8, propomos uma oficina onde as palavras Atravessamento, Travessia e Travessuras são tratadas como dispositivos para o corpo em busca de relações Corpo-Corpo e Corpo-Espaço a partir do movimento.

O movimento dos corpos são estimulados por sons, sobretudo, pela palavra-dispositivo que cada participante recebe no início do exercício. No início, a busca pelo silêncio e o repouso. Depois a rua, como som, invade o espaço. Cada corpo inicia o movimento numa descoberta individual. O corpo em movimento e no seu silêncio busca o encontro de outros corpos que expressam o mesmo dispositivo. A ruptura do som urbano pela música manifesto muda o ritmo das relações e todos os corpos, cada um com a sua expressão, se reorganizam formando um só corpo: Ocupar o espaço compondo com os gestos dos outros corpos.





[OFICINA LADA]



A oficina proposta pelo Laboratório de Design e Antropologia (LaDA/Esdi/UERJ) teve o intuito de investigar os locais do entorno da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) que pudessem acolher atividades do seminário, para além das atividades clássicas esperadas em encontros acadêmicos, como mesas, falas e apresentações de trabalhos.

A Esdi está localizada no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro, foco de violentas reformas urbanas além de palco de muitas lutas. Com a oficina, buscamos possibilitar que essa rua e suas contradições estivesse presente tanto na elaboração do evento como em sua realização, proporcionando que a própria rua pudesse interferir no pensamento produzido ao longo do percurso.

Para mapear esses locais e as melhores formas de ocupá-los, foi realizada uma oficina dividida em três momentos: 1) um primeiro momento em que os integrantes dos grupos foram divididos de maneira aleatória em quatro direções: a própria Esdi, sentido Cinelândia, sentido Passeio e sentido Arcos da Lapa; 2) um segundo momento em que os grupos exploraram essas direções através de uma caminhada e foram tomando nota sobre os espaços, como se sentiam nos locais, quais atividades pareciam viáveis em cada um deles; 3) um terceiro momento em que os grupos retornaram à Esdi e conversaram sobre suas anotações, questões e propostas. O resultado desse trabalho foi incorporado na chamada de trabalhos e pode ser conferido página [fazer-com lugares](#).



[OFICINA GPDU]



Para nós (enquanto Grupo de Pesquisa em Desutilidades Urbanas), falar antes de ruas que de cidades é uma tática - ação provisória, precária mesmo, como conceitua o historiador francês da *Invenção do Cotidiano* -, é movimento interessado em fazer saltar processos micropolíticos em jogo nas composições e disputas urbanas. De certa forma, "ruas" em nossos dizeres é um modo de recusar dizer d'A cidade, ou mesmo d'As cidades, como simples variações/modulações de uma ideia sempre igual a si mesma. Há algo no dizer "rua" que - para nós, nesse momento - aciona uma certa afecção/memória/imagem na qual um corpo está sempre em jogo: nosso corpo, outros corpos, corpos outros (como outramento de um corpo que insiste em dizer-se uno/eu/meu). E se o que está em questão é fazer saltar disputas para um "estilhaçamento" d'A cidade, são esses *corpos outros* que nos interessam sobremaneira: ressoam movimentos, tensões, e podem dissuadir-nos das substancializações e binarismos delas decorrentes. Deste outramento, pois, constituímos nosso dispositivo para tomarmos a rua, isto é, a *palavra* rua: balbuciá-la, contá-la, cantá-la, rabiscá-la, fazê-la simples sonoridade e ocupá-la com nossos *corpos-outros*.

Dizemos, assim, “infância-dispositivo” como outramento de nossas corporeidades cotidianas: agenciamento, composição, fortalecimento de fios minoritários, puídos, ruídos, insistentes em nós. Não como resgate ou retorno a um estado primeiro, original, autêntico, mais puro, ou coisa que o valha, mas sim como modo de operar a/na linguagem, num movimento do sempre inaudito que salta - espantosamente - do “mais uma vez!”. Infância como experiência extrema da pele (toque/tato/atrito), porosidade que habita o mundo e na qual o mundo habita: limiões, borrimentos do dentro e do fora. Infância como modo insolente, atrevido, de indagar palavras, espaços, modos, razões, limites, possíveis, sentidos, finalidades, utilidades... e burlá-las, sabotá-las, rir de suas solenidades, desfazê-las, como se simplesmente saber para que servem as coisas fosse quase uma tolice completa; é então preciso saber, no mais das vezes, “o que podem?”, saber de suas *desutilidades* - como aprendemos com o poeta matogrossense. E indagar isto tudo sem demora, sem titubear, como se o *tempo* de agora fosse a última chance, precipício do mundo, urgência inapelável. Infância como coragem nas travessias; não em favor de nós mesmos - vivências pessoais, querer, realizações destas subjetividades capitalísticas abarrotadas de si - mas por algo como uma certa mundanidade, uma incrível capacidade de inquietar-se pelo outro a ponto de fazer-se outro, experimentar até mesmo ser objeto - mimética do mundo -; mais ainda, por um *amor-mundi*, no sentido mesmo arendtiano, marcado, pois, pelo cuidado e, ao mesmo tempo, pelo revolucionário.





Nossa proposta de ação consiste em um trabalho de imersão nestes sentidos aqui expostos, de modo que, mais do que informações, compreensões conceituais, estes possam fazer parte de um repertório da experiência que nos trama como Rede. Essa imersão se dá através de exercícios corporais que mesclam estratégias teatrais, contação de história e experimentações lúdicas que visam dar consistência ao “dispositivo infância” acionado em nós. Deste trabalho, desdobra-se um segundo movimento da oficina que consiste em fazer funcionar um *modo-travessura-na-rua* como um jogo que se desenvolve à medida em que seus jogadores (sozinhos ou em grupos) percorrem trajetos, ocupam espaços, criam modos de estar, adornam, criam instalações que dão lugar à seguinte prosa: **“isto é apenas uma rua (uma placa, um banco, uma rampa...), mas se eu fosse criança...”**. Dar lugar a esta formulação base do jogo é, ao mesmo tempo,

Fazer-se jogador e convidar outros jogadores improváveis - atores diversos da rua-tabuleiro com quem pudermos compor “atravessamentos” das ruas.

Não propomos outra coisa senão uma *oficina de desutilidades urbanas*, como nosso modo próprio de adentrar arenas, de nos posicionarmos nestas disputas, fazermos-nos atentos aos efeitos das substancializações, dos binarismos, dos primados da utilidade, e, no mais urgente disto tudo: às táticas de enfrentamento às violências cotidianas engendradas por dizeres *A cidade* e *A subjetividade*, em suas arrogâncias, fascismos e completa falta de graça.

Enfim, ao SIIT 8 lançamos o convite para emPEREQUETarmos corpos, ruas e palavras; e, das graças que disto pudermos recolher, observarmos, como o fez o menino berlinense, “que não há melhor ponto de partida para o pensamento do que o riso”.



Street Shoes
CON O DOS PÉS

FRANÇOISE

FRANÇOISE

WESTERN

5.00

10.00

[OFICINA LEMETRO]



A oficina proposta pelo LeMetro/IFCS-UFRJ e pelo Centro Carioca de Design (CCD) recebeu alguns convidados externos para tomarem corpo como novos participantes do SIIT. Nos concentramos no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, situado no Largo de São Francisco, e descemos por suas imponentes escadarias rumo a uma travessia cujo destino seria a Praça Tiradentes, onde se localiza o CCD e muitas histórias da música, da dança, do teatro e das esquinas do Rio. Nos adereçamos e partimos em modo carnaval. Escorremos pelo pátio do IFCS, sendo logo percebidos por seguranças e faxineiras. Estas riam, aqueles avaliavam. Aquelas tímidas, estes dispostos. Estados de espírito distintos: observadoras da brincadeira, observadores da ordem. Saímos pela boca do Instituto e já ali, em frente, moradores-de-rua-do-Largo de São Francisco soltavam palavras de festa. Entendendo o espírito da coisa, um deles criou corpo com a nossa batucada: “já estou incorporado!”. Com sua vulvuzela, imprimiu novo ritmo ao nos fazer mudar do baião para o funk e roda ao seu redor.

Pela Rua do Ouvidor singramos até a Uruguaiana, onde camelôs colaboraram para a sonoridade com suas cornetinhas-de-copa-do-mundo. Bolivianos vendedores de roupas infantis olhavam. Senegaleses vendedores de óculos escuros também. Camelôs brasileiros melting-pot se dispunham um pouco mais, aproveitando a passada do cortejo para exhibir suas mercadorias: as que faziam barulho animavam seus vendedores a aderir ao corpo-travessia.

Na rua Sete de Setembro entramos no caminho do VLT. Da Cavé, da loja de motos, da loja de tecidos, vendedores e clientes se voltaram para ver a brincadeira num dia comum. “É chá de bebê?”, indagou um passante. Uma mulher, de short e miniblusa, aproveitou a deixa para rebolar. Um amigo seu também. Nos viramos para eles e tocamos para que pudessem continuar nessa soltura. Mais adiante, uma outra, parada com um amigo à porta de um restaurante, também de short, mas de salto alto, rebolou até o chão. Do outro lado da linha do VLT, mais uma, alta, de vestido decotado, entrou na nossa roda e dançou rebolando, também até o chão. Mais alguns passos e dessa vez foi a loura, de blusa colante vermelha e saia preta que nos atraiu pro rebolado. Um homem tirou o pandeiro da mochila, fez que ia dar um show pedindo para abrir a roda. Suspense e... dali saiu correndo. Inesperada performance: fuga! Atravessamos a Sete de Setembro despertando a face de – até ali, discretas – alunas das aulas de gafieira.

CorpoRua: operários de uniforme cinza, óculos escuros e capacetes amarelos param para decifrar o cortejo. Nos letreiros de uma loja, “CABELOS HUMANOS”, em letras garrafais. Na concorrente em frente, “cabelo + mão-de-obra” tem preço combinado. Imbatível. Na amplidão da Praça Tiradentes (sem grades) fomos logo atravessados por um morador da praça. Fizemos a roda e ele tomou assento com seu cobertor. Foi o único que preparou o terreno para sentar, enquanto nós sentamos diretamente sobre castigadas pedrinhas portuguesas. Na roda, quem se apresentava acendia uma vela. Não falamos sobre a experiência daquela travessia nem da travessura, especificamente. Dizemos roda como roda de apresentação de si e do siit de cada um de nós, de novo, atualizando algo que tem se feito possível e desejado em nossas oficinas: dizer de si dizendo nós. Cada vez, um a mais. Atravessamentos.



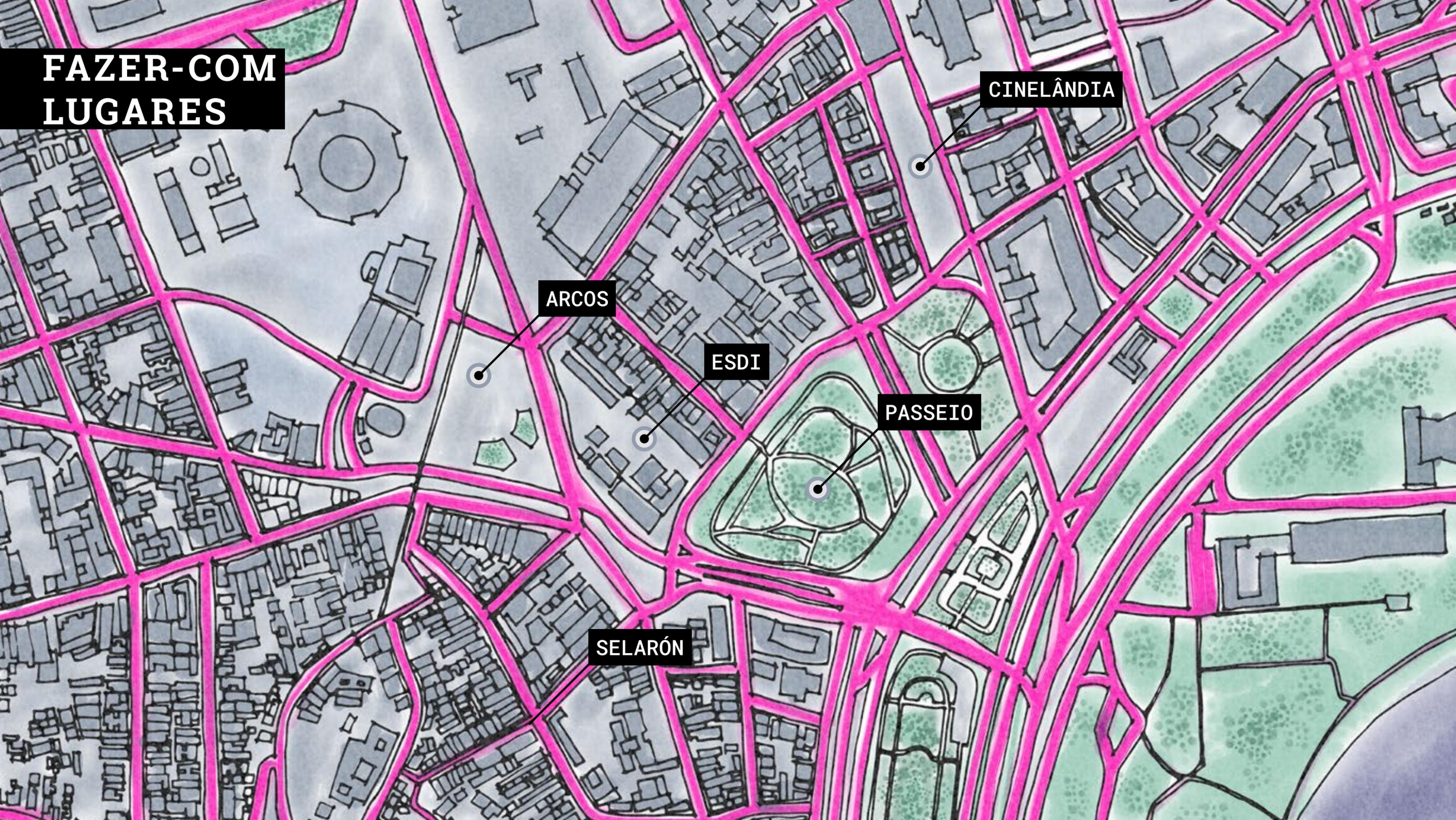
Na roda, MV Hemp falou em tranca-rua tendo como referência policiais nas favelas. O panteão religioso afro-brasileiro diz rua, mas faz dela o seu abre-caminhos, dando nomes para manifestações de CorposRua: “exu”, “seu tranca”, “pomba-gira”. Nossos deuses estão na rua e podem se revelar a qualquer momento. Indianare chegou em cima do laço, tomou lugar na roda relatou a impugnação de sua pré-candidatura no PSOL. Roda desabafo. Discurso político. Jacaré, morador da praça, comungava da cachaça NuVemNem, tendo chance de se espantar, diante do inusitado, naquela que para nós era mais uma oficina Siit.

Segue o baile! E o que fizemos ver, praticando nossas teorias na travessa travessia: 1) quem trabalha o movimento logo entra na dança. 2) Moradores de rua logo se dispõem a fazer barulho, cantar e gesticular amplamente. Corpos livres, suas intervenções são suas. Não se constroem com as situações: as observam. E entram em cena. Amam entrar em cena. Despacho feito, Bilisco e Carol chamam para a dança. A roda se expande e se movimenta. Dois senhores perguntam o que estamos fazendo. Ouvem de Marcela que é despacho. “Pro jogo?”. “Não, planejamento urbano”. Curiosidade na cidade sem medo.

Desfeita a roda, voltamos pra casa. Do nosso voodoo sobressai: a Praça Tiradentes não tem grades. É atravessada constantemente por pessoas. Mas, também, por viaturas. Seu privilégio de não ter grades talvez se deva a isso: é lugar definido, pela administração local, para ser atravessado em capturas e perseguições. Nada a ver com transeuntes. Nada a ver com a gente. A noite avança e com ela a notícia de um final de dia: STF autoriza que guarda municipal porte armas de fogo. City down.



FAZER-COM LUGARES



CINELÂNDIA

ARCOS

ESDI

PASSEIO

SELARÓN

As propostas de ação tinham liberdade para indicar a sua realização naqueles espaços julgados adequados para o desenvolvimento de suas potencialidades. Como ponto de partida, foi sugerido que as atividades acontecessem em lugares destas quatro áreas, identificadas no mapa acima: ESDI, Lapa, Cinelândia, Passeio Público.

Para cada uma destas áreas foi realizada uma exploração prévia pelos grupos locais. Através de uma oficina de trabalho foram mapeadas características desses espaços, identificando aí potenciais, limites, situações, tensões, etc. Montou-se então uma pequena cartografia que visava informar os proponentes de trabalhos à composição de suas propostas ao SIIT, considerando já os possíveis locais de sua realização. Nesta cartografia estavam indicados alguns elementos de que as atividades poderiam fazer uso em cada lugar. Encontrar as melhores correspondências entre desejos dos proponentes, limites e potenciais de cada lugar e seus respectivos dispositivos se configurava já como estímulo e desafio à elaboração das propostas. É importante ressaltar que este material apresentava a leitura por parte dos participantes desta oficina, e de forma alguma pretendia ser uma avaliação exaustiva ou absoluta das potencialidades ou limitações destes lugares.

Propusemos, com esta forma experimental, trazer a rua à academia e levar a academia para a rua, a fim de que atividades e espacialidades se co-constituíssem por atravessamentos típicos das situações corporua. Havia uma expectativa de que se operasse na temporalidade do encontro uma travessia coletiva em direção a modos de fazer mais abertos, que implicassem o diálogo entre o saber acadêmico e outros saberes e a assunção do risco do encontro: da travessura, da indeterminação e, sobretudo, da transformação dos corpos, sujeitos e espaços no processo do “pensar junto”.



ESDI

Características do lugar:

Campus universitário instalado sobre antiga vila militar, ocupando em parte um miolo de quarteirão que vai desde o largo da Lapa (Praça Cardeal Câmara) até o Passeio Público, e próximo da Cinelândia. O campus tem espaços internos de salas de aula, laboratórios e oficinas, e um rico espaço externo. Os prédios principais se organizam ao longo de uma rua interna denominada Boulevard e ao longo do muro que separa o campus da Lapa existe uma área de laboratório sobre design plantado, com horta e pomar. Recentemente, uma entrada para o campus a partir do Passeio foi aberta, perto da qual existe uma cozinha coletiva, com ampla mesa e bancos na parte externa. Há a possibilidade de uso para atividades gastronômicas durante o SIIT. Logo ao lado, a aleia, um grande espaço aberto de acesso ao campus.

Os espaços limiars/limites são importantes. Assinalado nessa análise, o muro que faz frente ao largo da Lapa, ao longo da qual se organiza uma fila da sopa por moradores de rua (no lado externo à ESDI). O muro bloqueia quase completamente a troca com essa vida que se desenvolve na rua.

Espaços internos: Salas de aula/atelier de design, Laboratórios de pesquisa e Oficinas de construção de protótipos, com trabalho em madeira e metal, oficina de impressão gráfica, cozinha coletiva.

Espaços externos: Boulevard, espaço de acesso pelo passeio, horta/pomar (espaço verde).

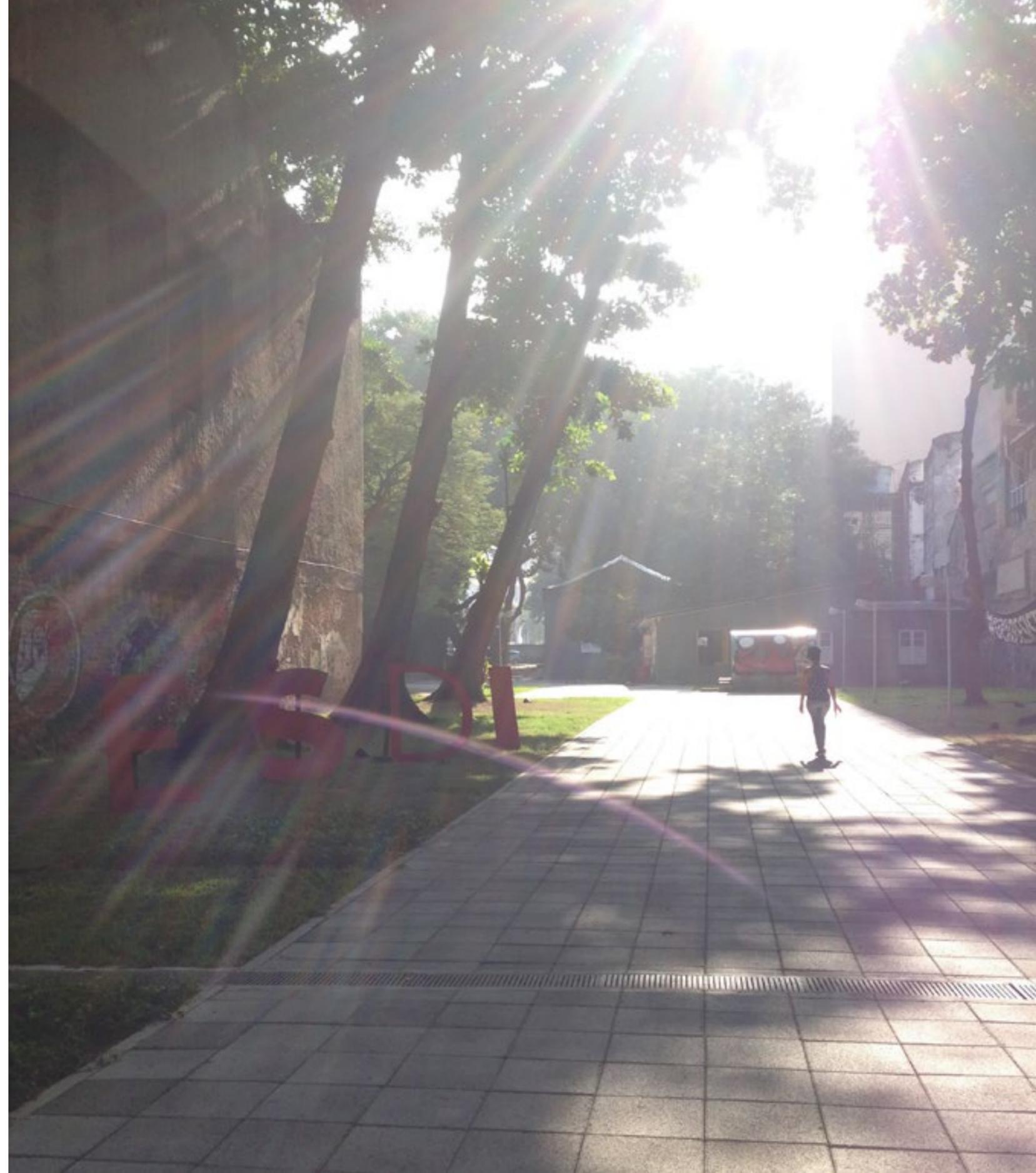
Limiares com o exterior: Muro para a Lapa, Largo da Lapa.

Para ver no google maps:

<https://goo.gl/maps/s44rXfNVJc32>

Para mais informações:

<http://www.esdi.uerj.br>

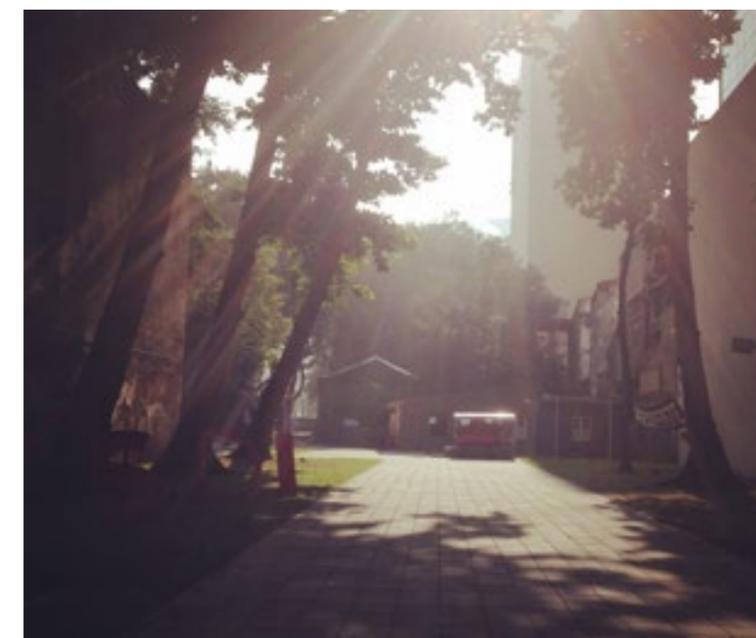


Potências:

- Os espaços das oficinas podem abrigar atividades para produzir objetos e dispositivos a serem utilizados em outros momentos do evento;
- Chão de paralelepípedos, granito, terra e grama, com áreas cultivadas, secas e molhadas;
- As áreas internas de sala de aula e atelier se prestam tanto a atividades acadêmicas mais tradicionais, como também podem funcionar como enormes salões, para projeção de filmes, desenhos, atividades corporais, palestras;
- O boulevard se presta a ser “carnavalizado”, recebendo uma ocupação-cor pela duração do evento;
- O muro de limite com a Lapa, embora seja também um obstáculo, é o elemento que permite uma troca da escola com a rua - muro como travessura e travessia;
- O Largo da Lapa, embora tecnicamente fora do espaço da ESDI, pode ser área de “expansão” da escola e de “atravessamentos”, para trabalho coletivo na rua;
- A cozinha coletiva pode ser um espaço de cozinhar colaborativo durante o evento, em que se encontram práticas e ingredientes de cozinha diferentes entre todos aqueles que participam.

Desafios:

- Como vazar os muros da escola e fazer com que esta seja tomada pela rua e vice versa.
- Tornar a ESDI, durante o SITT, um espaço “atravessado”, uma rua com múltiplas apropriações pelos presentes.
- A própria imensidão do espaço.
- Compatibilizar as atividades do SIIT com as atividades regulares da Escola. Em geral, pelas manhãs, as salas estão todas ocupadas com aulas. Pela tarde, poderão ser reservados alguns espaços para as atividades do SIIT.



ARCOS DA LAPA

Características do lugar:

O Largo da Lapa é um território aberto em pleno centro da cidade. Tem, como marco territorial, os Arcos da Lapa, antigo aqueduto do século XVIII e, como vizinhos famosos, o Circo Voador, a Fundação Progresso, a Sala Cecília Meirelles, Igreja N. S. do Carmo, a Escola de Musica da UFRJ e também a própria Esdi/UERJ. O conjunto arquitetônico colonial contrasta com uma massa de construções modernas como Catedral e Prédio da Petrobrás.

O lugar é, portanto, uma referência dos modos de vida carioca pela sua própria mistura sociocultural na boemia e na malandragem: música clássica, samba e choro, e Rock convivem em conflito e complementaridade com a cacofonia de outros sons urbanos.

Na sua concretude, trata-se de uma imensidão cuja travessia se faz normalmente a passos rápidos, tendo como ponto de referência o monumento vertical e o chão de pedras formando um enorme círculo que, apesar de inóspito, ainda chama um povo ausente para uma possível assembléia.

Para ver no google maps:

<https://goo.gl/maps/bdUBAg1MVEp>

Para mais informações:

http://visit.rio/que_fazer/arcosdalapa/http://www.infopatrimonio.org/?p=20733#!/map=38329



Potências:

- Espaço aberto em pleno centro da cidade: deserto ou oásis dependendo do ponto de vista;
- Chão de pedra com formas circulares que convida a jogos ou atividades de roda;
- Presença de um jardim agroflorestal no olho d'água da antiga Lagoa do Boqueirão;
- Mutiplicidade de possíveis parceiros atuando no lugar;
- História com "H" maiúsculo e outras histórias...

Desafios:

- Ausência de proteção em caso de chuva ou vento;
- Presença / circulação de pessoas diversas (turistas, transeuntes, pessoas em situação de rua). Em conversas com freqüentadores, foi mencionada a falta de segurança;
- A própria imensidão do espaço.
- Autorização da prefeitura para determinados tipos de atividades;
- Infraestrutura de conforto limitada (lugar para sentar, energia elétrica, banheiro, água).



CINELÂNDIA

Características do lugar:

Cinelândia ou Praça Floriano é um largo na região central do Rio de Janeiro aberto durante as obras de construção da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco). O largo fica a duas quadras de distância da ESDI e é cercado por grandes construções da primeira metade do século XX: estão ali o imponente Theatro Municipal, a antiga sede do Supremo Tribunal Federal, a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes e a Câmara Municipal.

É um espaço de entretenimento desde os anos 30, quando passou a ser conhecido por Cinelândia. Firmou-se ao longo dos anos como um dos principais locais de concentração de manifestações políticas na cidade, desde as passeatas contra ditadura em 1968, às grandes manifestações de 2013 até os dias de hoje. Entre atos, comícios, ocupações, assembléias populares, a cinelândia segue se atualizando na memória das lutas populares.

Local de grande circulação e servido de diversos transportes públicos (metrô, ônibus e VLT) é atravessado pela Avenida Rio Branco, agora fechada para carros, que possui via para pedestres e bicicletas, estimulando esse fluxo contínuo de passantes.

Para ver no google maps:

<https://goo.gl/maps/4u4gXzHDVfQ2>

Para mais informações:

<https://www.wikirio.com.br/Cinel%C3%A2ndia>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cinel%C3%A2ndia>

<https://goo.gl/maps/RxMxgw4mayj>



Potências:

- Espaços amplos adequados para ações diurnas e ao ar livre, bem como para atividades em grandes ou pequenos grupos;
- Transeuntes acostumados com intervenções artísticas/políticas/culturais, é possível mobilizar e engajar pessoas e convidá-las a fazer junto. Horários matutinos ou ao final da tarde servem à interação;
- Espaço com bancos, sob árvores, próximo ao Teatro Municipal recebe bem grupos menores;
- O largo é grande, com muita vida, diferentes sons, cheiros dependendo de onde você se localiza, pode ser interessante potencializar o reconhecimento dessas diferenças;
- Bares do entorno podem receber ações noturnas;
- Muitos transportes públicos e prédios históricos ao redor da praça, pode ser pensada alguma ação neste sentido.

Desafios:

- Sons da cidade (dependendo da atividade o barulho pode atrapalhar ou será necessário prever o uso de microfone e som);
- Chuva ou frio (verificar a previsão do tempo);
- Infraestrutura de conforto limitada (lugar para sentar - é possível levar cangas e sentar no chão, energia elétrica, banheiro, água - há restaurantes que permitem utilização do banheiro).



PASSEIO PÚBLICO

Características do lugar:

Parque público (o primeiro das Américas), projeto original de Mestre Valentim, posteriormente transformado pelo paisagista francês Glaziou. Localiza-se em frente à ESDI, entre a Lapa, a Cinelândia e o Aterro do Flamengo, com amplos gramados arborizados, esculturas e uma lagoa sinuosa cruzada por pontes. É gradeado e funciona das 9h às 17h, diariamente.

Apesar da localização central e ambiente de natureza exuberante, o Passeio apresenta utilização muito baixa pelos transeuntes da região central. Seu cercamento por grade e apenas dois acessos para uma mesma rua contribui, sem dúvida, para isso. Estes fatores possivelmente relacionam-se à apropriação do parque por pessoas em situação de rua, que aí encontram refúgio e tranquilidade. Recentemente tem recebido eventos culturais abertos como o festival “O Passeio é Público”.

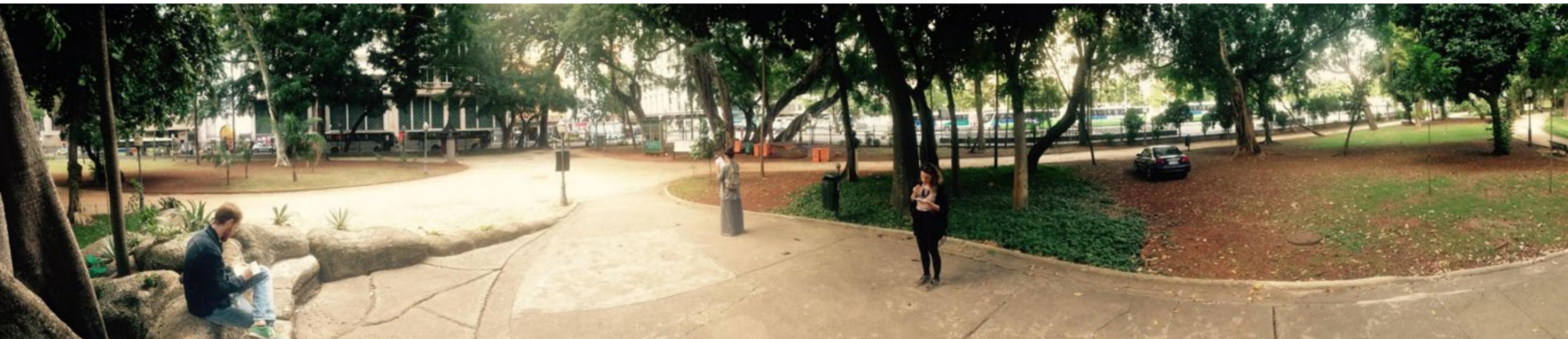
Para ver no google maps:

<https://goo.gl/maps/aaLjtrHV4zs>

Para mais informações:

<http://www.passeiopublico.com/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Passeio_Público_\(Rio_de_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Passeio_Público_(Rio_de_Janeiro))



Potências:

- Espaços amplos adequados para ações diurnas e ao ar livre, bem como para atividades em grandes ou pequenos grupos;
- Árvores centenárias, plantas, pássaros, peixes, patos, água, gramados, caminhos de terra batida no centro da metrópole são um convite aos pés descalços e à lentidão;
- Ampla área gramada favorável para ações voltadas a práticas corporais (ex.: dança, yoga, circulares, etc.);
- Sinuosos passeios que convidam à deambulações peripatéticas: conversas itinerantes e apresentações ao longo de caminhadas pelo parque;
- Espaço côncavo semicircular conformado por um banco de pedra à sombra de uma belíssima figueira onde podem acontecer atividades de integração e convivência tais como apresentações e rodas de conversa;
- O parque é localizado exatamente em frente à ESDI o que facilita a integração entre ambos os espaços e acesso às conveniências da escola como água e banheiro;
- Seu gradil, elemento físico que desencoraja o uso e a apropriação do parque, estimula, contudo, a imaginar intervenções de carácter visual, expositivo, provocativo e performativo. No entanto, essas possibilidades são desafiadas pela exigência de autorização por agentes públicos. Se aceito o desafio, e a ação enveredar pela aposta na autonomia cidadina não tutelada pelo Estado, é importante saber que a Guarda Municipal possui um posto no interior do parque.

Desafios:

- Sons da cidade (dependendo da atividade o barulho pode atrapalhar ou será necessário prever o uso de microfone e som);
- Chuva ou frio (verificar a previsão do tempo);
- Limite de horário de funcionamento;
- Baixa circulação de pessoas pode gerar sensação de insegurança;
- Autorização da prefeitura para determinados tipos de atividades;
- Infraestrutura de conforto limitada (lugar para sentar, energia elétrica, banheiro, água).



ESCADARIA SELARÓN

Características do lugar:

Selarón é uma obsessão assassinada.

Selarón é um delírio em vermelho, e um cometimento em verde e amarelo.

Selarón tem a forma de largos degraus que rumam pra depois.

Selarón é uma obra arquitetônica/urbanística localizada a 10 minutos à pé da ESDI, caminho descolado entre Lapa e Santa Teresa.

Selarón é Jorge, um artista chileno radicado no Brasil de longa data, encontrado morto carbonizado em 2013, na escadaria que fez tornar-se Selaron calçando-a com infinitos ladrilhos coloridos.

Selarón é via pública aberta, não tem horário de funcionamento, mas de noite lá para cima é esquisito. Oferece cores vibrantes e a largueza de seus muitos e largos degraus como um convite a. Na parte baixa, onde deságua na Joaquim Silva, em frente ao Ximeninho, quase que dá pra dizer que almeja ser um anfiteatro. O Ximeninho, esse boteco point de artistas de teatro do centro, atuando de coro grego, é claro. Em tardes de sol tem self de turistas e venda de ladrilhos e outras drogas (mas dá pra subir um pouco mais). Por vezes rola um som gospel e pequenos furtos desavisados. Rien n'est parfait.

Para ver no google maps:

<https://goo.gl/maps/SeoCyY7YWNx>

Para mais informações:

<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4355237>

<http://selaron.weebly.com/histoacuteria.html>



Potências:

- Escadaria que pode funcionar como anfiteatro diurno ao ar livre, para grandes ou pequenos grupos;
- A intensidade das cores em mosaico e a forma de escada longa, assim com a própria história do local são possíveis elementos de instigação e conotação dos conteúdos corporalavrórios ali jogados;
- Atividades de integração e convivência tais como apresentações e rodas de conversa encaixam-se bem ao local;
- A vizinhança com o bar Ximeninho permite acesso a alimentos, água e banheiro.

Desafios:

- Sons de origem diversa (dependendo da atividade o barulho pode atrapalhar ou será necessário prever o uso aparelhagem de som);
- Chuva ou frio ou calor em demasia;
- Presença / circulação de pessoas diversas (turistas, transeuntes moradores, pessoas em situação de rua, traficantes);
- Conforto limitado (o lugar para sentar seriam os próprios degraus da escadaria).





CHAMADA PARA TRABALHOS

Sob a provocação geral “CORPO RUA: travessias, atravessamentos, travessuras”, e o desafio de “fazer com”, o 8º SIIT propôs quatro campos à reflexão como desdobramento temático:

1. **MODOS DE AÇÃO** (investigação e experimentação) dos corpos na rua;
2. **TRAVESSURAS POLÍTICAS** referente à expressões e repertórios não tradicionais da prática política;
3. **CORPOS, TRAVESSIAS E ATRAVESAMENTOS** referente à consideração dos corpos e subjetividades (individual e coletivamente) como entes políticos em movimento de transformação de si e do campo social, como multiplicidade de diferenças em tensão, muitas vezes sob o signo da violência;
4. **RASURAR MEMÓRIAS, DISPUTAR IMAGINÁRIOS URBANOS** referente à disputa discursiva concernente ao que é enunciado como passado, presente e futuro.

As submissões de propostas de ação pelos grupos integrantes da rede deveriam ser feitas com o maior grau de liberdade possível em diálogo com o material que o Comitê Executivo, a partir das oficinas realizadas com ampla participação dos grupos-sede, disponibilizou.

Havia possibilidade para atividades de toda ordem: apresentações de trabalhos, debates, oficinas, instalações visuais, etc. Todo tipo de atividade seria considerada ação, sem hierarquia de importância. Uma ação de “apresentação de trabalho” pode acontecer, por exemplo, numa sala da ESDI, numa mesa de bar na Lapa, ou na forma de uma caminhada peripatética nos jardins do Passeio Público. Caberia ao proponente agenciar sua ação com o espaço, o grau de imprevisibilidade que este poderia trazer, e os recursos que lhe parecessem potencializar o tema que desejaria propor ao encontro.

As ações propostas deveriam levar em conta o material disponibilizado, bem como a indicação de que os momentos principais a que se privilegiaria a realização de ações seriam de até 2 horas na parte da manhã e de até 4 horas na parte da tarde, conforme pode ser visualizado na PROGRAMAÇÃO a seguir.

PROGRAMAÇÃO

	2ª feira 24/09	3ª feira 25/09	4ª feira 26/09	5ª feira 27/09
Manhã	TRAVESSIAS	DES[A]GRUPA Corpos em intervenção CENTRO CARIOCA DE DESIGN 9h-11h	ENTRÓPICOS Composição em metáfora: rescaldo das ruas ESDI-PROJEÇÃO 9h-12h	JOGOS POÉTICOS Piquenique Antropofágico PASSEIO PÚBLICO 9h-12h
		OLHO Coreoturismo LARGO DA LAPA 11h-13h	GPDU Perequetê ESDI-PROJEÇÃO 9h-11h	MV HEMP ENJOY CorpArua: oficina criativista RUA JOAQUIM SILVA 9h-12h
Tarde		ALMOÇO 13h-14h30	ALMOÇO 12h-13h	ALMOÇO 12h-13h
		EL GIRO AFECTIVO UBA Cuerpos, afectos y espacios ESDI-PROJEÇÃO 14h30-16h	CIDADES & SIGNOS AQUI FORA Muro em ponta de faca: uma pulsão MCZRIOMCZ CINELÂNDIA 13h-16h	NORDESTANÇAS Dia de Feira SAARA, URUGUAIANA 13h-16h
Noite		GPIT Pátio da Glorinha ESDI-ENTRADA 16h-19h	CASA NEM TransLambe CINELÂNDIA, LAPA SELARÓN, PASSEIO 13h-16h	GPDU Grafias sobre grafias sobre grafias ESDI-PROJEÇÃO 13h-16h
		CREDENCIAMENTO 16h	NORDESTANÇAS Sons do Sertão ESDI-BOULEVARD 16h-19h	FERNANDO RUBIO #2 Yo no muero, ya no más ESDI-PROJEÇÃO 16h-18h
		FERNANDO RUBIO #1 Yo no muero, ya no más ESDI-PROJEÇÃO 17h-19h	LANCHE	LANCHE
		LANCHE	LANCHE	LANCHE
		ATRAVESSAMENTOS Ramiro Rojas + Luciana Melo ESDI-3ºANO 19h-21h	ATRAVESSAMENTOS Iazana Guizzo + Renato Emerson ESDI-3ºANO 19h-21h	ATRAVESSAMENTOS Mariana Borges + Renato Emerson ESDI-3ºANO 19h-21h
				ATRIZES OU... Brincando ESDI 18h-19h

* Para as atividades que acontecerão na rua, o ponto de encontro inicial será na ESDI.

** Em caso de chuva, as atividades externas poderão ser remanejadas para a ESDI ou para o Centro Carioca de Design (CCD) conforme disponibilidade de salas.

FESTA DE ENCERRAMENTO

ATR

AVENUE

AMENITY

0

as quatro estações

SIIT8: TRAVESSIA À TRAVESSURA DA DESRAZÃO

GPMC

Frederico Araujo, Heitor Praça e Gabriel Schvarsberg

¹ Arlt, R. (1942). Notas a um romance, reproduzido em "Nombre Falso", p. 125, in Piglia, R. (2017). Nombre Falso. Barcelona, Contemporánea, pp. 101-182. Taxado meu.

Creo que a nosotros nos ha tocado la misión de asistir al crepúsculo de la piedad y que no nos queda otro remedio que escribir deshechos de furia para no salir a la calle a tirar bombas ...¹

breves palavras pra não dizer que (aqui) não se fala de 'as quatro estações' (e nem do inferno e nem de memória e nem de)

O que segue, depois de certa marca que poderás facilmente decifrar, são mal traçadas e ligeiras escrituras, quiçá em modo alegórico, quiçá em forma de despedaçadas narrativas, que se engendram como memoriações de acontecimentos, memoriações portanto de sentidos de coisas ditas acontecidas que se enfeixam sob um grafismo misterioso _SIIT8_, do qual apenas trarão pistas múltiplas e descabeladas que poderás seguir, se te aprover, uma, sete ou setenta e sete e mais outras também, tornando esse grafismo o nome de um enigma. Fazendo-o teu enigma.

Memoriações, convém esclarecer, entendidas como atos de significação (constituição imbricada de significantes, significados e sentidos), impregnados de desvios incontrolados, incontroláveis, que se fazem a partir do acionamento voluntário e/ou involuntário, e/ou do esquecimento de matéria bruta suposta presente e constituinte do inefável corpomente humano, amálgama de imagens (formas e cores) e sensações (texturas e pressões e temperaturas e odores e paladares e sons) e narrativas bárbaras e valores e juízos e fúrias e.

Uma das pistas múltiplas e descabeladas, não se sabe o porquê nem em que alucinada hora da tarde foi criada, já aqui se adianta mesmo antes da tal marca de passagem enunciada. O caminho das memoriações SIIT8, ou com maior apuro, das memoriações que dizem do inventar o que esse nome encripta, desdobram-se em traços de duas tradições que de distantes só têm a irrevogável determinação de Cronos, tão próximas estão como pura arte: a de Dante e a de Vivaldi.

A Divina Comédia a incitar que essa memoriação labiríntica, para que possa do signo SIIT8 dizer luzes e sombras e borboletas e pequenos segredos, seja como o adentrar ao inferno sem nele se perder e ficar, andadura somente possível se guiada pela poiética ação da linguagem. Como, com precisão de bisturi, diz alguém na busca de palavras que teçam certo enredo entre pânico e desamparo: “O imortal Virgílio, ‘esta fonte que derrama tão grande rio de linguagem’² aparece como aquele que pode sustentar o homem em sua viagem até o mais profundo dos círculos do inferno. Ele é o acompanhante fiel que permite aos mortais fazer face à pavorosa advertência inscrita no fatídico portão: ‘Vós que entraís, deixais aqui toda a esperança’³. A potência criadora da linguagem apresenta-se aqui, às portas do inferno, como o único guia capaz de ir ao mais profundo do desespero humano sem nele se perder, conquanto possa sustentar sobre esse desespero um discurso híbrido: ao mesmo tempo sábio e poético”.⁴

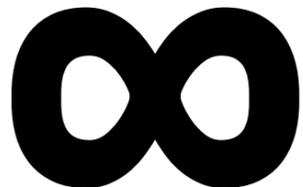
Vivaldi em seu lirismo sonoro, como a dizer “venham” a esse eterno retorno de As Quatro Estações, poemas explodidos em música, movida sem fim, imersão sem volta, aqui particular modo de corporearpalavrear(se) SIIT8. Mergulho em caminhos bifurcantes entrecortados da leveza de voos de pássaros e cores floridas, e ameaçadores rugidos de trovão e luzes escaldantes e peles áridas. Mergulho poiético como o de Dante ao inferno, ao purgatório e ao paraíso, som de violino e orquestra na vereda da tensão entre a harmonia racionalmente regrada e a criação de livre inspiração.⁵

² Dante, A. A Divina Comédia. Inferno, Canto I.

³ _____ Inferno, Canto III.

⁴ Pereira, M. E. C. (2008). Pânico e Desamparo: um estudo psicanalítico. São Paulo, Escuta, p. 26.

⁵ As Quatro Estações fazem parte de uma série de doze concertos para violino e orquestra compostos por Vivaldi, intitulada *Il cimento dell'armonia e dell'invenzione*. “Harmony’ here means the strictness and rationality of the rules of composition, whereas ‘inspiration’, ‘extravagance’ and ‘invention’ are various terms denoting the free use of fantasy and inspiration. In op. 8, published in Amsterdam by Le Cène, the two aesthetic ideas are explicitly given a ‘test’ in a continuing relationship of opposition and integration”. (<http://www.ilgiardinoarmonico.com/il-cimento-dellarmonia-e-dellinvenzione-part-ii/> Acesso em 27/03/2019)



As memoriações SIIT8 adiante grafadas, portanto, escrituradas sob a luz poiética dessas tradições da arte, conformam caminhos languageiros por estações que não são mais do que constelações de dizeres (escritos, imagéticos), em conjunção ou conexão ou disjunção, constituídos pelo atrator de determinados dispositivos secretamente operados. Cada um desses dizeres em si e cada enrosco deles em constelação e a galáxia com isso tudo desenhada, expressa traços de travessias e atravessamentos e travessuras de memoriações SIIT8 que digo “minhas”. Sinta-se à vontade para esquece-las ou rouba-las e com elas tecer as tuas próprias e conta-las ao vento.

outono

1º Andamento

*O camponês celebra com canções e danças
a felicidade de uma boa colheita.
Instigado pelo licor de Bacus,
muitos acabam a festa dormindo.*

2º Andamento

*Todos esquecem as suas preocupações e cantam e dançam
O ar está temperado com prazer e
pela estação que convida tantos, tantos
a saírem do seu recobro para participarem e se divertirem.*⁶

Já visivelmente borracho, noite avançada de fins do verão de 2019, esse terrível verão de fascismos à porta e quase um ano de lula preso, fala ao vazio neon de certo bar em lapa chuvosa de águas de março, que durante todo o tempo, e insiste escandindo as sílabas, durante todo o tempo de mais de um semestre, entre outono e primavera do ano passado, uma trágica loucura dionisiaca transbordava daquela mesa infinita de corpos famintos que fazia e se refazia em salas e esquinas e praças e encontros virtuais e. faz uma brevíssima pausa, como querendo iluminar o que diria depois em tom mais grave: corpos famintos de palavras, de jogar com palavras, de fazer da mesa tabuleiro de signos. podem imaginar meu desassossego? eu ali comensal estrangeiro, conviva calouro a essa mesa sem bordas. o único garçom presente desviou o olhar e virou o rosto sonolento (pra conter o riso, disse-me ontem sem conter o riso). segue como se o escutasse uma plateia entusiasmada de parceiros de copo. era como se o cosmo estivesse temperado de prazer e envolvido por blues dançantes. querem saber mesmo? parecendo ter percebido aprovação no silêncio da quase alvorada, emenda fala dirigindo-se a um cartaz na parede que berrava “MARIELLE VIVE”. pra mim, iniciante involuntário naqueles mistérios palavrosos, malgré tout le chagrin (a pronuncia pareceu primorosa, disse-me com ironia descarada o garçom de sotaque português), pra mim foi como ter sido engolfado por um turbilhão de luzes, como ter entrado sem saber numa aventura moleca na qual o medo do desrumo evapora em meio a sedutores lampejos que brilham na roda e te fazem outro outro, te fazem gana e fúria contra os céus, te fazem encontro. tudo dito em meio tom carregado de intensidade e com um vibrante brilho nos olhos. pede numa mímica canhestra mais uma cerveja.

para e parece olhar pra si até a chegada da bebida. serve-se. levanta, brinda o nada entorno e retoma a cantilena, agora com surpreendente apuro de precisão, quase impossível de se imaginar àquela etílica voz solitária. era um jogo de memória e esquecimento a tramar invenções pra criar invenções. jogo em que os jogadores, os que disse famintos, atuavam breves histórias com seus corposfalantes e riscavam na longa mesa desenhos e escritos e colocavam objetos e mesmo seus próprios corposfalantes e tudo entrelaçavam ou afastavam ou iluminavam ou coloriam ou esqueciam ou. enroscos e tretas e carnavais e derivas e perequetês e danças infernais e desenhos alucinógenos e palavrões e escrituras sem fim que sorratamente visavam tornar signo uma estranha e desconhecida marca para mim: SIIT8. esses enroscos e tretas e carnavais e derivas e perequetês e danças infernais e desenhos alucinógenos e palavrões e escrituras sem fim e outras viagens que esqueci, desejos de desejos, culminaram num despacho que reverberou e segue reverberando como palavra bárbara na pele da pele desse caldeirão que por preguiça e equívoco chamam de um jeito pacífico e único: centro rio de janeiro. despacho em encruzilhada sertão: corporua. travessiaatravessamentotravessura. SIIT8.



3º Andamento [antecipação]
Os caçadores aparecem com a madrugada
com trompetes e cães e espingardas
começando a sua caçada
A caça foge e eles seguem o seu rasto
Aterrorizada e cansada de tanto ruído
de espingardas e cães, a caça, ferida,
morre.

inverno

1º Andamento
Tremendo de frio, no meio de cortantes
ventos
os dentes tremem de frio.

2º Andamento
Descansa contente na sala
enquanto os que estão fora são
atingidos pela chuva que não para.

3º Andamento
Andamos com cuidado no caminho gelado
com medo de escorregar e cair
depois voltamos abruptamente e com
cuidado, mas caímos no chão e
atravessamos o gelo enquanto não se
quebra
voltamos a sentir o cortante vento
norte apesar das portas fechadas
isto é o inverno que não obstante tem
as suas delícias.

Corporua explode em roda: luzes
cantos cores intensidades de mão na
mão afetos falas olhares cúmplices.
num piscar de olhos distraído uma voz
se ausenta. porque quis ausentar-se.
travessiaatravessamentotravessura.



Corporua explode em roda: luzes
cantos cores intensidades de mão na
mão afetos falas olhares cúmplices.
num piscar de olhos distraído uma
voz se ausenta. mas não silencia.
travessiaatravessamentotravessura.

Corporua explode em roda: luzes
cantos cores intensidades de mão na
mão afetos falas olhares cúmplices.
escuta do silêncio.

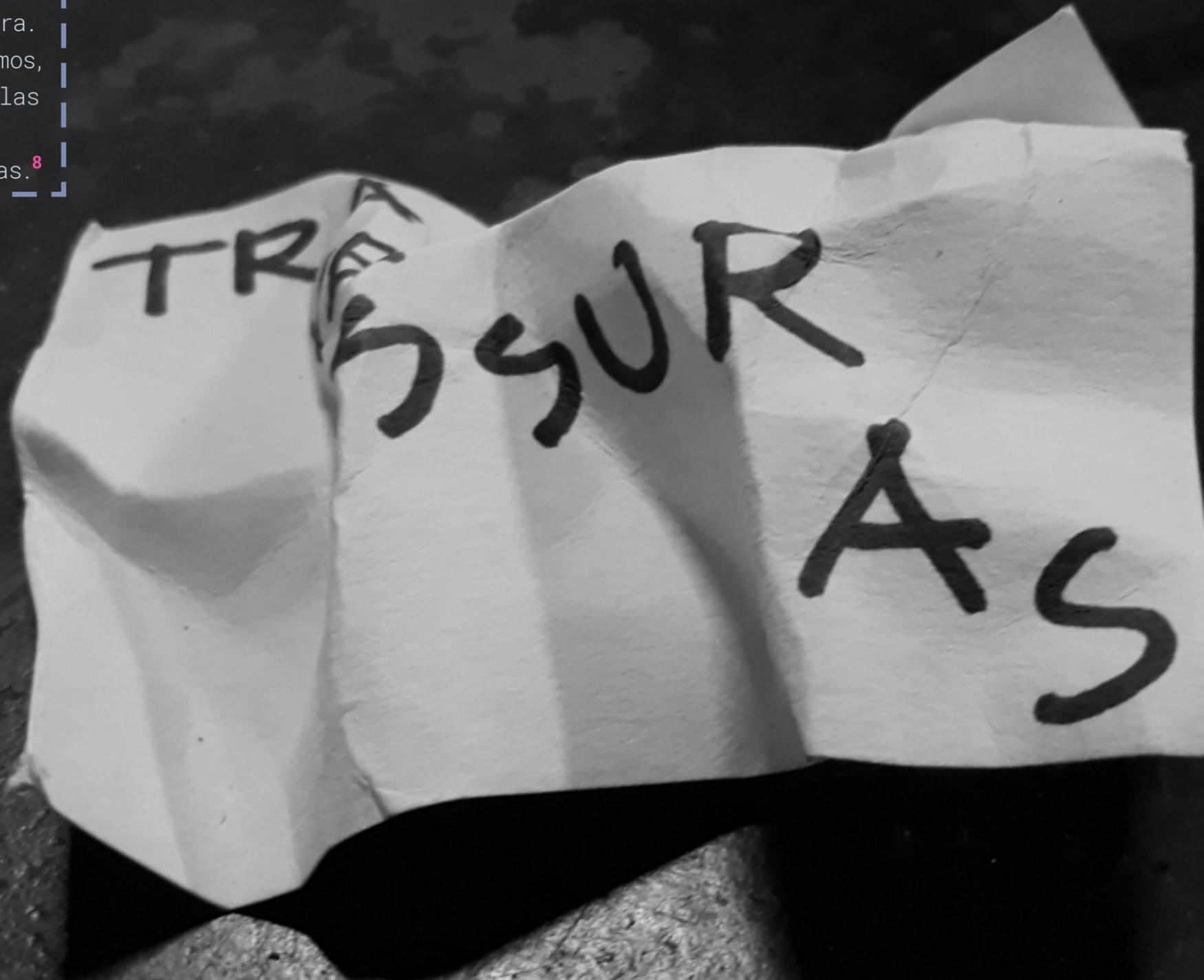
escritos intemporais⁷

"E começo aqui" só porque assim anuncio, pois o começo já se deu em algum momento e provavelmente será outro. Começo – pela palavra "começo" – com a provocação da escrita. O que é isso que tanto desafia o fazer-se por palavras? Escrever vai ser meu método. Estou que nem criança que descobre uma palavra nova e dela não larga: escrever. Escrever, escrever. Afinal, o caminho se anuncia, logo de cara, entre outros predicados, como poético. Atravesso-me em busca de palavras, minucio, busco pelo avesso, reviro, desviro, volto a revirar, dobro de um lado, exponho outro, ensaio inventar. Misturo o tempo, falo do passado no presente, começo pelo fim, vou e volto do começo, arrumo mais de um começo, volto pra outros começos, pro antes do começo, arranjo pausas, olho por cima, depois por dentro. Insisto. Sofro de tardia. Demorei a ir, demoro a voltar. As palavras me escapolem, como se os sentires não se deixassem captar por qualquer coisa que não eles mesmos. Tento de tudo um pouco, recorto, colo, refaço, digito, escrevo, transcrevo. Escrita em montagem, escrita quebra-cabeças. Fluxos e refluxos. O desafio é encontrar um lugar em si que seja traduzível a partir da escrita. Se reencontrar na sozinhez. Por falar em crise, imagino um movimento abismal. O lugar seria um campo bem aberto, que de tão aberto não se veria muito além. Parece contraditório, né? Mas seria assim, parecendo tudo meio igual, como um meio de deserto, sabe? Não há trilhas. Aí aparece a pessoa, que começa a correr desembestadamente. Tem horas que ela segue saltitando de felicidade. Encontra alguma coisa brilhante pelo caminho, se detém ali um pouco. Refaz uma parte do caminho, depois segue pra outro lado, caminha mais um pouco. Fica dormente num dia e no outro sente de um tudo. Para, senta, chora um pouco. Se sente só. Se sente livre. Corre mais um pouco. Sente uma estafa imensa, para pra dormir. Dorme uns três dias seguidos. Se levanta e segue andando devagarzinho, resplandecente. Segue só, depois segue em companhia. Ri. Se diverte. Deita no chão e sente o coração bater dentro da terra. Plenitude. É tudo uma coisa só e faz todo o sentido ser. Segue andando e encontra beleza em coisas miúdas. Uma flor, qualquer coisa escrita, observar um pé e depois o outro, o rastro deixado. Dança um dia inteiro, toma um banho de chuva, sente os instrumentos batucarem por dentro. Cansa. Se sente pequena. Pequena demais. Senta mais um pouco. Chora, acha que está

tudo errado, não sabe se há pra onde voltar. Às vezes acha que tem. Às vezes tem certeza que não tem. Se transforma em balão e segue flutuando por onde o vento sopra. Numa hora isso é muito prazeroso. Na outra dá vertigem vendo o chão ficar cada vez mais longe. E se estourar? Vai dar tudo certo. Eita, vai dar é nada! Tem nem perigo. Ela se sente distraída. O tempo sempre parece ser o do amanhã. O tempo passa rápido demais. Enquanto vai andando, sem prestar muita atenção por onde, a mente passeia pra longe. Uma voz perguntou pra ela: como estão teus sonhos? Chorou compulsivamente. Não sabia responder. Saiu correndo, loucamente, seguia em linha reta. Pá. Acabou-se o chão. Freia derrapando, pedrinhas caem lá embaixo, onde nem se vê. O coração parece que vai saltar pela boca. Bate tão forte que não se ouve mais nada. O pensamento cessa. De frente, só o vão. Na vertigem, o vão se transforma num imenso branco. E agora? Ontem voltei pra casa caminhando, o movimento do pé parece o mesmo, mas o burburinho do entorno não me deixa ordenar qualquer pensamento, interrompido pelo ônibus que passa, pela pressa das pessoas, pelas conversas que não consigo escutar, pela música que vem do carrinho de cachorro quente, pela atenção exigida ao atravessar a rua, pela busca de rostos familiares, pela atenção que quer se voltar pra cada mínimo movimento e cantinho da rua. Deitei no chão, fechei os olhos e senti o mundo se apagar por um instante. Eu mesma só sentia o pulsar intenso vindo do umbigo, como se me alimentasse de uma outra coisa. Senti os limites do corpo se desfazendo, como se me transformasse em tudo ali, chão, vento, poeira, verdumes e pessoas. Pensei na força do corpo em conexão, pleno. Tenho pensado muito em desertos. Deserto como possibilidade de outro. Aquilo que deserta é o que escapa, tangencia, margeia, vai por outro caminho. A distância entre dois pontos não é só uma linha, que também não flutua num mar sem sentido. É novelo, enlinhado. Essa nossa existência é grande demais pra caber nos duplos, nos opostos imediatos. Poderia hoje falar de arrependimentos, de coisas que faria diferente, de um desejo de refazer. Mas parece que esse sentimento não cabe.

⁷ Os escritos que seguem são recortes de material bruto da dissertação inacabada de Maria Gabriela Sá Lima (Gabi), desenvolvida no PPGPUR/IPPUR/UFRJ entre 2016 e 2018.

Para voltar do mundo à face clara
Nessa vereda escura penetramos:
De nós nenhum de repousar cuidara.
Virgílio e eu, logo após, nos elevamos,
Té que do ledó céu as cousas belas
Por circular aberta divisamos:
Saindo a ver tornamos as estrelas.⁸



⁸ Dante, A. (1955). A Divina Comédia, São Paulo, Atena. Versão eBook (2003), eBooksBrasil. com. Inferno, Canto XXXIV, p. 266.

primavera

1º andamento

A primavera chegou

*Os pássaros celebram a sua chegada com canções festivas
e riachos murmurantes são docemente afagados pela brisa*

*Relâmpagos, esses que anunciam a Primavera,
rugem, projectando o seu negro manto no céu,
para depois se desfazerem em silêncio*

e os pássaros mais uma vez retomam as suas encantadoras canções.

2º andamento

*No prado cheio de flores com ramos cheios de folhas
os rebanhos de cabras dormem e o fiel cão do pastor dorme a seu lado.*

3º andamento

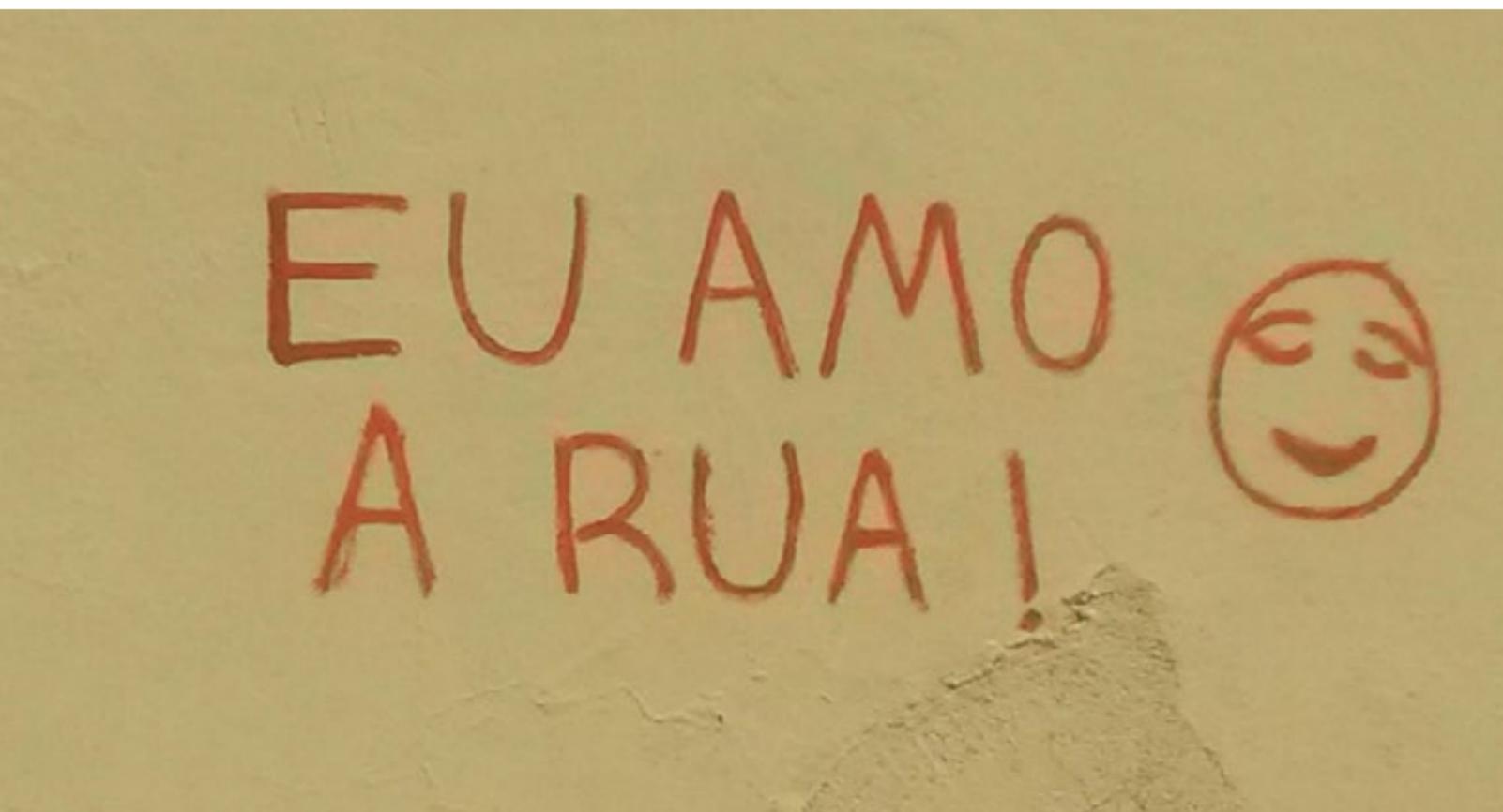
*Levados pelo som festivo de rústicas gaitas de foles,
ninfas e pastores dançam levemente sobre a brilhante festa da Primavera.*

Dijo ella, sosegada, distante_. El deseo es mi verdad.⁹

Dijo ella. no lo repito yo. mas esse dizer ecoa em mim misterioso e radicalmente rasurado, umas duas estações depois, como o canto de todos os cantos trágicos daquela primavera de travessias atravessamentos travesuras. danças sons presença de ausência escritos de corpo sombras luzes luzes luzes. el deseo es mi verdad. no. el deseo es mi deseo, digo yo. deseo dessa multiplicidade mi que na brevidade da primavera anterior se chamou SIIT8.

*Às asas minhas fora empresa insana
Se clareado a mente não me houvesse
Fulgor, que a posse da verdade aplana.*

*À fantasia aqui valor fenece;
Mas a vontade minha a ideias belas,
Qual roda, que ao motor pronta obedece,
Volvia o Amor, que move sol e estrelas.¹⁰*



⁹ "Nombre Falso", p. 172, in Piglia, R. (2017).
Nombre Falso. Barcelona, Contemporánea, pp.
101-182.

¹⁰ Dante, A. Op Cit. Paraíso, Canto XXXIII, p. 781.



Havia prazo pra fazer o relatório e eu com certa angústia esforcei-me de corpo e alma (ai, essa linguagem traiçoeira) naquela tarde pra traduzir em palavras o que em palavras só consigo indicar como inefável sensação cida-decorporua. o rigor da ciência exige um mapa do tamanho do próprio império pra dizer dele verdade. eu, que da palavra verdade já nem sorrio mais por preguiça, ponho o nariz de palhaço que comprei pro carnaval e chamo dionísio e apolo a guia essa movida,

Convencido de que não queria ou não podia deslizar pra outro lado do mim que me dizia. a questão, já clara desde há muito, não era a de simplesmente acatar ou transgredir a ciência, mas a de operar a linguagem de modo a criar dizeres mundo que necessariamente imbricam-se, enquanto pensamento, como ciência, arte e filosofia, e com o próprio dizer-me singular singularidade nesse criar (sem conseguir escapar dessa triste necessidade de buscar legitimação, procuro “O que é a filosofia”. não acho e penso que ando meio desligado). dizeres mundo, assim imaginados, não necessariamente articulam-se como narrativa linear racional, mas configuram-se como série de fragmentos, enfeixados de pela potência ao novo novo que esse enfeixar pode provocar. digo “pode”, no sentido de “traz a possibilidade de”, porque a escritura resultante apenas tem a condição de agir como dispositivo a criações outras em cada ato de confrontação (leitura e/ou escuta e/ou visualização).

Segue uma forma breve do relatar assim imaginado, além de tudo assumidamente parcial posto que expressam apenas afectos SIIT8 que se me impregnam hoje. no momento ainda não sei se isso é parte do que será submetido a quem de direito, mas que, disso tenho fortes suspeitas, poderá trazer-te marcas do meu inenarrável acontecimento SIIT8, tramado enquanto simulacro, como pistas para criares as tuas marcas próprias ou inventares o teu simulacro evento. fico meio engasgado imaginando se, no caso dessa escrituração desabusada ser enviada a quem formalmente se destina, se essa imperscrutável figura de poder se disporá à aventura. o que fazer? resolvo segunda-feira.

siit8: memórias tardias

antropofágicopiqueniqueliterário

quisera eu ter da pimenta e do sal
e do sentido do ritmo
pra fazer do repente
o preto e o branco de
conceição evaristo.

perequetarcorporeoutroscorpos

meu perequetê é um trágico lilás
quando se enrosca em arco íris
eu é um outro.
ausência é perequetê
florido que voa
rodopia e toca leve faces cálidas.
brincantes ruas são barricadas
invisíveis.
[não passarão!]

coreocorpos

dançar rua
mandala de mim, como nunca.
círculo de pedra e pau é
fila pra noite
mandala solar da desgraça
tatos rústicos no sexto arco
corporear inusitado ao mesmo
corporear inusitado ao inusitado
ângulos curvos
estética da fome
estética do sonho, ousos.
frestas, brechas, frinças (trilhas
de ana)
aleph, eu estava
coreografias de möbius.
[coreografar a deriva, ela disse.
ou invento agora que ela disse.]
[sorrisos de corpo me invadem]
[que cidade é esta? perguntou alguém
que vi de passagem, nesta cidade
estrangeira. lembrou os sonhos que
eu tinha, e esqueci sobre a mesa¹¹]

pátio da glorinha

vivi o rastro, já no dia seguinte,
preenchendo pátios, quartos, salas,
quintais que seguiam marcados no
chão, com palavras e desenhos que
migraram de brincadeiras lítero antro-
pofágicas no passeio público. glo-
rinha, a da vila, não sabe de seu
pátio tornado outro no chão da ESDI,
muito menos deste desdobrado em outro
de vizinhanças e tramas cósmicas,
um dia depois. distâncias, tempos,
memórias, esquecimentos, geometrias,
palavras coloridas, imagens volan-
tes. CorposRua invadindo o pátio,
as casas, tramando(-se) com outros
CorposRua. disso se faz o chão da
cidade? disso se faz o liame vicinal?
isso me faz cidadão? à frente de um
portal grafitado à giz uma xana azul
e rosa. desejo nas entrelinhas da
geografia urbana. rasgando frontei-
ras, enternecendo noites.

translambe [para indianare, em repúdio a todas as suas exclusões]

da casa ruína acolhimento
da pista (in)tensa de cada dia
meninas trans reportam vida
pulsão de identidade conquistada.
palavras imagens jeitos de corpo
arcanos de dor e prazer
tornados lambes em muros opressores
trans gridem brancos coronéis
expondo entranhas de suas noites
de gabíria.

¹¹ “Um gosto de sol” (parte). Composição de Milton Nascimento e Lô Borges.



rescaldodorescaldodasruas

quando chegou já tudo parecia ter se desenrolado, mas permanecia como se não houvesse fim possível. incorporados corpos falantes e objetos em tabuleiro conformando um liame sujo que não pôde compreender, e nem caberia, pensou dias depois, ainda aquela imagem borrada de cores saturadas a reverberar em sua pele. em abril, já meses passados, recebeu por escrito um intenso e emocionado relato sobre o que já aceitara como inefável e procurava sem êxito esquecer.

“De início juntar palavras às coisas, formando ilhas de sedimentações pela movência dos corpos. Depois juntar as junções todas num plano só e os corpos olhando de fora – [palavras e coisas (por)/ RESTOS (d)e frutas, flores, ervas, folhas, sementes / e(m) ABUNDÂNCIA (d)e / MITOS ou RURALIDADES / e(m) ÊXODOS (através d)e ovos, penas, CARNIÇA / (ou) máscaras / (para) CRIAÇÃO (de) ANIMALIDADES / (sem) RECURSOS (a) NATUREZAS outras / e (nossos) corpos (e) ferramentas] – para depois afastá-las até que as frágeis continuidades formadas se rompessem para

fazer do plano um campo de cultivo FÉRTIL de coisas e palavras outras. Entropia como modo empurra-nos pros sertões, os profundos, os indizíveis da linguagem, reclamando por ancestralidades e ritos de chamar o novo, ainda que tudo tenha “começado” com palavras distribuídas no chão. As entranhas aos poucos se apresentavam, parecendo querer protagonismo: visceras, fibras, flúidos, lá onde íamos encontrando o estranho e desencontrando o conhecido. Pra dentro ou pra fora? E porque foi assim, me pergunto? Raízes dos brazis arcaicos atualizando-se nas estruturas pseudo-contemporâneas das chibatatas, dos senhores, da contestação? Liberais na economia e conservadores nos costumes. Falo e quebro ovos com a cabeça e cuspo com o amigo que ruminava como bode. É tudo verdade. Parece insólito, eu sei, e a coisa era mesmo sem fim. Infinitos recomeços, por vezes simultâneos. Trocávamos papéis, entrando e saindo da arena e também da língua, balbuciando de algum modo _Habita em abismo estas palavras. Curioso ter sido a fabulosa raposa, a latifundiária gourmet que vendia lorotas ecobulshits, a atentar

em looping que ali só as raposas falavam. Fake news! Olha o que dizem essas cores minhas deusas! os cheiros, as texturas, a lambança que puxava o transe, a força do gesto feminino de semear. A falação vertia era por marca nas peles, do corpo, da ruína, do cimento, do grão, das ervas, do livro, do leite espremido do peito sobre as conchas emoldurando a palavra DIÁSPORA. Que composição! Era assim que se mostrava o jogo. Cenas e quadros, sucessivos: limpava-se para sujar de novo, mas o tabuleiro não parou nunca de virar. Se éramos nós os viradores ou se apenas tentávamos inventar novas maneiras de nos mover enquanto somos virados, são duas possíveis maneiras de olhar pra esse tabuleiro-chão que seguiu entortando e gerando outros deslizamentos rumo abismo. Abismados, mas seguindo, ora segurando as mãos em singela serenidade, ora em vôo solo pulsando vigor ou tremor, abismando-me com as coragens da nossa gente naqueles dias, maravilhosamente presentes, vivas, pra jogo!”¹²

¹² Escrito de Gabriel Schvarsberg.

depois de ler e reler num tempo do qual perdeu a dimensão, percebeu-se aparvalhado, o pulso imperceptível, pegou papel e lápis como a uma tábua de salvação e escreveu direto com apenas uma interrupção, mas tudo como se fosse num fôlego só: o que dizia inefável, aquela imagem que esqueci que esqueci e me entorta com frequência insana, agora me acalmo nomeando-a aleph, aleph do siit8, alephsiit8. corre a buscar seu borges de cabeceira que folheia até ler o que queria e copiar umas frases em seu escrever frenético. “vi milhões de atos prazerosos ou atrozes; nenhum me assombrou tanto como o fato de que todos ocupassem o mesmo ponto, sem superposição e sem transparência. O que viram meus olhos foi simultâneo; o que transcreverei, sucessivo, pois a linguagem o é. Algo, entretanto, registrarei”¹³:

o político e o afeto em corpos e plumas e as vísceras e o vômito e a movida sem fim e as forças telúricas e naturezas explodintes e os vermes de cada um e as diásporas todas e o fogo das paixões e as palavras e as vibrações da pele e as vibrações do transe e a fome e a abundância e os femininos e os feminismos e um nós liame de refazer-se em cada dobra e a dobra da dobra redobrada e a animalidade e as cores cegantes iluminantes e as sexualidades trans hetero bi gays não-binárias e os atratores selvagens e as incorporações e as disjunções e as transas em explosão e as palavras bárbaras e os amores na delicadeza e os olhares furtivos e aqueles olhonoolho e a dor do corpo limite e o sublime do corpo e dos corpos de bordas permeáveis e ahaaaa!!! o inefável desse vibrar aleph que é o mim neste instante que já passou mas veio outro e virá outro e outro e essa vibração que sempre é outra e.

toma um café. amanhece.

hemp

insistente arte de rua
explosão de cores na
dobra da escuridão
bocetas aladas afiam os dentes
feminismo é revolução.
negro marcar muros do gueto
negro marcar corpos do gueto
negro marcar veredas de fuga
urbana cartografia da exclusão.

desagrupameagrupa

tarôs na roda, ritmo nagô,
imagens do inferno ali depois
da esquina, ontem, hoje, amanhã,
aqui dentro mesmo, sempre
intervenção de corpos
passes de magia e incenso e folhas
o feminino na forte suavidade
de luzes e cores
punhos cerrados
não, é não.
que contraluz é essa em que
me vejo desnudo?
[saio do mundo,
quando volto ele não está]

cuerosafectosespacios

na hora estava em outra ação, esse eterno problema de atividades superpostas. mas depois, logo depois e ao longo do tempo que decorreu até agora, fui inundado por falas, escritos e imagens. rastros que faziam um ali acontecido, no dizer presente de cada uma dessas narrativas. um estranho processo então me encadeou: o memoriar com o memoriar de outros. dentre várias dessas narrativas, que deslizavam da rigorosa ciência, ao conceituar filosófico, aos afectos da arte e aos desembestos do senso comum, uma delas, contada por amigo em conversa de bar, impactou-me por operar do mesmo modo como eu estava operando. memoriava sem testemunho próprio e, mais singular, trazia de um relato escrito que recebera um contraponto com narrativas de momento outro, em que o próprio autor de tal escrito se constituía aí personagem e, assim, com esse artifício, provocava ao seu leitor percepções e sensações poderosas da ação nomeada cueros, afectos y espacios. o amigo me repassou esse escrito que recebera de seu amigo. reproduzo abaixo. digam se não tenho razão.

“Naquele entardecer não foi possível ignorar o aparecimento de incertas memórias de uma Buenos Aires. Não a Outra, mas aquela mesma que se formava no instante em que dos años de movilizaciones populares apareciam diante das miradas siitiantes. É uma vez. Não há outra. Encadeada num intenso e truculento junho de 2013 e além, aparece então a surpresa com a notícia saída da boca de un querido hermano, poucos dias depois do desembarque no aeroparque Jorge Newbery, mientras caminábamos por las calles del centro: desde que Nestor assumira não se reprimiam as manifestações públicas. Aparece também a sensação de que, embora dito por alguém querido e confiável, não deve ter sido fácil de acreditar.”¹⁴



releio neste instante mais uma vez essa escritura que pouco fala, mas tanto diz da ação. não sei exatamente o porquê, agora leio pra mim mesmo em voz alta. assim fazendo, essa leitura se torna ao mesmo tempo fala e escuta. e esse modo mais corpóreo de reverberar escritos faz meu corpo, corporua de los dos últimos años de movilizaciones populares en Argentina: som de bomba, canto, lixo, feminino, tropel de cavalaria, coração disparado, bandeira desfraldada, lgbti, palavra de ordem, baque seco de cassetete, barricada, negro, ritmo de bumbo, ardência de lacrimogênio, luz vermelho piscante, quentura de lágrima, pedra atirada, respiração trôpega. o retumbar surdo de milhares de pés em marcha sem fim. estão no poder, mas não passarão.

¹³ Borges, J. L. (1949). “O Aleph”, in Borges, J. L. (2001). Obras Completas, v. I, São Paulo, Globo, p. 695.

¹⁴ Escrito de Heitor Praça.



yonomuero yanomás

vidas de silenciamento
abusos tornados tabus
a pele à flor da pele.
o justo grito agride o justo
enclausurado em opaca redoma.
yo no muero, ya no más:
cartas que não se abrem
femininas razões e afetos.
jogo que não se faz
faz-se roda de rodar a baiana.
[feminismo é revolução]

sons do sertão

fantasmas esvoaçantes na tarde noite
imagens gemidas gritadas sofridas
sol estourado e terra craqueada
carroças de gota d'água
animais secos sem rumo
estética da fome mais fome.
mergulho nesse turbilhão:
a pele arde em sol
a garganta seca
a raiva (re)acende cega.

começodeconversa

na noite CorpoRua toma corpo encorpado
promete rua alargada, esquina, beco,
avenida
paladares delicados entrelaçam afetos
que transbordam
femininos gritos desabafados em pei-
tos desnudos
fugas de memória e esquecimento
movimento de corpos sem fantasia
ausência que fala e comove.
[abertura houve outra tão intensa?
ouvi em tom baixo atrás de mim]

quatro dias de decorporuaatravessiasatravessamentostravessuras
antropofágicopiqueniqueliteráriodesagrupameagrupaperequetarcorpo
seoutros corpos hempo coreo corpos páti odaglorinhaatranslambere scaldo da
sruascuerposafectosespaciosyonomueroyanomássonsdosertãocomedodec
onversa antropofágicopiqueniqueliteráriodesagrupameagrupaperequet
arcorposeoutros corpos hempo coreo corpos páti odaglorinhaatranslambere
caldo dasruascuerposafectosespaciosyonomueroyanomássonsdosertãoco
medodeconversa antropofágicopiqueniqueliteráriodesagrupameagrupap
erequetarcorposeoutros corpos hempo coreo corpos páti odaglorinhaatransl
ambere scaldo dasruascuerposafectosespaciosyonomueroyanomássonsdos
ertãocomedodeconversa antropofágicopiqueniqueliteráriodesagrupame
agrupaperequetarcorposeoutros corpos hempo coreo corpos páti odaglorinh
atranslambere scaldo dasruascuerposafectosespaciosyonomueroyanomás
sonsdosertãocomedodeconversa antropofágicopiqueniqueliteráriodesa
grupameagrupaperequetarcorposeoutros corpos hempo coreo corpos páti od
aglorinhaatranslambere scaldo dasruascuerposafectosespaciosyonuero
yanomássonsdosertãocomedodeconversa antropofágicopiqueniqueliterá
riodesagrupameagrupaperequetarcorposeoutros corpos hempo coreo corpos
páti odaglorinhaatranslambere scaldo dasruascuerposafectosespaciosyo
nomueroyanomássonsdosertãocomedodeconversa antropofágicopiqueniqu
nsdosertãocomedodeconversa antropofágicopiqueniqueliteráriodesagrupameagr
upaperequetarcorposeoutros corpos hempo coreo corpos páti odagl
orinhaatranslambere scaldo dasruascuerposafectosespaciosyonueroya
nomássonsdosertãocomedodeconversa antropofágicopiqueniqueliterári
o densdosertãocomedodeconversa antropofágicopiqueniqueliteráriodes
agrupameagrupaperequetarcorposeoutros corpos hempo coreo corpos páti od
aglorinhaatranslambere scaldo dasruascuerposafectosespaciosyonuero
yanomássonsdosertãocomedodeconversa antropofágicopiqueniqueliter
áriodercorposeoutros corpos hempo coreo corpos páti odaglorinhaatranslam
bere scaldo dasruascuerposafectosespaciosyonueroyanomássonsdoser
tõescomedodeconversa antropofágicopiqueniqueliteráriodesagrupamea
grupaperequetameafetameruametransemetameruametransemetamerua

1º Andamento

Sobre uma estação dura
de um sol escaldante o homem descansa,
descansa o rebanho e queima o pinheiro
Ouvimos a voz do cuco;
ouvem-se então as canções
doces da pomba
Doces aragens agitam o ar...
Mas os ventos ameaçadores de norte
subitamente aparecem
o pastor treme temendo a violenta
tempestade e o seu destino.

2º Andamento

O medo dos relâmpagos e ferozes trovões
roubam o descanso aos seus
membros cansados
As moscas voam zumbindo furiosamente

3º Andamento

Infelizmente os seus receios
estavam justificados
os trovões rugem e majesticamente
cortam o milho e estragam o grão.

Por esse ar sem estrelas irrompia
Soar de prantos, de ais, de altos gemidos:
Também meu pranto, de os ouvir, corria.
Línguas várias, discursos insofridos,
Lamentos, vozes roucas, de ira os brados,
Rumos de mãos, de punhos estorcidos,
Nesses ares, pra sempre enevoados
Retumbavam girando e semilhando
Areais por tufão atormentados.¹⁵

travessiastravessasatravessadasadepois
o lindo
o forte
o visceral
o luar
o junto
o colorido
o prazer
o vento solar e as estrelas do mar
procuram sombra no calor escaldante.
100 dias se fazem breu
seca e ódio nos becos e twitters
terra desmorona em avalanches e tristezas.
potências silenciosas
conspiram outros sóis
cautela e ousadia a nova primavera.
travessia é sobrevivência
atravessamento é estratégia
travessura é desejo.

::corpos em intervenção

des[a]grupa

Daniela Cidade, Daniele Caron, Flavia Araújo,
Letícia Castilhos e Liana Ventura

¹ ø -- lembrei que durante conversas por skype fizemos um printscreen nosso. tentei achar nas minhas coisas, não encontrei. alguma de vocês teria? seria legal ter essas imagens... ø

breve suspiro sobre des[a]grupa

Micro-coletivo-efêmero que surge e se inspira por movimentos no improviso, em um arranjo configurado para atuação momentânea no SIIT8. Agenciamento entre as pesquisadoras Daniela Cidade **danici** (UFRGS), Daniele Caron *~danica~* (UFRGS), Flavia Araújo *ΔfláviaΔ* (UFAL), Letícia Castilhos *#lê#* (UFRJ), Liana Ventura *ølilóø* (UERJ) - integrantes de diferentes grupos de pesquisa da Rede LAIIT - em trama impulsionada pelo desejo de criar, compor ideias, inventar deslocamentos e provocar ações conjuntamente.

Tal nomeação pode sugerir também (e ao mesmo tempo) qualidades e intenções do “opor, negar, separar”, assim como, do “agregar, juntar, refazer”. Opor-se à posturas autoritárias, contestar condições excludentes, separar, recompor, explodir em idéias-ato. Lançar-se ao movimento, aos improvisos, incertezas e encontros, permitir-se deslocamentos, deixar aflorar potências que contaminem o eu-outrx em travessias e travessuras desviantes, transformadoras, desestabilizadoras nos/dos modos corpo-rua¹.

A decisão parecia definitiva, tomada no silêncio cúmplice: impossível, neste momento, encontrar tempo, visualizar alguma disponibilidade, abrir qualquer brecha e escrever algo para compor os anais do siit8. Voltando um pouco mais², tal impossibilidade já se descortinava desde antes, quando ainda especulávamos desenhar uma proposta para o evento.

Ingenuamente, contudo, nos entretantos estelares, desconsideraram que Mercúrio estava retrógrado(!)³, portanto, resoluções feitas sob tal conjunção (sobretudo aquelas tidas como “definitivas”) muito facilmente se desfazem e não se efetivam. Eis que...

...o fluxo dos impulsos e as forças desejanças, esgarçando as linhas, desfazem o estabelecido e movem tudo de lugar. Certezas desestabilizadas e vagas lembranças de que, tal qual nômades, poderiam habitar o meio e talvez narrar-cartografar o “processo de criação” como “criação de processo”⁴.

Havia em nós um desejo de “anunciar mundos por vir (...), performatizando-os em palavras e ações concretas, portadoras da pulsação desses gérmenes de futuro” (ROLNIK, 2018, p. 131). Uma “caboclagem forte”, como nos comentaram no último momento do evento, durante a roda de conversa, atravessamentos finais, iniciais, do meio.

Mas uma linha de devir não tem nem começo nem fim, nem saída nem chegada, nem origem nem destino; e falar de ausência de origem, erigir a ausência de origem em origem, é um mau jogo de palavras. Uma linha de devir só tem um meio. O meio não é uma média, é um acelerado, é a velocidade absoluta do movimento. Um devir está sempre no meio, só se pode pegá-lo no meio. Um devir não é um nem dois, nem relação de dois, mas entre-dois, fronteira ou linha de fuga, de queda, perpendicular aos dois (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.91).

Só o mar para nos lavar das dores de tantas lutas e nos dar leveza. Sim, o mar é um meio, nos golpeia, nos faz dançar, nos refaz, convida a navegar. Desejo de além mares, além muros.



² Δ -- mudei o termo aqui. acho que a sensação de “impossível fazer algo coletivamente no meio de tantas tarefas e obrigações no emerê do produtivismo capitalista”, já nos acompanha desde antes do siit, encontramos forças juntas, construímos um trabalho e um elo forte, des[a]grupamos. o emerê quase nos dominou (eu que o diga com meus hiatos nas redes sociais!), mas aqui, nestas plataformas sem limites de espaço-tempo, continuamos a fazer ainda juntas “caboclagem forte”.Δ

³ ∅ -- só agora me dei conta dos efeitos desse tempo-espaço mercurial em retrogradação sobre nosso processo.∅

⁴ # -- acho que a ideia de “processo de criação” poderia ainda ser mais comentada, dando uma ênfase nesse caminho que foi tanto da oficina como, agora, do relato...#
∅ -- concordo. incluiria também os comentários que fazemos agora como parte da “criação do processo”. trechos que atravessam o texto.∅

Este relato começa (se é que podemos identificar um começo) com a chamada para um corpo-rua, um corpo disponível a pensar/sentir o estado de coisas em que nos encontrávamos, atingindo o seu alvo: um estar juntas pela vontade de reagir, um estar juntas que rasurasse distâncias, pelo autêntico desejo de criar. Autorizando-nos a assumir nossa trajetória como mulheres, como pessoas, como pesquisadoras até ali, e ao mesmo tempo, autorizando-nos a refigurar o tudo até ali, em um novo a partir do encontro.

O relato é sobre ser convocad[as] a tecer um corpo-rua que mobilizasse o emaranhado de forças que nos acomete no cotidiano. Sem a pretensão de explicar o contexto que nos abatia e convocava ao mesmo tempo, mas nos apropriando dele completamente, e fazendo dele nossa maior potência de reação. Um corpo-rua criado por mulheres, é sempre importante dizer isso, o que talvez explique a força criadora, a abertura, a tessitura, o cuidado, o ritual.

Os tempos verbais se misturam nessa narrativa, uma vez que todo o processo foi pensado para atravessar um momento singular do nosso país, uma ação tecida para abrir um caminho de possibilidades corpo-rua que transfigurasse a apatia-medo em ato-esperança. E o que nos afecta ao voltar ali no que dizemos “começo” é que desde então, ou desde um pouco antes, ou desde muito já, o contexto do retrocesso e do absurdo ganhou nova espessura. Uma espessura que se agiganta velozmente, que nos força a calar. Portanto aquilo que era-para-ter-sido, não somente segue-sendo como parece-nunca-cessar. De modo que o próprio relato opera este deslocamento, com a intenção de que a leitura desta escrita siga reverberando a ponto de novamente mobilizar outros corpos-ruas.

Aqui estamos (expressão que não passa de um artifício de localização mutante). Seguimos. Desde alguns meses atrás... navegando⁵.



⁵ # -- daria p entrecortar o print do gmail com trechos transcritos da conversa que digam um pouco das intenções que estavam surgindo.#
ø -- gosto assim mesmo desse jeito que você colocou. penso até que podemos reduzir um pouco para não ficar uma página inteira com uma imagem de troca de e-mails.ø
-- diminuí a imagem e inseri uns fragmentos do corpo das mensagens...#



convite_des[a]grupa_SIIT8



Caixa de entrada x



Leticia Castilhos Coelho

sex, 22 de jun de 2018 19:50 ☆

Hola chicas de mi corazón! Escrevo para partilhar com vocês um desejo em forma de proposta-convite ;-) Não sei todas já viram a chamada de ...



Daniela Cidade

dom, 24 de jun de 2018 22:32 ☆

Oi Lê! Adorei o convite!!!Sim, a proposta do próximo SIIT tá muito boa e acho que seria muito bom mesmo propormos algo rompendo os grupos...

-- O lampejo-fagulha-labareda inicial seria imaginar "ferramentas/provocações" para ativar momentos em que os estados-corpo pudessem ser mobilizados e transitassem por "contrastes/oscilações entre afetos-e-golpeadas-e-", tentando experimentar de modo criativo e coletivo certos atravessamentos desse caos que nos invade e desestabiliza e alucina diariamente em sensações multi-polares que geram raiva-comoção-anestesia-tristeza-alegria-(des)esperança-(des)ânimo-ironia-etc, transformando tais estados em matéria-prima para criação-expressão.

* -- Sim, a proposta do próximo SIIT tá muito boa e acho que seria bom mesmo propormos algo rompendo os grupos em que estamos vinculadas institucionalmente e pensarmos algo em REDE. *



danielle caron

seg, 25 de jun de 2018 14:51 ☆

mujeres! Adorei a idéia Lezinha! Boraaaa! Só que esta semana to louuuuca. Na primeira de julho posso ajudar a pensar algo pra mandarmos at...



Liana Ventura

seg, 25 de jun de 2018 21:35 ☆

Lezital que convite mais amor! Fiquei feliz de recebê-lo. =) Primeiramente (depois do for Temer), eu fico bem afim desse atravessamentos entre...



Letícia Castilhos Coelho

sex, 29 de jun de 2018 12:01 ☆

queridíssimas, que bom esses retornos! acho que vai ser muito feliz essa movida de des[a]grupar! entences, por hora, temos confirmadas Dani ...



Daniela Cidade

sex, 29 de jun de 2018 12:59 ☆

Otimo, Le!Ontem a DaniCa me contou um pouco a conversa de vcs. Da o start e vamos construindo. Bjks

* -- Dei uma olhada no texto. Acho que o geral tá lançado. A parte mais visível é o "golpeadas". Vou selecionando fragmentos do jornal q recebemos todos os dias em casa, a ZH. até dá para compararmos o discurso entre mídias. Vou ficar atenta e colecionar alguns sons e músicas. depois reunimos e vemos o que temos.*



Liana Ventura

ter, 10 de jul de 2018 10:38



Oi todas! Le, gostei do esboço. Valeu aí a iniciativa. A proposta das golpeadas me lembrou o sistema Laban/Bartenief de dança. Não se conhec...



Daniela Cidade

ter, 10 de jul de 2018 16:51



Lilo, gostei dessa referência ao Laban. E sim, a coisa do silêncio potencializa o sentir do seu próprio corpo e do outro. Vou pensar melhor ness...



Letícia Castilhos Coelho

ter, 10 de jul de 2018 17:54



Dale! Maravilha essas ideias Dani e Liló, porque elas preenchem e completam e pensam o que pode ser o fio-condutor prático da oficina: exerc...

∅ -- A proposta das golpeadas me lembrou o sistema Laban/Bartenief de dança. Não se conhecem, mas é um sistema de notação dos movimentos. Segundo esse sistema os movimentos são organizados em 4 grupos de qualidades de movimentos que podem combinar-se, sendo: direção, peso, velocidade e fluidez. Rapidamente me ocorreu um exercício que vai num crescente...somando camadas de comandos, disparadores, golpeadas e afetos... ∅



daniele caron

16 de jul de 2018 15:05



gurias lindas, recem [des] agrupando do semestre, hehehehe! Li agora a Le, Danici e Liló, adorei tudo. Achei super a os níveis alto, medio e bai...



Daniela Cidade

19 de jul de 2018 11:25



Gurias: tentei formatar o texto inicial da Lê contaminada pelas palavras da Lilo e DaniCa. To saindo de férias, mas continuarei conectada. Poré...



daniele caron

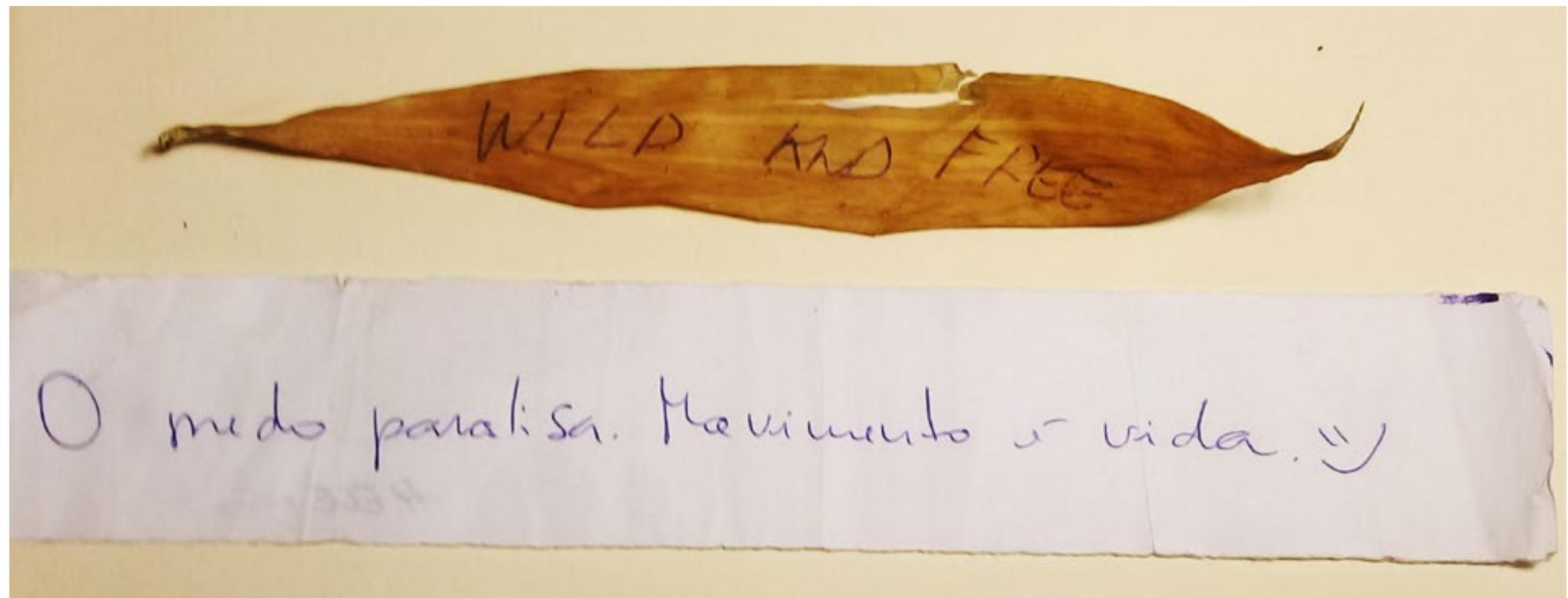
24 de jul de 2018 19:20



bonitas ! Fiz coisinhas ali no [des]agrupa. Acho que ainda temos caracteres disponíveis para escrever mais. Tentei ordenar os itens iniciais, dee...

≈ -- Um grande fio vermelho representando a alta tensão do corporua poderia ir enlaçando cada uma de nós e também quem topasse o [des]agrupar. Cada enlace seria marcado por um movimento físico, sonoro, verbal, narrativo, a leitura de um texto, o murchar de um corpo atingido, o rodopio de um nao acreditar em mais nada, o levante de uma esperança em jogo, enfim. Como se o fio vermelho fosse capturando as nossas nuvens, as nossas potencias e o nosso ato-rua. ≈

Δ -- Vizualizei. Quero, mas não sei como contribuir de imediato (Performance? Dança? Corpo? Desconheço meios). Como des[a]grupar? Como narrar o meio e o por vir? Desenhar, isso sei que o meu corpo conhece. Desenhar experiências que o corpo sente, sentiu, sentirá. Vinte e dois lampejos que iluminam e anunciam o que virá, como vinte e duas cartas de tarot anunciam os dias de hoje de ontem amanhã-agora, um tempo não linear.Δ



Ao chegarmos na abertura do SIIT8, e mesmo nos dias de evento, nossos desejos e atravessamentos já estavam sendo partilhados entre todes. O acolhimento de outras manas, muitas de peito nu, nos anunciavam nos bilhetes, no corpo, na natureza, gérmens de futuro (ROLNIK, 2018). Nos conectamos corporalmente nos abraços, sorrisos, bilhetes, gestos, olhares, alegrias dos reencontros, CORPO-NÓS.

Estávamos em casa. Manas, nos encontramos.

6 Δ -- do início ao fim do siit8, instauramos o MEIO: bilhetes-conexões que recebi de MA(Marcela Camargo: o medo paralisa. movimento é vida. =) & CACÁ (Carolina Fonseca: Wild and free).Δ

ação em projeto⁷

des[a]grupa :: corpos em intervenção foi-é-segue-sendo nome ou título dado à ação que desenhamos. A intenção é mobilizar-sensibilizar corpos e mentes e, a partir de diferentes estímulos, ativar-provocar-deslocar estados reflexivos-criativos-expressivos que se manifestem em gestos poéticos. A ação (oficina) parte de um roteiro cujo encadeamento de etapas (momentos) compõem uma espécie de dramaturgia, agregando um viés performativo desde a concepção até a maneira como ela foi desdobrada com os participantes. Assim, o jogo se configura como uma performance coletiva e improvisada que se dá na relação entre os estímulos lançados e a disponibilidade dos corpos para sentir-processar-reagir.

Um momento de ativação sugere exercícios e dinâmicas corpóreas que pretendem construir uma atmosfera afetiva, cúmplice, coletiva, sensível; e a partir deste “continente” algumas provocações passam a operar como “golpeadas”, desestabilizando os estados anteriores por contraste e desencadeando experiências performativas que mobilizam o caos, o instável e o imprevisível das múltiplas sensações que nos invadem diariamente em fluxos descontínuos de raiva - comoção - anestesia - tristeza - alegria - (des)esperança - (des)ânimo - ironia - ... - . Dispositivos, tais como, textos, imagens, áudios, vídeos, objetos, são oferecidos e disponibilizados para acionar tais oscilações dos estados-corpóreos por “entre afetos-e-golpeadas”, constituindo matéria-prima para as composições e criações performativas.

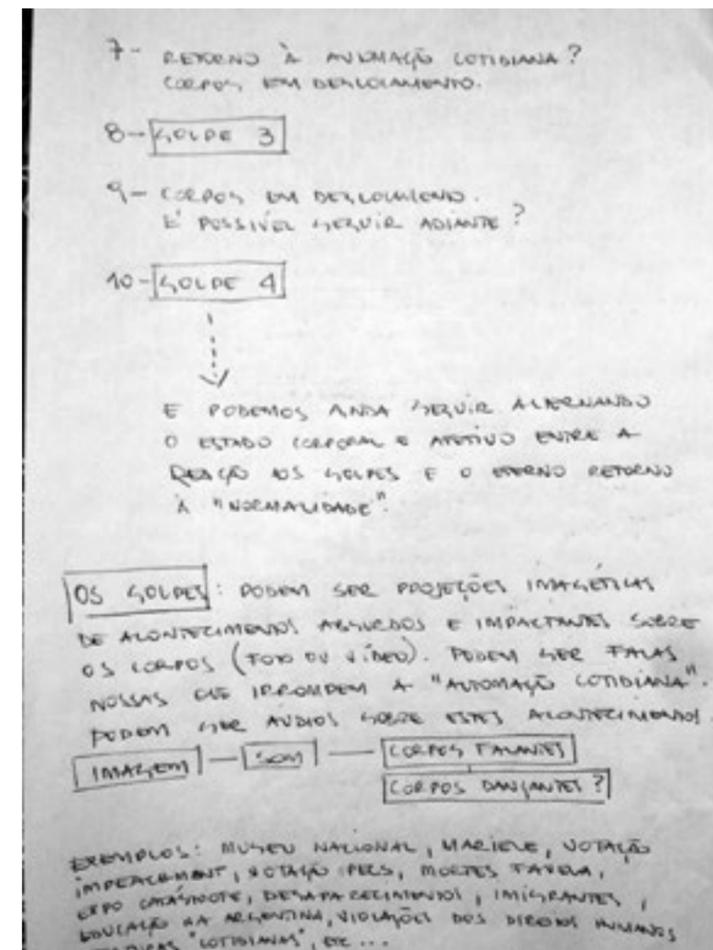
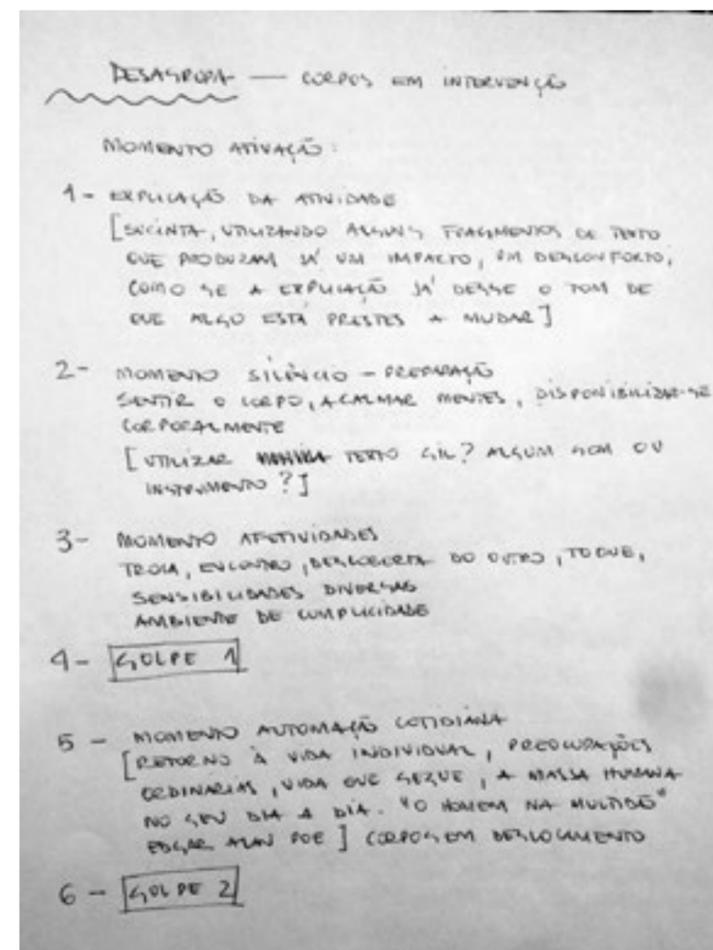
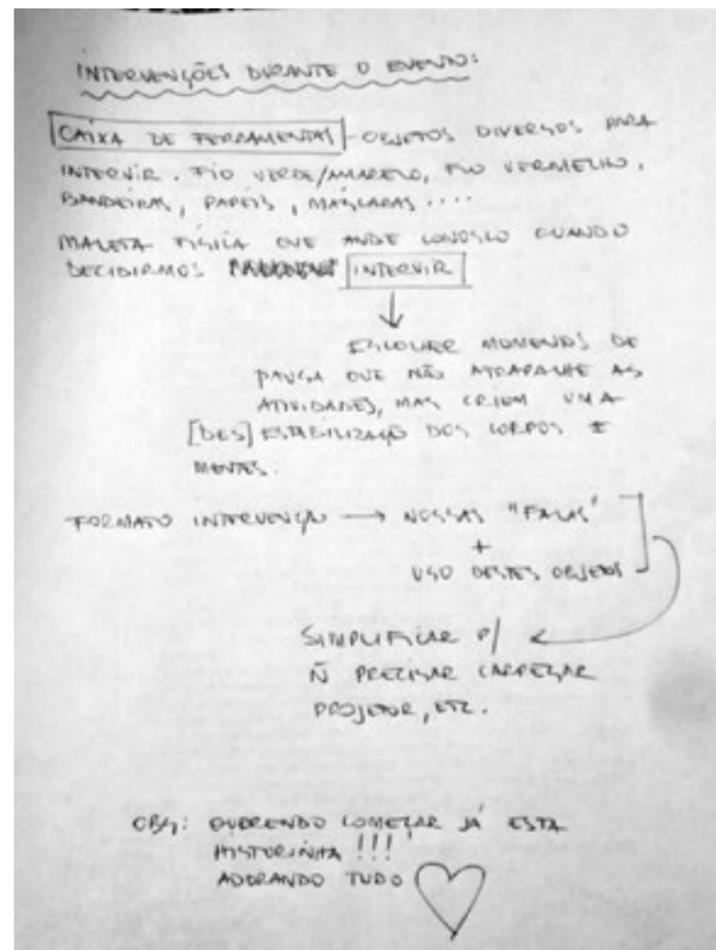
Para iniciar a travessia performativa, partimos da ideia de Laban sobre o movimento na dança:

(...) movimentos grupais podem ser vivos, rápidos e carregados da ameaça da agressividade, ou suaves e sinuosos como o movimento da água em lago sereno. As pessoas podem agrupar-se à semelhança das rochas de montanha, ásperas e esparsas, ou como um riacho que flui lentamente na planície... O ator individual empregará por vezes a sua movimentação como se seus membros fossem os componentes de um grupo e esta é provavelmente a solução do enigma intrínseco à expressividade da gesticulação (LABAN, 1978, p. 21-22).

⁷ # -- aqui caberia uma introduçãozinha... talvez tenha que atualizar coisas do texto...#
∅ -- reorganizei os parágrafos. vejam se assim funciona como introdução.∅

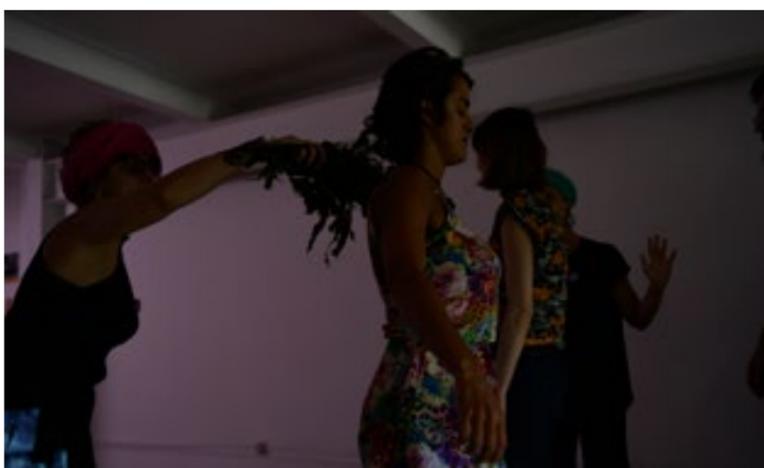
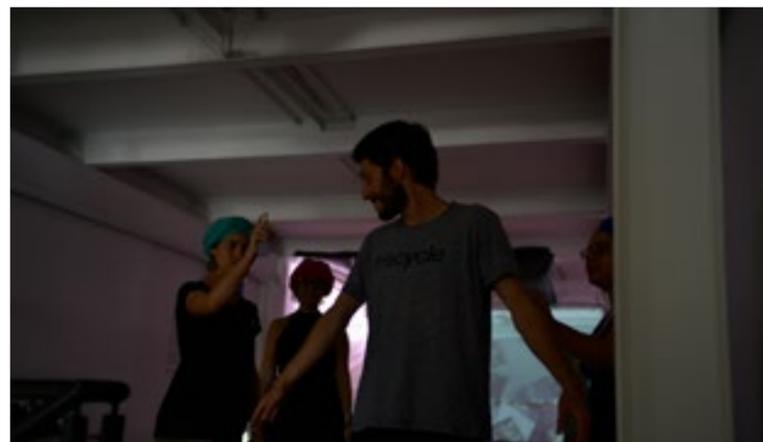
A partir dos dispositivos e perturbações lançadas, as ações desdobram-se em momentos de intervenção com um formato de acontecimento fragmentado que dissemina (pequenas) ações poéticas e pretende instituir atravessamentos e travessuras, desenhando e tecendo possibilidades múltiplas de travessias ao longo do (e por entre o) evento.

O propósito dos momentos de intervenção é impactar corpos e mentes a partir de experiências de movimento-espaco-tempo que instaurem certa prontidão e alerta, como disponibilidade para desestabilizar e desacomodar sensações, pensamentos e emoções, possibilitando rompimentos (sejam explosivos, silenciosos, delicados, irrequietos,...) que se redobram em ações e criações inventivas e interventivas. Esses momentos não pretendem funcionar como desvio ou distração que desmobiliza e anestesia. O que se quer com o golpe, além de rasurar e esgarçar a palavra, é provocar estados de corpo e mente para um exercício poético-político que implica e envolve os particip[atores], mobilizando a atenção para práticas que tensionem o pensar cidade, o fazer acadêmico, o estar juntxs, a interação entre vida e pesquisa, e o que mais surgir no caminho.



A ação **des[a]grupa :: corpos em intervenção** quer acontecer como vontade, desejo, ruptura, desvio, levante. Uma espécie de **línea roja** de alta tensão que articula, mobiliza, provoca afetos-e-golpeadas, explodindo em expressões coletivas e em múltiplos atos-corpo-rua.

O que apresentamos aqui é uma costura (talvez um alinhavo) espaço-temporal daquilo-que-era-para-ser com aquilo-que-foi e segue-sendo.



roteiro ou um trajeto imaginado⁸

“Roteirizar” foi a forma encontrada como caminho para (nos) organizarmos (com) a sequência dos atos vislumbrados para o acontecimento da oficina. Em meio aos tantos movimentos que compunham os diferentes momentos, incluindo a operação de dispositivos variados (imagens, vídeo, música, som, gestos, vozes, leituras) e simultâneos ao encadeamento das ações, o roteiro surge como suporte e guia tanto para a criação como para o encaminhamento prático-operativo, buscando ante-ver, conduzir (com todas as linhas de fuga abertas para o improviso e para os desvios) e distribuir nossas atenções e intenções.

⁸ # -- seria legal aqui inserir um comentário sobre este modo de compor a ação (oficina) como “roteiro”, quase uma “dramaturgia”, o que agrega um viés performativo desde a concepção até a maneira como ela foi desdobrada com os participantes...etc etc]. #
∅ -- não sei se estou querendo organizar demais, mas acho que essa parte integra melhor se for colocada na seção “ação em projeto”, pois acabou se configurando como um prólogo.∅

0. momento da chegada - 30 min

O espaço já preparado; estamos prontas para receber as pessoas às 9h em ponto. As pessoas vão chegando e ao entrar na sala, cada uma toma um "passe" e um banho de cheiro. Em seguida, elas devem, em silêncio, escolher um lugar no espaço para se deitar e relaxar de olhos fechados.⁹

- VOZ/LEITURAS/GESTOS >>> banho de cheiro; incenso [TODAS]
- MÚSICA >>> A LUA - UAKTI [DANICA]
- IMAGEM/VÍDEO >>> luz baixa¹⁰

Preparativos do espaço, de nós e dos que chegarão.

Às 8h já estávamos dentro da sala preparando o espaço para a oficina. Limpamos o salão, organizamos os materiais, instalamos o som e o projetor e repassamos o roteiro. Em seguida, nos reunimos em círculo e de mãos dadas para abriremos os trabalhos. Para finalizar os preparativos, nos revezamos para nos darmos um "passe": um banho de ervas e lavanda, aroma fresco que se dissipou pelo espaço estabelecendo uma atmosfera sensível e de cumplicidade. Às 9h em ponto estávamos prontas para receber os participantes. Um a um, silenciosamente iam chegando. Assim como nós, antes de adentrar o salão - nosso palco-terreiro - cada um recebia um passe. Em seguida, recebiam a instrução de, ainda em silêncio, escolherem um lugar no espaço para se deitar e relaxar de olhos fechados. Agora, sentíamos uma conexão entre nós - e com todes - para além de dores e lamentos, mas de leveza, apoio e segurança.#tamojuntx

⁹ ∅ -- achei que em vez de uma descrição do roteiro pretendido, podemos narrar o momento mais próximo de como aconteceu. pode ter uma pequena descrição do que estava no roteiro, mais a narrativa da experiência. coloquei uma sugestão. não está bonito =P mas acho que vocês que escrevem lindamente conseguem transformar isso num registro mais poético... nessa lógica, o mesmo valeria para as introduções das seções de 1 à 12.∅

¹⁰ ∅ -- fiquei na dúvida de onde essas caixas deveriam ir. no início, logo depois do título e descrição, ou no final de tudo, antes da seção seguinte.∅
-- acho que pode ficar sempre no início de cada ato, como fragmento do que estava desenhado enquanto "roteiro" das nossas operações.#



as cartas estão lançadas¹¹

A ideia de JOGO instaura-se como dimensão transversal do modo de fazer-pensar-criar, perpassando as concepções, confecções, (des)encontros, conversas, reformulações, abandonos, invenções, e tudo o mais que apareça no tabuleiro, no palco, no terreiro, na mesa. Explicitar certo “estado-jogo” tem o intuito de compartilhar a maneira de compor e de construir coletivamente que fomos acionando, em múltiplos lances, passadas, rodopios e cartadas permeadas de improviso, acaso, surpresa. Isso não quer dizer, no entanto, de um processo descuidado, sem compromisso ou consistência, mas de uma aposta em perspectivas de pesquisa e de criação enquanto agenciamentos que se efetuem e se movimentam com diferenças, desvios, multiplicidades.

Interpelado e definitivamente arrebatado por essa afectação, jogador[a] desejante que me faço, desdobro-a em jogo movente de outras exceidades (...) cujas intensidades se agenciam por e como errância e reverberação e frequência e insistência e contração e curto-circuito e amplificação e multiplicidade e aceleração e adensamento e agregação e simultaneidade e intercalação e acréscimo e eliminação e violência e difusibilidade e superposição e, a constituir “plano de consistência” – é agenciamento, redobra explodida em multiplicidade de palavras, elas também redobras de redobras, exceidades de exceidades de outras palavras na infinitude do jogo enquanto potência de negação do mesmo (GPMC, 2015).

De tanto provocar “jogo”, o processo explode na criação de um “tarô do golpe”¹² que percorre através de seus arcanos maiores um caleidoscópio de sensações, arquétipos e imagens nos inundavam enquanto matéria-prima para a composição do roteiro e das ações por “entre 1.

¹¹ Δ -- movida pelo desejo de contribuir com “Corpos em Intervenção”, elaborei para nossa oficina o “Tarot Político dos dias de Hoje-Ontem-Amanhã-Agora”. trata do jogo de sentimentos que nos tem atravessado os corpos, diante dos últimos acontecimentos políticos. as cartas foram criadas a partir da troca das próprias experiências vividas pelas integrantes do Des[a]grupa, sobretudo nos espaços públicos: seja nas manifestações que tomaram (e tomam) as ruas (A MANIFESTAÇÃO, A FORÇA), nos movimentos de ocupações e reivindicações de equipamentos e bens públicos (O GERME), diante da notícia do incêndio do Museu Nacional (O INCÊNDIO), das violências sofridas cotidianamente (A VIOLÊNCIA, O JOGO, A MÍDIA, O MILICO, O FANTOCHE); seja na alegria do carnaval como tática de resistência (O CARNAVAL), na “ressaca” de dias (in)tensos (O VAMPIRO, A TOGA, O GOLPE, O DESALENTO, A RESSACA), na renovação de nós mesmxs (AS MANAS, A LARVA), na reformulação de nossos sentimentos e atitudes (A ATITUDE, O DESVIO, O MUNDO GIRA), na necessidade de conectar-se à natureza (O MAR) ou mesmo de agrupar e fortalecer coletivamente, juntxs (A CRIANÇA). a concepção e ilustrações é de Flavia “Azul” Araújo (@flaviaazularaujo) e a arte final é de Daniel Contin (@danielfuzarca).Δ

¹² # -- as cartas são de uma lindeza! que as palavras não conseguem dizer. elaboradas pela Flavita, expressam com enorme força sensível afectos e aflições que nos rondam.#

1. SARAU DE ABERTURA – 5 min



- LEITURAS >>> regras para jogo [LÊ]; la poesia latinoamericana [DANICA]
- MÚSICA >>> sem música. entre as regras e poesia: instrumentos [LILÓ; FLAVIA; DANICI]
- IMAGEM/VÍDEO >>> sem imagem

regras do jogo

Sigam entregues ao silêncio: corpo em repouso, confortável, respiração lenta e profunda, ao mesmo tempo em que uma escuta atenta também esteja presente. Enquanto permanecem entregues, sob o efeito da gravidade agindo para que o corpo derreta aderido ao chão, vamos anunciar, pequenas regras que irão operar como guias para o jogo que já estamos jogando.

dinâmica

Toda a dinâmica que vamos experimentar pretende operar por CONTRASTES, OSCILAÇÕES, CORTES, RUPTURAS, ROMPANTES, portanto, pedimos que estejam atenta/os para os dispositivos que serão lançados para um trânsito por entre “afetos-e-ou-golpeadas”.

dispositivos

Alguns dispositivos serão acionados como modo de provocar, alterar, desviar rumos, sensações, estados e qualidades corpóreas. Portanto, estejam alertas, entregues e deixem-se afetar com a entrada em cena de IMAGENS, SONS, PALAVRAS, GESTOS. Permitam ser invadidos por esses dispositivos e deixem o corpo mover por fluxos e impulsos impensados.

regra geral: o jogo é de improviso

Corpo disponível; atento; aberto. Antenas, poros, pele, escuta abertos para atravessamentos, travessias e travessuras que possam explodir no improviso do jogo.

[provocação ética, poética, política]¹³

Algo horrible, caballeros.
La vacuidad y el espanto. Paisaje de hormigas.
En el vacío. Pero en el fondo, útiles.
Leamos y contemplemos su diario discurrir:
Allí están los poetas de México y Argentina, de
Perú y Colombia, de Chile, Brasil y Bolivia.
Empeñados en sus parcelas de poder, en pie de guerra (permanentemente),
Dispuestos a defender sus castillos de la acometida de la Nada
O de los jóvenes. Dispuestos a pactar, a ignorar,
A ejercer la violencia (verbal), a hacer desaparecer
De las antologías a los elementos subversivos:
Algunos viejos cucú.
Una actividad que es el fiel reflejo de nuestro continente.
Pobres y débiles, son nuestros poetas
Quienes mejor escenifican esa contingencia.
Pobres y débiles, ni europeos, ni norteamericanos,
Patéticamente orgullosos y patéticamente cultos
(Aunque más nos valdría aprender matemáticas o mecánica,
¡Más nos valdría arar y sembrar! ¡Más nos valdría hacer de putos y putas!)
Pavos rellenos de pedos dispuestos a hablar de la muerte
En cualquier universidad, en cualquier barra de bar.
Así somos, vanidosos y lamentables,
Como América Latina, estrictamente jerárquicos, todos en la fila,
Todos con nuestras obras completas y un curso de inglés o francés,
Haciendo cola en las puertas de lo Desconocido:
Un Premio o una patada en nuestros culos de cemento.

EPILOGO

Y uno y dos y tres, mi corazón al revés,
y cuatro y cinco y seis, está roto, ya lo veis,
y siete y ocho y nueve, llueve, llueve, llueve..
(BOLAÑO, 2009).

¹³ ∅ -- a mesma dúvida sobre estilo se aplicaria também aos textos inseridos. para este tipo de texto, não seria melhor utilizar algum recurso estilístico para diferenciação?∅

2. SILENCIAR / REPOUSAR - 5 min¹⁴

Preparação de um estado de presença que inicia com a qualidade do repouso, da pausa, do peso, do silêncio. Uma escuta de si, individual. Acalmar a mente, abrir e liberar um espaço de disponibilidade.

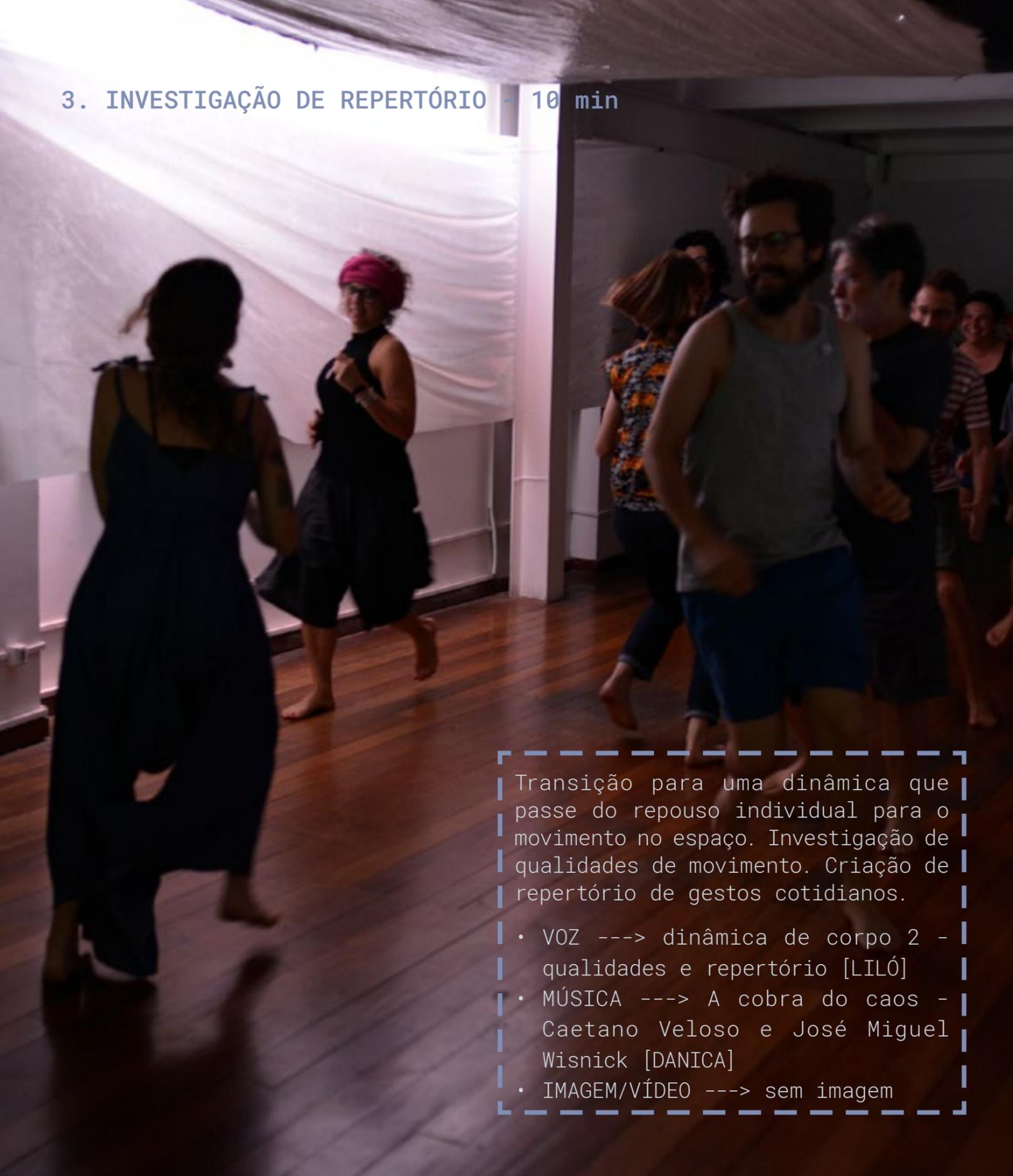
- VOZ >>> dinâmica de corpo 1 - escuta de si [LILÓ]
- MÚSICA >>> sem música
- IMAGEM/VÍDEO >>> sem imagem
- VOZ >>> momento "scan mental" [LILÓ]
- MÚSICA >>> Silencia - Ceumar [DANICA]
- IMAGEM/VÍDEO >>> sem imagem

*O que esse silêncio tem a dizer
O que esse silêncio tem a dizer
Fico sozinho, fico calado
Pra perceber
Fico sozinho, fico calado
Pra perceber*

A atenção à respiração e ao estar-em-si. Corpos espalhados pelo chão, a busca do movimento de expansão do corpo convocada por Laban. O trabalho com ambos lados do corpo, o despertar de suas particularidades. Enrolar e desenrolar-se em direção ao próprio centro. Corpo erguendo-se sobre suas possibilidades de apoio. Corpo-singular percebido, corpo-singular presente. A presença de todos os corpos alinhados sobre si mesmos.

¹⁴ # -- a partir daqui só consegui inserir o roteiro e textos; tem muita foto ainda que dá para usar e ir tramando com os momentos, assim como trechos das letras das músicas que usamos; frames dos vídeos; cartas de tarot; etc etc...#

3. INVESTIGAÇÃO DE REPERTÓRIO - 10 min



Transição para uma dinâmica que passe do repouso individual para o movimento no espaço. Investigação de qualidades de movimento. Criação de repertório de gestos cotidianos.

- VOZ ---> dinâmica de corpo 2 - qualidades e repertório [LILÓ]
- MÚSICA ---> A cobra do caos - Caetano Veloso e José Miguel Wisnick [DANICA]
- IMAGEM/VÍDEO ---> sem imagem

A escuta do outro. A percepção do coletivo. Contingência. Andar pelo espaço, a experimentação da troca: física, sensorial, indireta. O caminhar meu, o caminhar do outro, o movimento lento, médio, veloz. O cambio alternado de velocidade experimentando corpos disponíveis. A velocidade do movimento dada pela palavra, o comando do movimento, a disponibilização ao comando. Experimentação dessas velocidades até chegar a um estado de alerta do corpo-singular em sincronia com o outro. Uma pausa para perceber. Novamente o movimento reinicia e busca ancorar-se no espaço, experimentando as qualidades do peso do corpo e do tempo. Experimentação de movimentos diretos, focados, objetivos; contraposição com movimentos indiretos, erráticos, vagantes. Novamente um caminhar livre de comandos, embora, a leitura convoque "A vida é efetiva".



- LEITURA ---> a vida é efetiva [FLAVIA]
- MÚSICA ---> sem música
- IMAGEM/VÍDEO ---> sem imagem

*A vida é efetiva e afetivamente ausente (...),
uma vez que a vida [nos] repugna; no fundo ela nos leva à náusea.
Tudo o que o real contém de instável, de irreduzível, de palpável,
de corporal, de pesado, de calor e de cansaço,
eis aquilo que conseguimos nos proteger,
projetando-nos para o plano ideal, visual, distante, digital da internet,
sem fricção nem lágrimas, sem morte, nem cheiro.
(...) O [smartphone] é a prótese que barra toda a disponibilidade ao que está aqui
e que me coloca num regime de semipresença
constante, cômoda, retendo nele, a todo momento,
uma parte do meu estar-aqui
(COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 34-35 adaptado por Flavia Araujo).*

- VOZ ---> dinâmica de corpo 2 - repertório para gestos cotidianos. Perguntas. [LILÓ]
- MÚSICA ---> Emerê [Tom Zé]
- IMAGEM/VÍDEO ---> sem imagem

¹⁵ # -- acho legal dar uma pista sobre #emerê... palavra-coringa que passou a fazer parte de nossa gramática particular. inicialmente, nome da música de Tom Zé escolhida para tocar no momento da oficina em que os movimentos de automatismos eram retomados e o epílogo do Bolaño era relido. aquilo que sempre repete... nunca mais deixamos de usá-la.#



A vida é efetiva, e o nosso cotidiano é tangenciado pelas ações mais comuns. Aquilo que dizemos ser o “dia a dia”. Aqui, convocamos o corpo-singular a selecionar uma pequena sequência de movimento que tenha relação com esse estado de inércia, de automatismo, que reflita uma atitude em relação ao espaço, peso e tempo experimentados anteriormente; a repertorização do emerê¹⁵ de cada um. Um estado de fuga, uma semi-presença típica da minha sujeição em travessia cotidiana. Gravar esta sequência, utilizá-la sempre que se sentir desorientado, sem saber para onde ir e o que fazer.



epílogo # emerê
“aquilo que sempre se repete”

Epilogo

Y uno y dos y tres, mi corazón al revés,
y cuatro y cinco y seis, está roto, ya lo veis,
y siete y ocho y nueve, llueve, llueve, llueve...

4. MOMENTO AFETIVIDADE COLETIVA - 10 min



Transição para um compartilhar mais coletivo, delicado, sutil, amoroso. Troca, encontro, descoberta do outro, apresentar-se, toque, sensibilidades diversas. Construção de um continente de cumplicidade.

- VOZ ---> dinâmica de corpo 3. caminhar para roda. teia. forrózinho [LÊ]
- MÚSICA ---> Assum Preto - GILBERTO GIL [FLAVIA]
- IMAGEM/VÍDEO ---> sem imagem

Retomamos a caminhada no espaço a um ritmo médio, voltando a olhar as pessoas a partir de uma outra percepção, de um corpo já sensibilizado. Um corpo presente que pode fluir naturalmente, e uma presença com potência para entrar em estado coletivo. Formamos uma roda em 8 tempos, buscando a cada contagem afinar a presença, o ritmo e a cumplicidade. Então iniciamos um jogo para presentificar os corpos e mentes. Com uma **línea roja**, formamos uma teia que visibiliza o estar juntos, o encontro intencionado, o meu olhar no outro e o olhar do outro em mim. Entendemos o visibilizar da teia como forma de legitimar a necessidade do apoio mútuo para a travessia que sempre esteve, que já é, e que nunca cessa. Olhar a teia para afirmar o devir, este estar entre, que nos coloca em relação permanentemente. A dissolução da teia somente é possível pela aproximação mais intensa eu-e-o-outro, numa dança suave que pretende-se como estado físico, psíquico, uma dança que recorda a alegria deleuziana, uma alegria que se quer resistência.



5. GOLPE 1 - 3,5 min

Primeira interrupção. Corte. Ruptura com o estado anterior. Atravessamento abrupto.

- VOZ ---> dinâmica de corpo 4. corte abrupto. não dizer nada.
- MÚSICA ---> cortar a música [FLAVIA]
- IMAGEM/VÍDEO ---> vídeo 1 [DANICI]



Este momento pretende atualizar os corpos do e no contexto brasileiro atual. A golpeada é configurada a partir de uma projeção de vídeo sobre os corpos, que ao mesmo tempo vão sendo circundados e envolvidos pela linha roja que pretende coibir, censurar, limitar os corpos em intervenção, neste momento de atordoamento. Desenhamos o primeiro golpe costurando as imagens da votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff em agosto de 2016, a votação da “PEC da morte” que congela gastos públicos em saúde e educação por vinte anos no Brasil em dezembro do mesmo ano, e do incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro, ocorrido apenas alguns dias antes do SIIT8. Paralelamente à projeção, enunciemos ainda outras violências por meio de palavras e estalidos. Aqui a sensação se divide entre o abate e a raiva, entre o susto e a dispersão, em um primeiro vislumbre da necessidade de resistir.

- VOZ ---> gritos “fogo, facada, porrada, disparate, levante, amarelo, mariele” [TODAS]
- GESTOS ---> fio vermelho fecha o cerco. cinza na pele. estalinhos [TODAS]
- IMAGEM/VÍDEO ---> vídeo 1 [DANICI]

6. EMERÊ¹⁶ ou automatismos cotidianos - 2 min

¹⁶ ∅ — acho que podemos chamar o momento de 'automatismo cotidiano' de 'emerê', ou, 'aquilo que sempre se repete', como alguém aqui já havia colocado.∅



Retorno às exigências da “vida que segue”. “Distrair-se do golpe” com as demandas ordinárias. Ideia de “massa humana” que responde às tarefas do dia-a-dia.

- VOZ ----> dinâmica de corpo 5 - automatismos [LILÓ; LÊ]
- LEITURA ----> epílogo Bolano [DANICA]
- MÚSICA ----> Emerê - Tom Zé [FLAVIA]
- IMAGEM/VÍDEO ----> TAROT - o golpe; o incêndio; o fantoche [DANICI]

Ainda que imensamente afetados pelos acontecimentos que não cessam em transformar a nossa vida e de milhões de brasileiros em uma espécie de absurdo, retomamos nossas demandas cotidianas. Ir ao trabalho, levantar todos os dias, levar o filho ao colégio, ir ao mercado, andar pela rua, estudar, pegar o metrô, e ainda assim tentar manter nossa sanidade física e mental, nossos desejos pulsantes... ainda assim, rir. O #emerê é a ambivalência e o paradoxo da vida atual, negar o absurdo, ao mesmo tempo se faz necessário, como um ato-sobrevivência e auto-preservação. Mas como resistir se estivermos perdidos no #emerê?

7. GOLPE 2 - 3,5 min

Segunda interrupção. Corte. Ruptura com o estado anterior. Atravessamento abrupto.

- VOZ ---> dinâmica de corpo 6. corte abrupto. não dizer nada.
- MÚSICA ---> cortar a música [FLAVIA]
- IMAGEM/VÍDEO ---> vídeo 2 [DANICI]



Em nova atualização, os corpos dispersos e distraídos do cotidiano são afetados por outra golpeada. Impelidos ao centro pela linha roja, a projeção sobre os corpos articula uma manifestação contra o genocídio indígena em Brasília, a situação dos imigrantes venezuelanos na fronteira com o Brasil, e ainda as gaiolas que separavam as famílias de imigrantes nos EUA. Aqui aprofundamos um golpe que extrapola nossas fronteiras, um golpe subjacente nas entranhas do sistema capitalista que escolhe quais vidas humanas podem seguir adiante, se podem e como podem. É um golpe que amplia também a percepção do nosso privilégio branco, nosso privilégio universitário, nosso privilégio mediano, que nos re-situa enquanto corpo-rua-pesquisante. Aqui o corpo-singula está mais alerta, menos disperso, mais presentificado na reação, o ato-luta encontrando espaço nesse corpo afetado pela sequência de golpes.

- VOZ ---> gritos “fogo, facada, porrada, disparate, levante, amarelo, mariele” [TODAS]
- GESTOS ---> fio vermelho fecha o cerco. estalinhos [TODAS]
- IMAGEM/VÍDEO ---> vídeo 2 [DANICI]

8. EMERÊ ou automatismos cotidianos - 2 min



Retorno às exigências da “vida que segue”. “Distrair-se do golpe” com as demandas ordinárias. Ideia de “massa humana” que responde às tarefas do dia-a-dia.

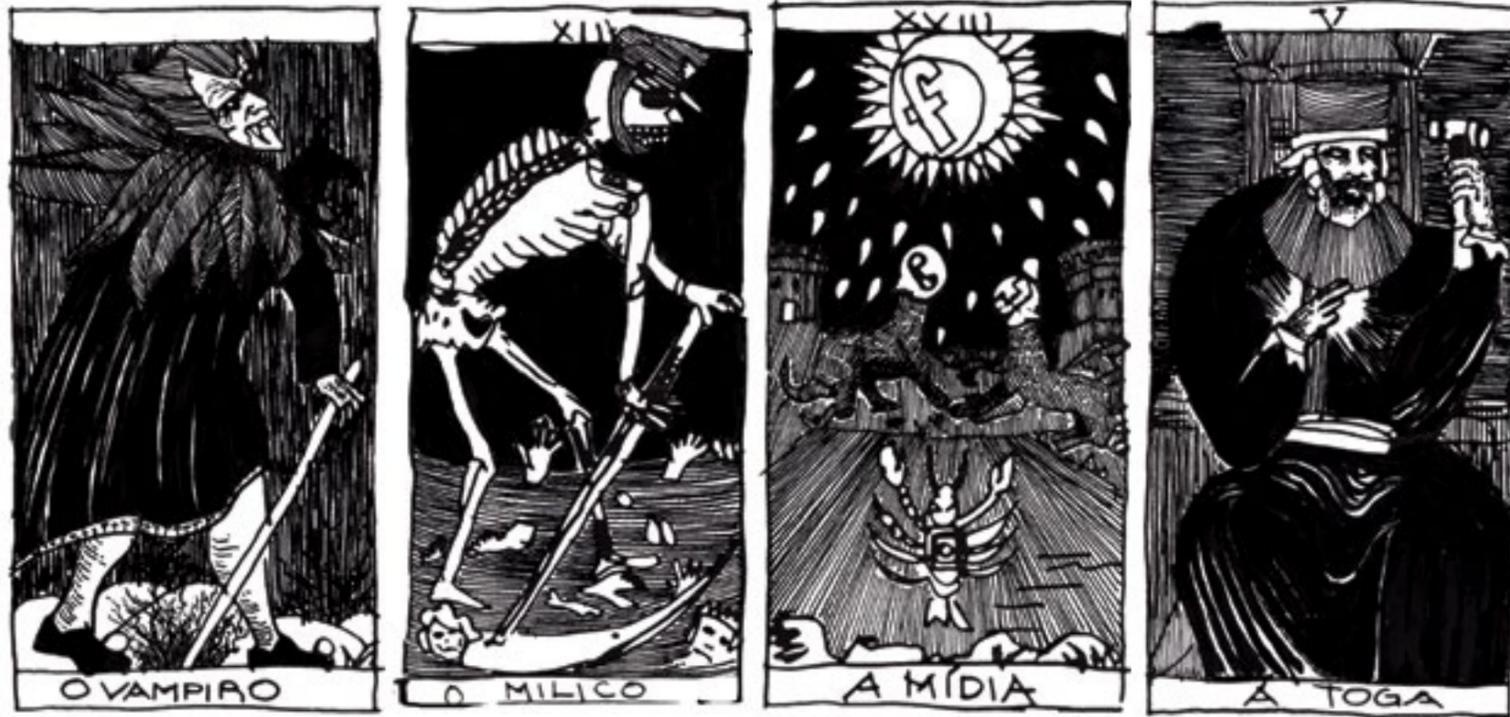
- VOZ ---> dinâmica de corpo 7 - automatismos [LILÓ; LÊ]
- LEITURA ---> epílogo Bolano [DANICA]
- MÚSICA ---> Emerê - Tom Zé [FLAVIA]
- IMAGEM/VÍDEO ---> TAROT - a violência; o desalento; a criança [DANICI]

O trágico retorno ao cotidiano, às demandas automáticas com o sentimento de incapacidade e de imobilidade. O fazer involuntário, a busca por seguir “apesar de tudo”. Novas tentativas de sobreviver ao desalento, remanejar os andares de cada dia, buscar a micropolítica possível na ação mais corriqueira. Sempre um sistema que nos impele ao indivíduo, que nos sujeita. Sempre uma lógica de desagregação e desmotivação do coletivo. Sempre um deixar-se levar pelo ego e por necessidades inventadas e imediatas. Sempre a violação da nossa própria presença em ato. É possível romper? Há um porvir? Quais as linhas de fuga??

9. GOLPE 3 - 3,5 min

Terceira interrupção. Corte.
Ruptura com o estado anterior.
Atravessamento abrupto.

- VOZ ---> dinâmica de corpo 8.
corte abrupto. não dizer nada.
- MÚSICA ---> cortar a música
[FLAVIA]
- IMAGEM/VÍDEO ---> vídeo 3 [DANICI]



O terceiro golpe é único e certo: a intervenção militar no Rio de Janeiro e tudo aquilo que ela carrega consigo. Corpo negro, corpo na favela, corpo da mulher, a cidade rasurada pela necropolítica. A violência de Estado. O papel da mídia, a rotina do medo, a confusão mental dos brasileiros, a aposta na polícia, o receio da perda de status social. Vidas que não importam, a abertura para um estado de pânico geral, o olhar no outro como inimigo. Este golpe opera com a sensação de impotência diante da violência direta das ruas, o corpo-rua ameaçado de cada dia. O ato se aprofunda com a leitura do relato da mãe do menino Vinicio, morto pela ação do exército em 2018 em uma favela do Rio de Janeiro. Aqui os corpos estão já amalgamados pelo ato-luta, em um agenciamento do resistir a qualquer preço.

*"Ele não viu que eu estava com roupa de escola, mãe?"
perguntou o menino, antes de morrer ao lado da mãe.*

*"Quando eu cheguei à UPA (Unidade de Pronto Atendimento da Maré,
para onde a vítima foi levada assim que baleada),
meu filho estava vivo e falou*

'mãe, eu sei quem atirou em mim, eu vi quem atirou'.

*Eu perguntei quem tinha atirado e ele: 'foi um blindado, mãe,
que não viu minha roupa de escola'.*

*"Eu fiquei com meu filho esperando a ambulância por uma hora.
Uma senhora da limpeza é que me contou que a polícia
não tinha deixado a ambulância entrar (na favela).*

*Depois houve uma ordem superior e a ambulância entrou,
mas ele já estava roxo, estava morrendo na minha frente"
(sobre morte de Vinicio Santa Maria, no Rio, 2018).*

- VOZ ---> gritos "fogo, facada, porrada, disparate, levante, amarelado,
mariele" [TODAS]
- LEITURA ---> depoimento da mãe do menino morto na maré [DANICA]
- GESTOS ---> fecha o cerco. todos amarrados. mão vermelha cala bocas [LILÓ;
LÊ; FLAVIA]
- IMAGEM/VÍDEO ---> vídeo 3 [DANICI]

10. Corpos aprisionados - 3 min

Numa tentativa de retorno aos deslocamentos e ações ordinárias, o fio vermelho vai amarrando os corpos, aprisionando, limitando os movimentos...

- VOZ ---> dinâmica de corpo 9 - corpo amarrados [LILÓ; DANICA; LÊ]
- MÚSICA ---> Exu na escolas - Elza Soares [FLAVIA]
- IMAGEM/VÍDEO ---> TAROT - o vampiro; o milico; a mídia; a toga [DANICI]

Sem nenhuma possibilidade de retornar ao emerê, o corpo-singular não consegue mais assumir deslocamento autônomo e passa a ser corpo-coletivo, corpo-indócil, corpo reativo. Utilizando-nos novamente da **línea roja**, da tensão que relaciona todas essas violências, que vai da ação do Estado à in-ação nossa de cada dia, amarramos os corpos buscando a catarse ou as fugas ou os impulsos desviantes ou.



11. Rompimentos / transição / contra-golpes - 10 min



Buscar acionar um estado de reação, de encontrar no aprisionamento e na tensão forças e formas de agir. Carnavalizar. Gritar. Criar...

Provocações para desfazer o aprisionamento; fragmentos de contra-golpes (frase/gritos de guerra, imagens de manifestações).

Alterar o estado para algum lampejo de festa e alegria.

- VOZ ---> dinâmica de corpo 10 - sair das amarras [LILÓ; DANICA; LÊ]
- GESTOS ---> purpurina e confete [TODAS]; estandarte [DANICI]
- MÚSICA ---> Xique-xique - Tom Zé [FLAVIA]
- IMAGEM/VÍDEO ---> TAROT - as manas; a manifestação; o mundo gira; a atitude[DANICI]

A auto-libertação dos corpos em estado reativo, a percepção de um corpo-coletivo maciço e forte, a memória-corpo de um somatório de forças, um somatório de possibilidades de resistir, a necessidade de seguir juntos. Convocar a alegria da resistência como fundamento de sobrevivência. Carnavalizar como ato político.



O roteiro se dissipa. O “plano sempre fracassa”, diria Deleuze, e não estamos mais “conduzindo”. O processo passa a ser criado num fazer junto. Ao romperem o cerco no qual estavam limitados, os corpos ganham o espaço, retomam o caminhar em estado de certa perturbação. Liberados da linha roxa e tensa, ainda sem saber bem o que fazer.

O agrupamento se refaz.

Forma-se uma roda que evoca o saber ancestral de re-união. Da roda, o passo lento faz girar. Do passo, alguém puxa o canto. Uma ciranda está formada. Gira o mundo.

...que virá dessa escuridão? que virá dessa escuridão...

...esta ciranda quem me deu foi Lia que mora na ilha de Itamaracá...

...eu tava na beira da praia ouvindo as pancadas das ondas do mar...

...eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor...

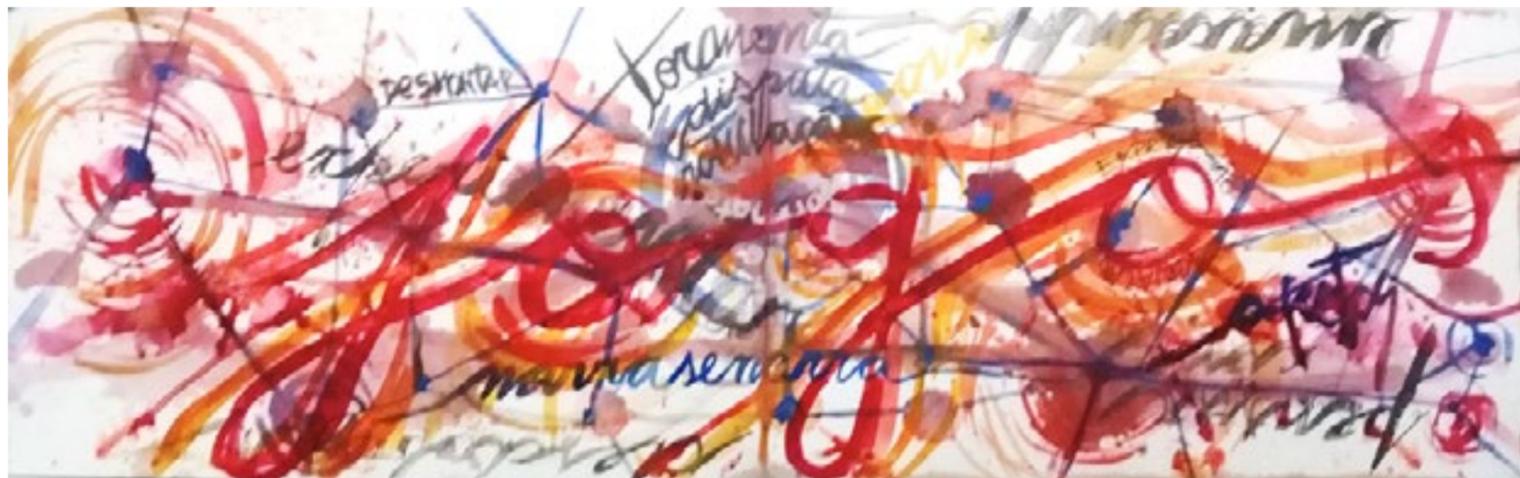
...essa ciranda não é minha só, ela é de todas nós é de todos nós...



12. “Encaminhar o trabalho” - roda de conversa - 30min

“Baixar a poeira” para uma roda final de conversa que “fecha o trabalho”; Pensar junto os desdobramentos e intervenções a serem disseminadas.

- VOZ ---> dinâmica de corpo 11 - baixar a poeira; formar uma roda [LILÓ; DANICA; LÊ]
- GESTOS ---> novo banho de cheiro; axé final [FLAVIA; DANICI]
- MÚSICA ---> Que virá dessa escuridão? - Milton Nascimento [FLAVIA]
- IMAGEM/VÍDEO ---> sem imagem



EMERÊ RUA CONEXÃO RENOVAÇÃO CANTO DANÇA CIRANDA SABER ANCESTRAL TORÉ
 CABOCLAGEM FORTE NATUREZA MATA MADEIRA TERRA FOGUEIRA CHUVA BANHO DE
 CHEIRO RUA CASA EMERÊ CONEXÃO NÓS JUNTXS REUNIÃO GIRA O MUNDO EMERÊ ERÊ.



*Essa ciranda não é minha só
 É de todos nós
 A melodia principal quem tira
 É a primeira voz*

*Pra se dançar ciranda
 Juntamos mão com mão
 Fazendo uma roda
 Cantando essa canção*

*(Lui Coimbra – Minha Ciranda,
 na voz de Luciana Melo)* ¹⁷*

¹⁷ Educadora popular, atriz da Coletiva de Teatro Feminista Madalenas Tuíra - Marabá/PA, militante do setor de Educação e Cultura do MST/PA e da Brigada Nacional de Teatro Patativa a Assaré - MST, integrante da Escola de Teatro Popular - RJ.

referências

- BOLAÑO, Roberto. La poesía latino-americana, 2009.
<http://descontexto.blogspot.com/2009/01/la-poesa-latinoamericana-de-roberto.html>
- CAETANO VELOSO, JOSÉ MIGUEL WISNIK. . A Cobra do Caos. Tratore: 2005. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-f_C6M0pxbQ. Acesso em: 20 set. 2018.
- CEUMAR. Silencia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zMR976a0cR8>. Acesso em: 20 set. 2018.
- COMITÊ INVISÍVEL. Aos nossos amigos: Crise e Insurreição. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia. V4. (Trad. Suely Rolnik). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997
- ELZA SOARES. Exu nas Escolas. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sZa50tjGEqQ>. Acesso em: 20 set. 2018.
- GILBERTO GIL. Assum Preto. Wea Music. 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sZa50tjGEqQ>. Acesso em: 30 set.2018.
- GPMC (GRUPO DE PESQUISA MODERNIDADE E CULTURA) In: ARAUJO, Frederico de. Caosgrafias cidade. Cad. Metrop., São Paulo , v. 18, n. 37, p. 899-920, Dec. 2016 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236=99962016000300899-&lng=en&nrm-iso>. Acesso em: 12 fev 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3714>.
- GRUPO UAKTI. A Lua. Rio de Janeiro: Polygram/Philips. 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-G78Pvmv4wc>. Acesso em: 20 set. 2018.
- LABAN, R. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.
- MILTON NASCIMENTO. Que virá dessa escuridão?. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_mBF46l79T0. Acesso em: 20 set. 2018.
- ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- TOM ZÉ. Emerê. São Paulo: Trama. 1998. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=0AZ0vtNE-G3c&pbjreload=10>. Acesso em: 20 set. 2018.
- TOM ZÉ. Xique-Xique. São Paulo: Trama. 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g3wmKlYiwAM>. Acesso em: 20 set. 2018.

Fotos: Luciano Laner

Ilustrações 'Cartas de Tarot': Flavia Araújo

Ilustrações/Aquarelas: Flavia Araújo

deseo, afecto y política en el orden neoliberal



IDAES | UNSAM-IIGG | UBA

Micaela Cuesta

crisis, palabra del orden neoliberal

La palabra *crisis* es uno de los términos más aludidos en la actualidad para reflexionar sobre la incertidumbre que hoy domina. Si bien ella nombra la especificidad del orden capitalista y, por extensión, neoliberal –recordemos que desde Marx, pasando por Lukács hasta llegar a Streeck (y en el medio, tantos otros) se señala que el vocablo crisis no antecede ni equivale a superación, ni culminación, ni fin, antes bien, indica las reconversiones del orden del capital bajo reglas relativamente nuevas, aunque siempre en favor de su supervivencia– habría algo en el desequilibrio actual que nos llevaría a un más allá indeterminado. Hay quienes prefieren hablar de *inter-regno* –recordando a Gramsci– para designar la singularidad y rareza de este momento (Streeck 2017; Dardot y Laval, 2018), otros afirman la existencia de una “crisis de la formación hegemónica neoliberal” (Davies, 2017; Mouffe, 2018: 8).

El capitalismo, en su tercera fase neoliberal actual, habría vencido a sus enemigos y, con ello, habría firmado su sentencia de muerte: “Lo que vendrá después del capitalismo y su crisis final” –se atreve a hipotetizar Streeck– “no será el socialismo o algún otro orden social definido, sino un interregno duradero [...] un período prolongado de entropía o desorden” (Streeck, 2017: 29)¹. Los sociólogos nos veremos confrontados, entonces, con el desafío de imaginar una sociedad “que sería *menos que una sociedad, una sociedad postsocial* o un *sucedáneo de sociedad*, por decirlo así, hasta que pueda o no recuperarse y volver a ser una sociedad en el pleno sentido del término” (Streeck, 2017: 29). Este interregno estaría signado por “*una descomposición* de la integración sistémica a escala macro, que privaría a los individuos a escala micro de estructuración social y de apoyo colectivo [...]” (Streeck, 2017: 29).

Con el fin de esa *anomalía* que fue el kirchnerismo en Argentina (y quizás el “ciclo de gobiernos progresistas”, como decía Marco Aurelio García, en América Latina) se reestableció y recrudeció esa *normalidad* neoliberal. En efecto, en tan sólo dos años se pasó de un proceso de desendeudamiento histórico con entes privados y organismos multilaterales de crédito (que redundó en autonomía política y soberanía nacional), a batir los récords históricos y comparativos de endeudamiento en términos de velocidad y volumen. El índice de Gini, uno de los instrumentos para medir la desigualdad, aumentó de modo considerable; la tasa de desempleo se disparó; el sector informal se robusteció; los índices de violencia se acrecentaron². Con esto se ingresó de lleno en lo que, según Davies (2016) y Streeck (2016) marca el inicio del tercer “momento neoliberal” –antecedido primero por el neoliberalismo normativo, y antes por el combativo– signado por la deuda, la apelación a la austeridad, una fuerte tendencia punitiva y una indiferencia crítica. En otras palabras, este endeudamiento que sirve de justificativo de una selectiva *austeridad* opera, afirma Davies: “con unos valores de castigo fuertemente moralizado (a diferencia del utilitario)” (2016: 139). Es, además, *post crítico*, pues ese castigo no está sujeto a revisión ni deliberación. En este neoliberalismo denominado *punitivo*, “la dependencia económica y el fracaso moral se enredan en forma de deuda, produciendo una afección melancólica en la que gobiernos y sociedades liberan el odio y la violencia sobre miembros de su propia población” (Davies, 2016: 139).

¹ El programa conductista de la *sociedad postsocial* durante el *interregno poscapitalista* se regiría por un *ethos* neoliberal de automejora competitiva, el cultivo incansable del capital humano comercializable, la dedicación entusiasta al trabajo y la aceptación alegremente optimista y jovial de los riesgos inherentes a un mundo que ha dejado atrás el gobierno (Streeck, 2017:56).

² AA.VV, “Pobreza y desigualdad por ingresos en la Argentina urbana 2010-2017”, Observatorio de la Deuda Social Argentina, Universidad Católica Argentina, diciembre 2017. Disponible en: <http://wadmin.uca.edu.ar/public/ckeditor/2017-Observatorio-Informe-pobreza-por-Ingresos-Final.pdf>

crisis y odio: modos de una afección

El dato sociológico más significativo de este cuadro es el consenso que acompaña a las mentadas expresiones de violencia y odio. Esos apoyos se tornan evidentes en el festejo público de linchamientos privados, en la presencia en los medio masivos de comunicación hegemónicos de “profetas del odio”, y también, en la ocupación –por momentos multitudinaria– de las calles por parte de los llamados “antiderechos” –quienes se confunden con los que dicen luchar “contra la corrupción” y, sobre todo, contra la despenalización y legalización del aborto en la Argentina–. Se trata de aquella parte de la sociedad, víctima y victimario de este sistema neoliberal, dispuesta a encontrar la ocasión propicia para descargar su odio variopinto. Odio de clase, odio de género, odio de raza, odio político. Odio no sólo del rico contra el pobre, sino también del “recién llegado” contra quien se está aproximando a su transitoria e inestable posición. Odio contra el deseo y el poder de la mujer, de lo femenino, de las femineidades. Odio a quienes quieren vivir sus sexualidades disidentes a plena luz del día. Odio a los que hablan con otros acentos y en otros idiomas escudados en la defensa de un derecho al trabajo que ninguno de ellos no sólo no realizaría sino que tampoco honraría. Odio porque consumen *nuestros* raquíticos bienes públicos (educación, salud, ocio) que, exangües, “no alcanzan para todos”. Odio a los que nos hicieron creer, y a quienes nos lo creímos, que podíamos vivir mejor, que la necesidad no es fatal ni es destino y que nuestras demandas son derechos. Odio que lleva a algunos, incluso, a desear escribir el *Nunca Más del populismo* –como supimos relevar³.



³ Grupo de Estudios Críticos sobre Ideología y Democracia (GECID), Proyectos de Investigación Plurianual CONICET “Problemas de la democracia argentina en el período de la post-convertibilidad. Transformaciones socio-económicas y reconfiguraciones ideológicas” (2011-2015) y “Dilemas de la democracia (y el capitalismo) en la Argentina” (iniciado en 2015), director Ezequiel Ipar.

Ese odio no puede más que hacer crisis. Aunque, en rigor, es la *crisis* la que hace su propio trabajo. Ella trabaja el odio, así como otros afectos, que se imprimen en la superficie de los cuerpos individuales y colectivos a los cuales moldea. La crisis –sinónimo de desposesión, precariedad, inseguridad, temor, amenaza– afecta cuerpos y moldea sensibilidades. Estos afectos son concebidos aquí desde una perspectiva relacional, esto es, involucran (re)acciones o relaciones de acercamiento o alejamiento con respecto a los objetos (Ahmed, 2014: 19). Los sentimientos se deslizan, se resbalan y se “pegan” a otros sujetos/objetos. Ello es así porque “circulan”, porque no residen en un sujeto u objeto fijo y predeterminado que sea su causa, antes bien, son móviles; de allí que podamos hablar de “economías afectivas” (Ahmed, 2014: 31). Es esta concepción la que nos permite, además, indicar la “‘socialidad’ de la emoción/afecto. Y, a partir de allí, poner en entredicho tanto un modelo psicologicista de las emociones cuanto uno más sociologicista en la medida en que ambos suponen la idea de un *adentro* y un *afuera* desde dónde o hacia el cual se orientaría el afecto; ninguna discute, a su vez, las categorías de lo individual y lo social, ni las del “yo” y el “nosotros” que subyacen a ellas. Las superficies de los cuerpos, decimos junto a Sara Ahmed, son *siempre ya* efecto de las impresiones que otros dejan en nosotros. Las emociones circulan, están en movimiento, invisten objetos, los “contaminan”, los atraviesan, los fijan. A algunos, inclusive, los saturan y convierten en sitios emblemáticos de “tensión personal y social” (Ahmed, 2014: 35). Cuando eso ocurre hablamos de estigmas sociales o estigmatizaciones.

El odio conforma mundos, se organiza y congrega afectos en torno al objeto que produce como amenaza y ante el cual reclama defenderse por una posible lesión. A la producción de objeto la acompaña la generación de un sujeto (colectivo) en peligro; que fantasea ver liquidado su objeto de amor, su seguridad, sus bienes: “La emoción del odio funciona para animar al sujeto ordinario, para dar vida a esa fantasía, precisamente mediante la construcción de lo ordinario como algo en crisis, y a la persona ordinaria como la *víctima real*. Lo ordinario se vuelve lo que ya está amenazado por los otros imaginados, cuya proximidad se vuelve un crimen en contra de la persona y el lugar” (Ahmed, 2014: 79). A estos “otros amenazantes” hay que mantenerlos a raya, segregarlos, evitar su contacto, confinarlos, aunque no eliminarlos, pues, en el límite, de este vínculo pende la sobrevivencia del “nosotros”.

Odio no es lo contrario de amor; amor y odio se entrelazan en esta economía inconsciente, más no intrapsíquica, que configura aquel vínculo negativo que permite no sólo el pronunciamiento de ambas partes sino también el hecho de que “al odiar a otro, este sujeto también se está amando a sí mismo” (Ahmed, 2014: 91). De allí el lazo que amarra el odio al narcisismo.



crisis como desposesión y vulnerabilidad

Detengámonos antes en una breve caracterización de esta crisis, digamos, por ahora, que a nivel estructural se expresa como: crisis económica con declinación financiera –de endeudamiento y puesta en cuestión de la reproducción material de un sinnúmero de vidas–; crisis política o de la idea de democracia como forma de gobierno de y para el pueblo (o para los más pobres –como recuperan Wendy Brown y Dardot y Laval–); crisis cultural o de los principios normativos que regulan la vida entre los seres humanos; crisis social o de resquebrajamiento de la solidaridad como marca distintiva del lazo social; crisis ecológico-ambiental o del agotamiento de los recursos indispensables para la vida. Podemos referirla, a su vez, a su *multimorbilidad* y adjudicarla a una serie de desarrollos interrelacionados como hace Streeck–:

el debilitamiento del crecimiento, que intensifica el conflicto distributivo; la creciente desigualdad resultante; la gestión cada vez más difícil de la macroeconomía, [...] un endeudamiento cada vez mayor, la inflación [...]; la intensificación del dominio oligárquico; la menor capacidad de los gobiernos y el déficit sistémico de gobernanza para limitar la mercantilización del trabajo, la naturaleza y el dinero [...] la erosión de las infraestructuras públicas y las prestaciones sociales [...] (Streeck, 2017 a: 30-31).

Todos estos registros refractan en el cuerpo colectivo y sobredeterminan la configuración de los cuerpos individuales. Podríamos hablar de una traducción subjetiva de la crisis y presentar algunos de los términos que la aluden: desposesión, vulnerabilidad, inseguridad, precariedad y, junto a ellos, “estados afectivos” como el miedo, la ansiedad, la angustia, el aislamiento, la desesperanza, la paranoia, la culpa, la crueldad.



El proceso de precarización remite a modalidades socioeconómicas que afectan –de modo desigual, enfatizamos con Judith Butler (2017)– la vida cotidiana de las personas: trabajos temporarios y mal pagos –cuando no su pérdida por despido–, devaluación de los salarios, supresión de servicios sociales, encarecimiento de bienes y servicios básicos para la reproducción de la vida. En el contexto de una racionalidad de mercado (neoliberal) más próxima a una *necropolítica* (Mbembe) que a una biopolítica (Foucault), sugiere Butler, sectores cada vez más significativos de la población devienen desechables, sustituibles, prescindibles. La precariedad “no es más que la distribución diferenciada de la precariedad. Los grupos más expuestos a ella son los que más riesgo tienen de caer en la pobreza y el hambre, de sufrir enfermedades, desplazamientos y violencia, por cuanto no cuentan con formas adecuadas de protección o restitución” (Butler, 2017: 40). Uno de los sentidos de la precariedad de la que hablamos, se define, así, como una condición impuesta políticamente que expone a ciertos grupos más que a otros a la muerte. Para decirlo en un lenguaje más coloquial: el costado real de la jerga económica del estrangulamiento externo, el déficit cero y la balanza de pagos, es más personas durmiendo en la calle, más ollas populares en las escuelas, más sistemas de trueque improvisados en los barrios.

La operación ideológica que sella esta precarización y condena, muchas veces, al aislamiento se condensa en la apelación a la *responsabilidad individual* (Brown, 2016; Butler, 2017). Bajo este sintagma se individualiza la culpa, se exalta el fracaso moral y se privatiza la acción política al tiempo que “se familiariza la esfera de lo social y lo público” (Brown, 2018:65). Este mandato, que cabalga sobre el imperativo del individuo autónomo, es erigido en el momento en que ninguna autonomía es ya posible y cuando las condiciones económico sociales que deberían habilitarla no hacen otra cosa que obstruirla y negarla. La exigencia de la moral neoliberal de una autosuficiencia económica en un contexto donde esta posibilidad es minada, crece a la sombra de otra: no hacerse cargo más que de uno mismo y de su propia suerte. Responsabilidad individual, entonces, como la otra cara de una indiferencia determinada por la desresponsabilización ético política ante los otros.

Esta modalidad de la precariedad con su intento de clausura ideológica procura ocultar una condición que, precisamente, se exagera en momentos críticos: el saber de una común *desposesión* de los seres humanos. Nos referimos al segundo sentido del término *precariedad*, esto es, a la ida según la cual estos cuerpos precarios –individuales y colectivos– que somos, se constituyen en la constante entrega a otros, en su permanente exposición al contacto con otros. Configurado a partir de normas, las vidas y los sujetos, disímiles en función de las valoraciones de las que son objeto, dependen para persistir de otros. El saber de esta interdependencia es un saber del límite del sujeto pleno, soberano y auto-suficiente. Como escribíamos en otra ocasión, todas las identidades buscadas e interpretadas, todos los rótulos que podamos adjudicar y autoadjudicarnos, no son más que, en rigor, modos de una desposesión. Un “ser para” otro, o, “a causa de otro”; un estar por fuera de “uno mismo” que encuentra su explicación en el más acá, el cuerpo que, paradójicamente, es y no es *mi* cuerpo:

El cuerpo supone mortalidad, vulnerabilidad, praxis: la piel y la carne nos exponen a la mirada de los otros, pero también al contacto y a la violencia, y también son cuerpos los que nos ponen en peligro de convertirnos en agentes e instrumentos de todo esto. Aunque luchemos por los derechos sobre nuestros propios cuerpos, los cuerpos por los que luchamos nunca son lo suficientemente nuestros. El cuerpo tiene una dimensión invariablemente pública. Constituido en la esfera pública como un fenómeno social, mi cuerpo es y no es mío (Butler, 2016: 52).

Sobre el saber opaco, enigmático, de esta desposesión de uno mismo en la acción recíproca con otros, en otras palabras, sobre el nada diáfano conocimiento acerca del modo en que afecto a otros y soy afectado por ellos, se funda toda comunidad política (Cuesta, 2017).



Ahora bien, sobre esta condición intramundana de la desposesión se sobreimprimen, como decíamos, otras formas políticas, concretas, de *privación*, de expropiación de bienes sociales tan elementales como son el “sustento, refugio, comida y protección” (Butler y Athanasiou, 2018: 19). Formas de privación intrahistóricas determinadas que acentúan nuestra vulnerabilidad. Ante ella, en el momento neoliberal actual, se generalizan actitudes próximas a la apatía, la frialdad o el cinismo. Formas de socialización desafectadas –podríamos decir junto a Laurent Berlant– que, en lugar de reparar en la crueldad del ahora, “optan por dejarse llevar por la ola del sistema de vínculos al que están acostumbrados, sincoparse con ella o mantener una relación de reciprocidad” (Berlant, 2011: 112). Tiende a estabilizarse un *círculo de afectos* (Safatle, 2016) que conduce del miedo y la sensación de inseguridad al reclamo de una autoridad cada vez más férrea y unas penas más duras. En este cuadro, como señala Safatle, Thomas Hobbes aparece como el filósofo político más actual del neoliberalismo: en aquella sociedad de inseguridad total –donde el hombre es el lobo del hombre– el miedo deviene el afecto que instituye y sostiene relaciones de autoridad. “Ese miedo tendría la fuerza de estabilizar la sociedad, paralizar el movimiento y bloquear el exceso de pasiones” (Safatle, 2016: 43). Sólo un miedo tal lleva a la institución de un poder soberano capaz de proteger a quienes domina de una segura muerte violenta. Provocar de modo continuo ese sentimiento de desamparo es la forma que muchos Estados encuentran para “legitimarse como fuerza de amparo fundada en la perpetuación de nuestra dependencia” (Safatle, 2016: 45).

crisis, deseo y política

Sólo estando advertidos de la negatividad de esta configuración social, podemos atender a la pregunta por cómo pueden esos cuerpos precarios, desposeídos, vulnerables y vulnerados transicionar hacia otros cuerpos “aliados”, deseantes, indóciles. Más de una vez hemos constatado que la intensidad de fuerza del poder no se corresponde – como queríamos con Foucault – con un gradiente de intensidad de *resistencia* equivalente. Sabemos a esta altura que la crisis se convierte de “estado perene de excepción [...] en una regla y en un sentido común” que “transforma al pensamiento crítico y al accionar que lo acompaña en algo redundante, irracional y, en última instancia, anti-patriótico” (Athanasiou, 2017: 185). Al menos así lo quieren hacer aparecer quienes están interesados en ocultar sus tramas. En estas coordenadas el deseo de transformación es domesticado y confiscado por los poderes de turno; es el tributo que pagamos cuando nuestro anhelo de una vida mejor no puede ya traspasar el umbral del deseo de “lo estable” sintetizado en “una modesta vida burguesa”.

En condiciones de inestabilidad, inseguridad, y carencia como las actuales, lejos de desarrollarse potencialidades revolucionarias, lo que redonda, como señala Berlant (2011), es una pobre “normalidad aspiracional”. En situación de informalidad extrema, un trabajo mal pago y poco interesante es casi utópico y vuelve imaginable vivir la vida correcta que el capitalismo ofrece como “buena vida”. De esta suerte, se confunde con “buena vida” a la mera supervivencia, a lo que, en rigor, no es otra cosa que “mala vida”. Se pasa de la fantasía de movilidad ascendente a la fantasía de dejar de perder. Esta normatividad es resultado de una negociación con un presente abrumador para no perecer. Una solución de compromiso para sobrellevar el temor de una eternización de la penuria.

De allí también que se hable de la dimensión post-utópica del actual neoliberalismo, de la sensación de que no hay otra alternativa (Streeck, 2017 b: 7). Esa ausencia de una alternativa al modo neoliberal de vida fue también denominada *realismo capitalista*. Bajo él se nombra el “sentido más generalizado y más profundo del agotamiento y de la esterilidad política” (Fisher, 2016: 29). Pero lo que torna más problemática a esta situación no es tanto esa carencia de horizonte alternativo cuanto la difusa o escasa percepción de su falta por parte de las “mayorías democráticas”.

No obstante este oscuro panorama, aún en estas circunstancias, como señala Butler: “Al ser vulnerables a una precariedad socialmente impuesta, cada yo puede ver cómo su propia percepción de la angustia y el fracaso ha estado siempre imbricada en un contexto social mucho más amplio. A partir de ahí se puede empezar a desarticular esa forma individualizadora y exasperante de la responsabilidad, sustituyéndola por una concepción solidaria que ratificaría nuestra dependencia mutua [...]” (Butler, 2017: 29). De este modo, el hechizo de esta normalidad neoliberal puede ser interrumpida por formas políticas de acción, por la irrupción inanticipable de deseo, por la aparición pública de los cuerpos.

Una de esas formas políticas de acción es la reunión de los cuerpos en el espacio público. Ni discursivas, ni prediscursiva, esa acción plural corporizada es definida, siguiendo una vez más el planeo de Butler, como performática y crítica. Bajo determinada acción coordinada se propone “la reconfiguración de la agencia en su modo plural” (Butler, 2017: 16). Los movimientos del #NiUnaMenos, las manifestaciones en contra de la reforma previsional y en contra del acuerdo con el Fondo Monetario Internacional, así como también las marchas y vigiliadas en favor de la ley por el aborto – legal, seguro y gratuito – ejercieron, con tácticas quizás diferentes, un mismo “[...] derecho plural y performativo a la aparición, un derecho que afirma e instala el cuerpo en medio del campo político, y que, amparándose en su función expresiva y significante, reclaman para el cuerpo condiciones económicas, sociales y políticas que hagan la vida más digna, mas vivible” (Butler, 2017: 18).

Sacándonos del aislamiento, estos encuentros ponen al descubierto la injusticia compartida y permiten instalar la pregunta por la responsabilidad social y política de estas desigualdades e injusticias, descargando fuera de sí el peso de esa culpa desigualmente distribuida, políticamente producida y cínicamente escamoteada. Una nueva estrategia de solidaridad social puede surgir de la acción conjunta contra esa precarización de las condiciones para la acción y para la vida. En efecto, en esas confabulaciones, aquelarres, e improvisaciones para hacer frente a una vida cotidiana amenazada pueden arraigar conductas díscolas para la norma neoliberal.

Un saber social y colectivo se produce allí: el de la interdependencia o el límite de la autosuficiencia. El saber ético político de nuestra común desposesión y exposición a los otros. Ese saber que emerge en apenas algunos “instantes de peligro” – diríamos con Benjamin – es el que debiéramos atesorar para imaginar maneras diferentes de enlazar los cuerpos y construir comunidad. Junto a estas ideas de desposesión y, como un modo específico de la vulnerabilidad estructural que nos torna permeables ante otros, podemos situar la noción freudiana de *desamparo* tal como la reelabora Vladimir Safalte (2016). La apuesta consiste en presentar a este concepto como cifra de una filosofía política “no patriarcal” y allende todo “individualismo posesivo”: “Hay una experiencia política que se constituye a partir de la circulación del desamparo [...] la política puede ser pensada en cuanto práctica que permite al desamparo aparecer como fundamento de productividad de nuevas formas sociales, en la medida en que impide su conversión en miedo social y que nos abre hacia acontecimientos que no sabemos aún como experimentar” (Safalte, 2017: 50). El desamparo es presentado como condición de toda acción política que se sepa, y quiera, irreductible a la mera gestión de bienes y servicios.



**ABORTO
LEGAL YA**

Sobre esta premisa teórica puede abrirse paso la lucha por la persistencia de un cuerpo político colectivo no reificado, esto es, uno que sospecha de la identidad y que no desconoce los antagonismos que lo atraviesan ni las contingencias que lo surcan y alteran las normatividades. Un cuerpo tal resiste la tentación predicativa de los encuentros inesperados y es hospitalario, pacientemente hospitalario, con aquello con lo cual se topa sin todavía comprenderlo.

Se trata de profesar una “filosofía del asombro” (Ahmed, 2010: 272). A partir de la cual se vuelve extraordinario lo ordinario, y al hacerlo se produce la apertura de la historicidad y, así, del carácter contingente de lo instituido; la certeza momentánea de que las cosas no tienen por qué ser como son y que podrían ser de otro modo. Esta actitud crítica feminista vuelve, a su vez, su mirada hacia adentro, incomoda, problematiza las formas externas pero también sus propias formas. Sabe que su acción no tiene garantías, ni sus posiciones el privilegio de no ser refuncionalizadas en sentidos adversos. “El asombro mantiene a los cuerpos y los espacios abiertos a la sorpresa de los otros. Pero no sabemos lo que podemos hacer con dichos otros” (Ahmed, 2014: 277). En ese “no saber” – marca del deseo y condición ética – radica, quizás, la posibilidad de la escucha, la apertura de futuro y la esperanza de una transformación.

referencias

- AA.VV, "Pobreza y desigualdad por ingresos en la Argentina urbana 2010-2017", Observatorio de la Deuda Social Argentina, Universidad Católica Argentina, diciembre 2017. Disponible en: <http://wadmin.uca.edu.ar/public/ckeditor/2017-Observatorio-Informe-pobreza-por-Ingresos-Final.pdf>
- AHMED, S. (2014), *La cultura política de las emociones*. México: Universidad Autónoma de México.
- BERLANT, L. (2011), *Optimismo cruel*. Traducción de Nattie Golubov, en Desde otro lugar.
- (2011), "Casi utópico, casi normal. El afecto posfordista en La promesse y Rosetta" en El corazón de la Nación. *Ensayos sobre política y sentimentalismo*, México: FCE.
- BROWN, W. (2016), *El pueblo sin atributos*. La secreta revolución del neoliberalismo. Barcelona: Malpaso.
- (2018) "Neoliberalism's Frankenstein: Authoritarian Freedom in Twenty-First Century 'Democracies'" en *Critical times* Issue N° 1 (january 2018): 60-79.
- BUTLER, J. (2009), "Violencia, duelo, política" [2006], en *Vidas precarias*. El poder del duelo y la violencia, Buenos Aires: Paidós.
- (2017), *Cuerpos aliados y lucha política*, Buenos Aires: Paidós.
- BUTLER, J. Y ATHANASIOU, A. (2017), *Desposesión: lo performático en lo político*. Buenos Aires: Eterna Cadencia.
- CUESTA, M. (2017), *Experiencia de felicidad*. Memoria, historia y política. Buenos Aires: Prometeo.
- DAVIES, W. (2016), "El nuevo neoliberalismo", en *New Left Review* 101, Segunda época, Noviembre-Diciembre 2016.
- DARDOT, P. Y LAVAL, C., (2018), *La pesadilla que no acaba nunca*. El neoliberalismo contra la democracia. Madrid: Gedisa.
- FISHER, M. (2016), "Es más fácil imaginar el fin del mundo que el fin del capitalismo" en *Realismo capitalista ¿No hay alternativa?*, Buenos Aires: Caja Negra, 2016.
- MOUFFE, C. (2018), "Por un populismo de izquierda" en *Review*. Revista de libros. Año III, N° 18, Buenos Aires, Capital Intelectual.
- SAFATLE, V. (2016), *O circuito dos afetos*. Corpos políticos, desamparo e fim do indivíduo, Belo Horizonte: Auténtica editora.
- STREECK, W. (2016), *Comprando tiempo*. La crisis pospuesta del capitalismo democrático, Buenos Aires: Katz, Capital Intelectual.
- (2017) "¿Cómo estudiar el capitalismo contemporáneo" en *¿Cómo terminará el capitalismo?* Ensayos sobre un sistema en decadencia, Madrid: Traficantes de sueños, 2017.
- (2017 a), "El capitalismo: su muerte y su vida ultramundana" en *¿Cómo terminará el capitalismo?* Ensayos sobre un sistema en decadencia, Madrid: Traficante de sueños. 2017.
- (2017 b), "El fin del neoliberalismo" en *New Left Review* 104 may-jun, 2017.

coreoturismo nos arcos da lapa

GRUPO OLHO-UNICAMP

Marcelle Ferreira Louzada

Cheguei ao Rio de Janeiro de ônibus, no final da tarde de segunda-feira, o céu de um azul intenso e um intenso engarrafamento. Da rodoviária até a Gávea, região em que estava hospedada, vi a cidade anoitecer enquanto o motorista do táxi apontava para alguns pontos turísticos e me relatava sobre o incêndio no Museu Nacional alguns dias antes. Até então, tinha estado na cidade apenas duas ou três vezes e não me recordava de nada além do Pão de Açúcar e da estátua do Cristo Redentor. Da janela do carro, observava as paisagens em movimento. Assim como no céu, a cidade é uma “constelação de trajetórias” (MASSEY; 2012, 221), nas muitas linhas que compõem e constroem o espaço.

Na manhã do dia seguinte, parti para a Rua do Passeio, no centro da cidade, para experimentações coreoturísticas com um grupo de estudantes e pesquisadores fora dos muros das instituições. Frio na barriga. Será que vai funcionar? Durante aproximadamente duas horas, experimentamos os Arcos da Lapa por meio de três diferentes momentos: caminhar em câmera lenta, caminhar em esferas, no formato do infinito, e compor paisagem entre corpo e cidade. O ato de caminhar foi concebido como uma experiência dos espaços, feita pelos pés, e a dança vivenciada em sua relação de alteridade urbana. Após uma rápida apresentação, partimos para a primeira etapa coreoturística.

Coreoturismo é um convite às práticas de cidade, a partir da relação entre corpo e espaço público urbano. Trata-se da invenção de um programa para experimentações corporais, na geração de situações coreográficas decorrentes deste movimento de intensificação da vida pública. Aqui, a dança “compõem-se de sucessões de micro-acontecimentos que transformam sem cessar o sentido do movimento” (GIL;2004, 52). Não se trata, porém, de uma técnica específica e nem de um método operacional ou instrumental, mas, sim, da criação de um dispositivo que almeja expandir o potencial expressivo do corpo em sua relação com a cidade. O coreoturista é convocado a compor com o espaço, tornando-se, de certa forma, espaço, fazendo espaço com o próprio corpo. “O espaço do corpo é a pele que se prolonga no espaço, a pele tornada espaço” (GIL;2004, 47).

Aproximadamente 15 pessoas participaram do experimento, alguns, engajados desde os primeiros passos, outros, aos poucos foram perdendo as amarras. “Se, de fato, se quer ganhar ‘outros’ espaços, é preciso saber brincar, sair deliberadamente de um sistema funcional e produtivo e entrar num sistema não funcional e improdutivo” (CARRERI; 2014, 171). Neste caso, espaço pode ser entendido como “produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações desde a imensidão do global até o infinitamente pequeno” (MASSEY; 2012, 29).

Foi solicitado aos participantes que evitassem conversas durante esse processo, desmanchando o primado da palavra para que a atenção estivesse inteiramente voltada ao corpo e as suas relações de troca com a cidade. Com isso, a intenção era de que a palavra não esvaziasse o gesto. Mesmo assim, vez ou outra, as pessoas conversavam entre si, talvez, constrangidas por estarem realizando ações tão inabituais dos automatismos citadinos. Afinal, “são muitos os olhos que sentimos sobre nós, o que introjeta o controle e faz com que nós próprios nos vigiemos” (GALLO; 2003, 81).





Portanto, para além da evidência que o corpo assumiu em nossa contemporaneidade, busca-se suas condições de possibilidade. Considera-se as processualidades corporais pertinentes ao próprio movimento da vida como possibilidade de ruptura a qualquer padronização generalizada do indivíduo, como campo de força viva com a qual é possível criar nossos espaços existenciais e os contornos cambiantes de nossa subjetividade espacializada.

Caminhar em câmera lenta, gradualmente, foi transformando a percepção da paisagem, além de criar paisagem também, acionando outros estados e dinâmicas corporais. Com a câmera de vídeo do celular nas mãos, acompanhei o movimento capturando fragmentos desta experimentação. Observei os Arcos da Lapa sob diferentes ângulos, contemplando o coreoturismo como um “espectador emancipado”. Portanto, “os espectadores veem, sentem e compreendem alguma coisa à medida que compõem o seu próprio poema” (RANCIERE; 2012, 18). Aquela cartão postal da cidade maravilhosa imiscuía-se de vitalidade por meio daquela coreografia de caminhadas em câmera lenta, como um coro, que acontecia entre corpo e cidade.

Ao final deste experimento, em uma rápida conversa em círculo antes de partirmos para a segunda etapa, algumas pessoas relataram suas sensações nesse processo, que teve duração aproximada de 30 minutos. Um professor que trabalha na Universidade ao lado, relatou que durante anos atravessando os Arcos jamais tivera oportunidade de realmente parar e estar no lugar, afirmando, em seguida, que ficara emocionado. Uma aluna desta mesma Universidade disse que sempre teve medo de permanecer ali e que aquele dia estava percebendo o lugar de outra forma.

Indago-me que tipo de cidade poderão produzir as pessoas que tem medo de permanecer em suas vias, em um espaço público cada vez mais esvaziado de sentido. Nossas políticas urbanas e de ocupação atuais tem nos enclausurado em “medos privados em lugares públicos”¹. “Os mecanismos de controle da vida, em nome do conforto e da segurança, constroem as redes nas quais nos enredamos, tornando quase impossível sair-se delas” (GALLO;2005, 78).

¹ **MEDOS privados em lugares públicos. Direção: Alan Resnais. São Paulo: Imagem Filmes, 2009. 1 DVD (120min.), widescreen, color, legendado**

Em seguida, partimos para a segunda etapa, mais desafiadora que a primeira, pois, tratava de compor paisagens entre corpo e cidade, a partir da relação ou contaminação do próprio corpo físico e o corpo da cidade, buscando, assim, um registro diferente de existência. A intenção estava em produzir “um corpo que se abre e se fecha, que se conecta sem cessar com outros corpos e outros elementos” (Gil; 2004, 56). Considera-se, sobremaneira, que “além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos” (BERENSTEIN; 2014, 308). Entrementes, ao abrir o corpo para essa relação de dança com a cidade, favorecendo coexistências e encontros, deparamo-nos com o outro urbano. “A experiência da diferença, do diferente, do Outro, seria, então, uma experiência de alteridade” (BERENSTEIN; 2014, 30).

Cada gesto que o corpo assumia traçando um contorno diferente aos Arcos da Lapa, na produção de outros espaços, em uma composição que acontecia em tempo real. Três participantes do grupo dançaram de mãos dadas ao redor de uma pichação, onde estava escrito Marielle. Outro, permaneceu de cócoras durante um tempo, ao lado de um morador de rua que dormia no chão, fazendo de cabeceira uma dobra da parede da estrutura dos Arcos. Alguns participantes experimentaram se deslocar de diferentes formas por toda a praça, aproximando-se e se afastando dos Arcos, enquanto corriam, abriam os braços, giravam os ombros formando duplas e trios entre si, em outras formas de conceber o corpo na cidade, um corpo que não está dado, que não se evidencia. A poesia do corpo se faz em ato.

Assim, cada participante encontrava a sua forma de dançar na cidade e o corpo era vivido e tratado em sua singularidade, na invenção estética de si e na produção de sua própria presença no mundo. Este movimento, pouco a pouco, foi dando relevo para uma poética da existência em exercício, na composição de relações que em nosso cotidiano passam despercebidas. Uma das participantes, durante toda essa etapa, permaneceu em uma esquina de intenso tráfego de automóveis, tentando se comunicar, via expressão corporal, com os motoristas que passavam pelo lugar, agindo como uma espécie de ponto fora da curva no fluxo citadino. Aliás, em uma cidade feita para o automóvel e inflacionada com as marcas de sua presença, faz-se necessário abrir espaço.



Acompanhando esse processo de composição, ora como espectadora, outras como videomaker e outras até mesmo como paisagem, vislumbrei a existência de outras cidades possíveis, mais lúdicas e experimentais do que os espetaculares cartões-postais que referenciam espaços congelados. A cidade, pouco a pouco, foi sendo apreendida pela experiência corporal, pelo tato, pelo contato, pelos pés, nesse fazer mundo, na minúcia e na sutileza dos gestos. E o Rio de Janeiro continua lindo.





Dando sequência ao coreoturismo, em um terceiro momento, experimentamos caminhar em esferas, no formato do infinito, fazendo emergir outras potências espaciais entre corpo e cidade. Durante todo o processo de experimentação, alguns moradores de rua acompanhavam nosso movimento, algumas vezes tentando conversar e, outras, interagindo, de fato, com a proposta. Um homem, depois de muito insistir sobre o que estávamos fazendo, decidiu participar da atividade, misturando-se ao grupo na execução dos desenhos esféricos. Em certo momento, ao encontrar um colega, que fora lhe indagar sobre o que estava fazendo, respondeu que estava desenhando um super oito que iria fazer a cabeça mais do que a cachaça. Uma senhora perguntou se estávamos fazendo yoga e outra se aquela atividade iria acontecer ali toda semana. Todas as trocas entre aquelas pessoas só foram possíveis graças a dança dos encontros.

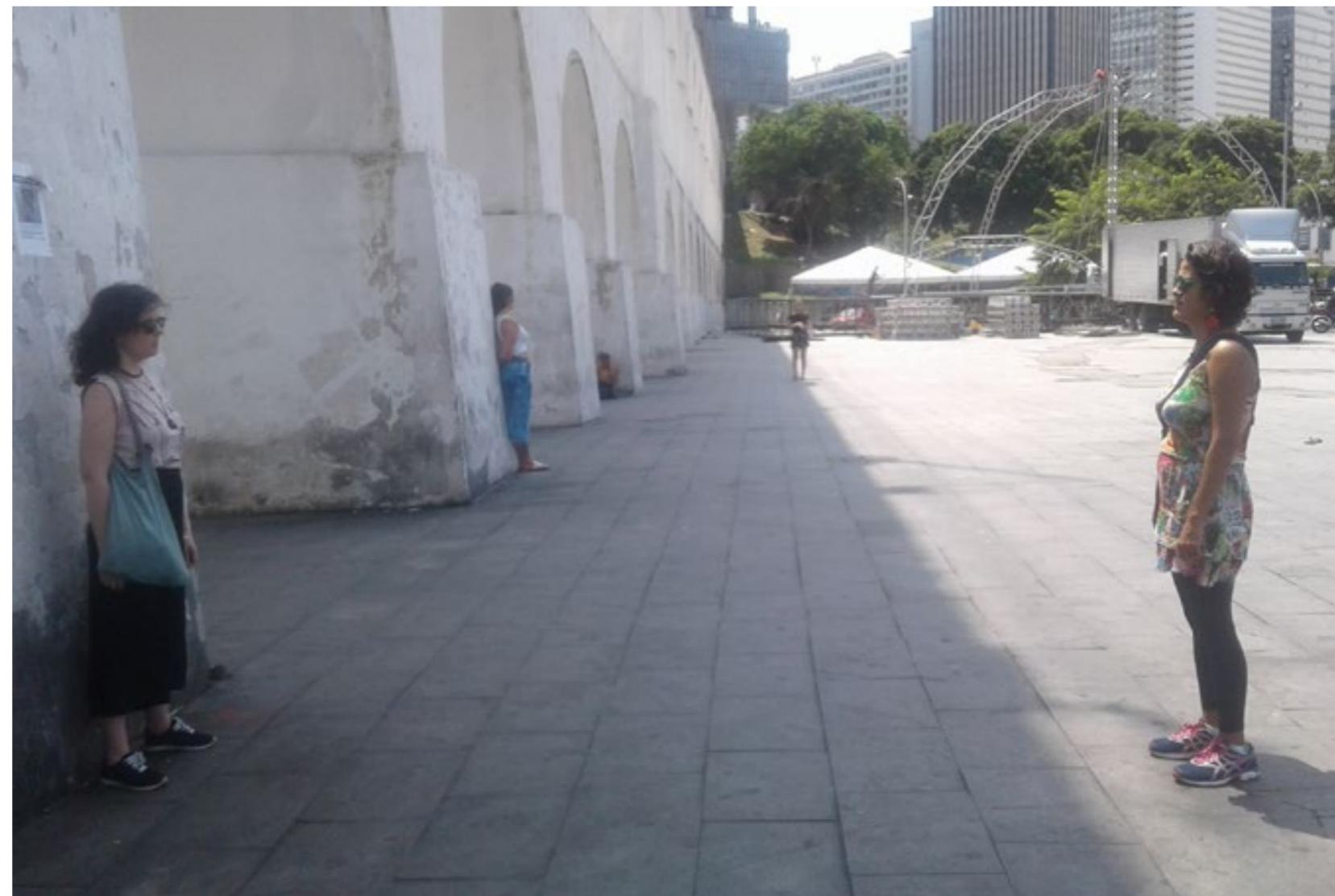
Muitos turistas, com câmeras de celular em mãos, também passavam pelos Arcos da Lapa no mesmo momento em que experimentávamos coreoturistar. Contudo, houve pouco contato visual ou troca afetiva na construção deste lugar comum, o que não significa que aquele acontecimento tivera sido desprezado. As pessoas têm dificuldade de mirarem outros possíveis na cidade, talvez por receio de serem responsabilizadas pelo novo. O fato é que tal experimentação desafiava os limites entre as previsibilidades do corpo e a vida cotidiana, causando um estranhamento a ser evitado pelos olhos acostumados a outro tipo de movimentação. Quem, de fato, participava, questionava e interagia com o acontecimento eram pessoas já habituadas a frequentarem aquele lugar, sejam moradores de rua ou vizinhos do entorno, que atravessavam cotidianamente os Arcos da Lapa no movimento de ir e vir.

Após o experimento, o que sobrou foi um rastro, sem pegadas, um sopro poético de existência, um corpo possível. Trata-se de “um mundo sendo feito através das relações e aí se encontra a política” (MASSEY; 2012, 37). Um corpo que dança é, sobretudo, um corpo político. Em uma conversa em roda, ao final deste processo, muitos relataram suas sensações e a palavra liberdade foi recorrente nas narrativas. Um participante relatou que sentia, agora, seu corpo vivo. Outro, que estava escutando melhor a cidade. Alguns moradores de rua foram cumprimentar os participantes e conversar um pouco, o que em uma situação cotidiana seria muito pouco provável. Desta forma, a cidade foi vivenciada em sua potência inventiva.



Considerando que “acreditar no mundo significa suscitar acontecimentos, mesmo pequenos” (DELEUZE; 1992, p.218), o que fica desta experimentação é um devir corpo da cidade ou mesmo um devir cidade do corpo, onde tudo é fluxo e intensidade, produção e desejo. Todavia, a experimentação está sempre conectada com o atual, neste aqui e agora da vida. O coreoturismo se presentifica e se multiplica por meio deste exercício entre corpo e cidade, atualizando-se a cada nova experimentação.

Porém, uma vivência isolada em um encontro acadêmico da Universidade, por mais que propicie trocas singulares, não basta para mobilizar os sentidos. Faz-se preciso a produção constante de mundo, na manutenção da vida como obra de arte. Faz-se preciso uma atitude política diária dos corpos em relação as cidades que constroem, mesmo que minúsculas, acendendo lampejos de poesia por todos os lados. Isto é tarefa de todos e de cada um, todos os dias, nas cidades que habitamos e por quem somos habitados. Ademais, considera-se que “no presente espacial, o que somos é realmente o que fazemos” (MASSEY; 2012, 274) e o que fazemos é a reverberação das forças espaciais – trajetórias coetâneas, estórias-até-agora- que atravessam nossos corpos.



referências

- BERENSTEIN; Paola. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2014.
- CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- . *O caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GALLO; Silvio. Educação menor: produção de heterotopias no espaço escolar. In: *Educação menor: conceitos e experimentações*. Curitiba: Appris, 2005.
- . *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte: autêntica, 2003.
- GIL, José. *Movimento total: o corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- MASSEY; Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- RANCIERE; Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

composição em metáforas:

RESCALDO DAS RUAS

ENTRÓPICOS | UFG

Carolina Cacá Ferreira da Fonseca,
Pedro Dultra Britto, Thiago de Araújo Costa

A convocatória para realizarmos uma oficina no âmbito do oitavo encontro da Rede LAIIT nos motivou a projetar uma atividade que abrangesse nosso escopo de pesquisas que atualmente encontra-se mais latente. Nosso interesse volta-se para as relações entre o rural e o urbano narradas a partir do Brasil Central, na direção de atravessamentos com outras geografias, no sentido de acionar as presenças da Natureza sob diversas configurações e relações nos espaços urbanos e compreender a intrusão de ruralidades, animismos e animalidades, afetos, cosmopolíticas, cultivos e mitologias.

De antemão planejamos uma oficina organizada em dois momentos: no primeiro deles proporíamos uma caminhada para coleta de materialidades, indícios, restos, amostragens de forma ampla e em seguida partiríamos para um exercício de composição e expressão com as coletas. Nossa chamada anunciou-se assim:

“A coleta é guiada por atravessadores como natureza, ruralidades urbanas, mitologias anímicas, cosmopolíticas, animalidades, intrusões rurais, cultivo... que serão procurados no transcurso de ‘rolês’ afeitos às práticas de vadiagem, deriva e deambulação. A ideia é criar uma goma de aderência entre estes sentidos, possíveis materialidades e a esfera de ação subsequente, numa miríade de outras urbanidades engendradas por tais atravessadores. Posteriormente, a instauração de um laboratório performativo onde serão manipulados, editados, compostos e articulados os repertórios da coleta, num jogo-ação, como palimpsesto de narrativas, imagens, sentidos criados ao vivo em presentificações e performances sem roteiro previamente determinado, disparadas como estudo de leituras-partilhas-experimentos.”

Chegança/Preâmbulo: as dúvidas que se defrontam com o Rei da Merda na Feira da Glória - questões de natureza/ruralidade atualizadas - o encontro desestabilizador das intenções inicialmente elaboradas.

Aquisição do adubo, das máscaras animistas

Partimos do Goyás, terra urbana remota, endógena e árida. Nossa travessia até o Rio de Janeiro revela-se um tanto metonímica da expressão provinciana de “ir até a cidade”, aquela sentença que anuncia a saída do isolamento do campo e a partilha com os vizinhos do deslocamento para que, caso alguém precise de algo de lá, da cidade, que possa então encomendar. A viagem entre campo e cidade fica então marcada pela separação, lonjura e externalidade. Mas nossa intenção invertia-se, pensávamos em levar algo do que nominamos como ruralidades urbanas em Goyás. Chegamos ao absurdo de pensar em levar minhocas, como se no Rio, elas já não vivessem. Então nos flagramos síntese da nossa própria antítese, rural e urbano como dimensões apartadas que precisam ser deslocadas uma até a outra, essa versão folclorista da cidade progresso e do campo atraso, Jeca Tatu e Zé Carioca, esses arremedos de subjetivação forjado por Monteiro Lobato e Walt Disney. E isso, essa separação estratificada, é exatamente o que temos insistido em borrar, apontando para uma existência amálgama, limítrofe onde cidade - campo, ruralidade - urbanidade incorporam-se mutuamente em arranjos densos, empoeirados e ancestrais, existências que o axioma da modernização do território brasileiro em geral, e do Goyás em particular, ignoram e anulam deliberadamente.

Dois encontros escancaram nosso lapso folclorista e estratificante: o primeiro é majestoso e absolutamente insólito, o Rei da Merda; o outro é festivo e de evidente filiação à genealogia carnavalesca da cidade maravilhosa, as máscaras tropicalistas modeladas em couro de boi.

rei da merda

No domingo - 23 de setembro de 2019 - chegamos ao Rio de Janeiro e fomos à Feira da Glória, nas imediações da casa onde nos hospedamos. Na feira nos encontramos com o Rei da Merda, que sobre uma lona estendida no asfalto da Rua da Glória vende esterco bovino. Ao seu lado uma placa anuncia "Rei da Merda".

O rei da merda chama-se Ricardo, é um homem negro, tem 56 anos de idade, nos contou ter nascido em Angola, África, e vindo pro Brasil aos cinco anos de idade. Sem camisa, colares enormes no pescoço - um deles com uma imagem de Bob Marley - dois piercings no nariz. Em evidência, além da placa já mencionada, um recorte de jornal emoldurado onde se lê "um estranho produto à venda nas feiras". Ricardo conta que há mais de 35 anos vende esterco, vindo de ônibus de Tingá, e é o único a vender esse produto no Rio de Janeiro pois, segundo ele, ninguém quer vender cocô.

Nenhum dos feirantes vizinhos se incomoda com sua presença, pelo contrário eles ficam pedindo para que ele se instale próximo.

Ricardo anuncia um repertório vasto de funções para seu produto: funções terapêuticas - tratamento da pele, dos pés, repelente - e também tratamentos espirituais - ele cita um banho, do pescoço pra baixo. Ricardo compara seu produto com incenso que é vendido numa banca ao lado e comenta que se você machuca o pé na mesma hora deve-se buscar merda fresca e enfiar o pé nela, isso cura qualquer doença no pé.

Aos sábados, ele se instala na feira da Praça da Cruz Vermelha, onde vende além do esterco outros produtos - plantas, mudas, minhocas, húmus.

Ele começou a vender esterco após ter um sonho que lhe trouxe a certeza que o negócio iria prosperar. Ele associa o sonho ao momento em que partiu da África.

lampejos: fluxo diaspórico em questão e transvalorização da matéria/tocar sem melindre o produto a venda se atrela à ideia vendida por ele de que aquilo é um produto salutar - ao lado uma barraca de abacaxi, do outro uma barraca melancia e uma barraca de artesanato. Sobre a presença: o lugar da ruralidade dentro de um contexto super-urbano - na feira acontecia um movimento político protagonizado por mulheres: Marcia Tiburi (candidata a governadora do estado/447.376 votos) -

diversidade de classes sociais, de gente.

Colocar-se como uma realeza ao conseguir transmutar a merda e se empoderar numa construção da realeza.

Alteridade - no momento em que perguntamos mais sobre sua história ele nos indica que "por meio de uma busca simples na internet "o rei da merda" vocês irão me encontrar" - conexão com o universo informacional:

7 referências, 3 vídeos e 5 imagens (acessado em 12/04/2019).

Produção de um regime de veridicidade sobre si mesmo - construção da subjetividade afirmativa de orgulho e segurança que nos leva a não questionar, pois sua fala transparece uma franqueza que singulariza e legitima o que diz.

Ênfase: a gente se preparando para o trabalho almejamos trazer minhocas e na primeira saída no Rio se encontra com ele.

Questões de natureza e ruralidade atualizadas em um encontro desestabilizador das primeiras intenções elaboradas previamente.

Adquirimos dois sacos de merda.



RESTOS

CASA

FESTIN

NATUREZA
CELIBATÁRIA

ÊXODO

máscaras tropicalistas

Choro ressoando na rua, barracas gourdets na rua, bolinho de bacalhau na calçada, pães com fermentação natural na rua, feijoada na calçada, abacaxi-manga-flores-banana-tapioca na rua, artesanato de feltro na calçada, um pintor de rua estampa uma minha imagem numa camiseta masculina, fiquei em pose estátua, eu e o bebê na tipóia na rua, outro choro ressoa, uma mulher levanta e emposta a voz, “a tristeza é senhora...”, uma atmosfera camelô-shopping chão, feira gourmet, gazebo de plástico, rei da merda, quando de repente ganham destaque - como uma alegoria carnavalesca sambando na rua: penduradas na barraca - carro alegórico, um bloco de máscaras modeladas em couro de boi fulguram tucanos, onças, raposas, tigres, araras. Um realismo alegórico, hipercolorido, a base de tinta a óleo, nos seduziu. Adquirimos duas espécies: uma raposa e um tucano. A nossa coleta fez fartura e partimos então para o preparo da oficina.



rescaldo das ruas

O espaço da oficina desenha-se a partir de três figuras-processos: a primeira CONTINENTES, a segunda PANGEA; e a terceira TABULEIRO. As duas primeiras atualizam o desejo de operar cosmovisões de mundo, mitologias de existências entremeadas no rural-urbano daquele Rio de Janeiro e por isso, aciona referentes espaciais primordiais na emergência de nosso espaço-mundo. O último instaura o desejo-jogo com inspirações na composição em tempo real e nas interações performativas com o outro.

Os continentes incorporavam-se em pedaços de papel pardo, onde instalamos termos e materialidades para o trânsito-transe dos sentidos rural-urbano, rescaldados pós apetite das coletas guiadas por intuições de natureza celibatária, restos, ruralidade, abundância, cosmopolíticas, mitologias, animalidade, criação, fértil, recurso, êxodo e carniça.

A oficina começou reunindo uma dezena de pessoas em círculo no pátio central da ESDI, diante da oficina de marcenaria onde dois garis reformavam uma porta. O cheiro de cola e o ruído de máquinas coexistiam com a gente em roda, em sua maioria participantes do simpósio - pesquisadorxs pós-graduandos, professorxs. E havia também gente vinda de outros lugares.

Houve uma breve apresentação e contextualização das atividades que nos ocupam em Goiânia, nosso interesse em uma urbanização que coexiste com uma transformação da ruralidade, que atravessa as cidades novas do cerrado brasileiro. Após essa fala, instruções para despertar o corpo foram sendo transmitidas: entrar em contato com a respiração; escuta dos batimentos cardíacos; flexibilização das articulações em longas espreguiçadas macunaímicas.

Passamos por automassagens – sempre tentando despertar uma endo-referência e ativar as forças que são necessárias para estar de pé com o peso do corpo dividido sobre os dois pés de modo equilibrado, formando uma roda sob árvores que desenhavam em tudo contornos sombreados. Passamos ao momento de despertar o corpo de quem se encontra ao lado, percutindo e massageando. A roda gira, deslocamento em 180 graus e nos deparamos com outra espinha dorsal a ser massageada, batucada e varrida. A imagem das mãos como vassouras se apresentava. Ao som de mãos que tocam os corpos numa pulsação coletiva, mistura com os sons da paisagem ao redor.

A roda foi se fragmentar a partir de curtos deslocamentos dos corpos, com a instrução de que visitássemos os continentes que estavam instalados em torno desse centro vazio que criamos na sobra das árvores, ir e vir entre os papéis e objetos esparrama perante à marcenaria. Os Continentes foram construídos por pedaços de papel pardo, onde instalamos palavras e materialidades para o trânsito-transe dos sentidos rural-urbano, a negociação latente entre coisa e palavra que habitava cada continente poderia criar imantações e/ou repulsões.

A introspecção nos veios das próprias impressões dessas palavras e depois o toque no outro, a saída cega de si, rumo ao apalpar, o encontro com o outro, num gesto silencioso de dar as mãos, que agora parecem ressoar de forma contundente o mantra “ninguém solta a mão de ninguém”. Ali era a tentativa de povoar palavras.

Instrução para coletas em uma duração de aproximadamente vinte e cinco.





Caminhamos entre os Continentes. Escolhemos algum como paragem. Nelas fechamos os olhos num gesto de ralentamento. E disparamos a lançar perguntas em todas as direções que a roda tinha conquistado. Andávamos a perguntar: Se a palavra fosse um animal, que animal ele seria? Se essa palavra fosse uma cor, ou um cheiro, qual seria?
.....caminhe até outro continente e estanque por lá. Estacione seu corpo, se sentir vontade se agache ou sente e imagine algo a partir daquela microtoponímia, tocando o material que repousa ao lado da palavra.

Mais perguntas para despertar uma atitude imaginista.....
Percepção de uma coresidência – a atenção se dirige para um corpo que pode estar cohabitando esse continente com você: se houvesse alguém que também fez uma paragem em torno da mesma placa, tocamos as mãos e nos propomos a imaginar juntos à medida em que insistíamos em disparar perguntas de lógica n-1: imaginação política como exercício realizado de olhos fechados, quando plasmamos por dentro dos sentidos, algo de cor, som, cheiro, forma, volume, bicho, planta, gentes, movimentos, paisagens, visagens dos termos-guias.

..... Instaurar um aguçado senso de observação do entorno, de detalhes nos espaços internos da Escola, a microusina de compostagem, os felinos em grande quantidade, o casarão vizinho, as raízes gigantes, etc. Tudo isso revelava a imanência da temática que em conjunto aquelas palavras performavam.

A ideia era procurar, observar e, se possível, coletar de algum modo alguma coisa. Entendendo coisa no mais vasto sentido.



Terreno-Tabuleiro que instaura o desejo em jogo considerando a possibilidade de composições em tempo real, improvisos e interações performativas com o outro, identificado como coisa ou corpo.

Alusão à Pangea: um retângulo de aproximadamente 3x5 metros se formou após indicarmos que os Continentes fossem se aproximando uns dos outros, arrastados pelo chão até irem se colando.

Início lento, pouco a pouco vão entrando no tabuleiro os três primeiros, com abordagens premeditadas, entram para fazer deslocar uma peça, verter um líquido, misturar substâncias, dar forma e composição.

Estimulados, prenes de alguma ideia compositiva, outros, observadores, vão adentrando em ações interativas, interferências naquilo que alguém acabara de compor vão crescendo sentidos: um carrinho de mão que transporta, ovos quebrados, folhas e galhos seccionados, e algo ganha escala e ritmo até afetar os corpos. Coisas e plantas e terras e líquidos e pés e mãos se reinserem e se substanciam. E já há uma fila para entrada no tabuleiro, há urgência de intervir naquilo antes que a conformação se desestabilize, e ao se desestabilizar ocorre o improvisado e a ação ganha intensidade, alguma pressa, perde-se o rigor do número de participantes e as próprias regras vão se reconfigurando em caos.



Quando tudo se amalgamava num emplasto nojento, mole. Algo pastoso de babosa, óleo de coco, água cosmopolítica borrifada, gema de ovo, esterco de boi ou o rei manifesto no tabuleiro como asco desconhecido. Os jogadores fundiam esterco e terra. Nem terra, nem rei, apenas merda agora indissociável da plebe corpo coletivo. Esse pandemônio de expressões convocava - como medida de cuidado e saúde coletiva - cuidadoras. Após o suplício, as saraivadas fortes no dorso nu, flagelado o corpo se restaura deitado inventou dois casulos. Um primeiro na grade folha de palmeira. O corpo-casulo, corpo volume vegetal envolto na pele casca. Por um instante se mumifica. E parece retornar ao útero pois está todo vermelho, colorau polvilhado por uma jogadora. A sequencia de procedimentos com a lona amarela que da poética do barraco e depois se enrola no corpo dessa vez verticalizado. Aloe vera foi o fármaco, devir-chicote seguido de devir-unguento. Por baixo vermelho. E reaparece o casulo vibrando no estado larval da linguagem. Volume amarelo. Corpo barraco.

Quantos ovos quebrados e mais outros excedentes signos a rastejar - uma dança de objetos no Terreno-Tabuleiro Pangea... enquanto mastigava e rastejava e engatinhava quadrúpede babando ruminando manjerição. E nos permitirmos babar, ordenhar, semear, enterrar, virar bichPajelança. Elas, geralmente mulheres, com evidências de ancestralidade, vinham, varriam com arruda, aguavam banho também cosmopolítico, incensavam açafraão e urucum, banho pó. Curas diaspóricas. Benziam, purificavam, desatavam merda, rei e terra, afirmando a soberania da última, a terra, irrigada com leite materno, brotos, ovos resistentes ao primeiro massacre catártico. Compunham cuidados, terra, pareciam perfumar, nutrir e semear outro mundo. Até a intrusão abrupta de outra aparição também no feminino, mas agora canino, a raposa tagarela discursa:

...lugar tranquilo, área verde garantida, crianças brincando, mães amamentado com tranquilidade... e estranha: Porque aqui parece que só as raposas falam? Área verde será devidamente contida para não aparecerem espécies indesejáveis e seu empreendimento será entregue na data como foi combinado. O terreno está limpo, já começaram as obras", e entoa a repetição: "porque aqui parece que só as raposas falam? Então... suaves prestações, quem não quer ter um cantinho só seu? Onde estão vocês? Não tem ninguém. Atenção, atenção, grande lançamento. Aqui ... área verde, espaço para babás, creche, criança, tudo garantido. Aqui parece que só tem natureza. Regamos as plantas do jardim recém-plantado com espécies nativas..."
Nesse momento encontra um documento do qual se apropria sem hesitação, e lê "...aqui tem um roteiro, encontro com os participantes na sala, depois roda, depois visitam os continentes." O fotógrafo dá uma risada, a raposa parece ter encontrado o texto que desfaz aquela mística e passa da leitura à deturpação."...
vamos visitar todos os continentes com nossa imobiliária.



Fagulha uma aparição, vem pelo canto, é uma mulher, jovem, negra, peito estufado, aberto, fala firme, usa óculos, está linda de vestido listrado e brincos de argola e enfrenta:

— Quero ver a raposa falar quando a periferia gritar pro centro.
 "...nós falamos em outdoors, falamos com todo mundo. Insistia a raposa.
 — Quando a periferia gritar pro centro!
 ...somos muito democráticos, fazemos empreendimentos, vamos a todos continentes.
 A raposa volta a ler o documento e deturpa a ligação das mãos
 — Raposa gosta mesmo é de gentrificação..... faremos uma planta....





O tabuleiro revirado, todos seres pareciam atordoados ali dentro, um homem quadrupede, com a pele emplastada de urucum e açafião, ovos quebrados, gestos inconsequentes, depois transportes cuidadosos, muitos deslocamentos de sensações, do nojo, da solidariedade, do amarelo casulo, da suavidade, o quadrúpede ruminando a arruda; grãos de milho arremessados como alimento no terreiro estéril. Não imaginava que o pedaço de papel onde se inscrevia diáspora, estava soterrado ali no tabuleiro ingovernável, eu havia perdido esse elo, não lhe direcionava mais atenção e interesse. Veio uma menina, era outra mulher negra, estudante de psicologia, usava óculos o que lhe dava um ar concentrado e sagaz. Foi certa, sabia o que buscava, por isso nem procurou, apenas voltou ao amontoado de terra, merda, açafião, sementes, concha, mais um aglomerado inominável. E ali, desencavou a palavra diáspora, num gesto arqueológico, limpou seus borrões, reluziu quase nova, outra, com absoluta visibilidade. A mulher então girou em seu próprio eixo, segurando feito placa - manifesto a palavra restituindo-lhe a dignidade de um lugar visível e íntegro no tabuleiro. Depois instala como um monumento, de expressão ebó, o papel laranja no qual estava escrita diáspora circundado de pó açafião e urucum envoltos no colar-concha manifestação mítica - mar. Uma mulher branca ajoelha-se e esguicha leite da sua própria teta sobre o ebó, os jatos são suaves, quase invisíveis, mas são fortes...

pátio da glorinha:

NARRATIVAS DE ATOS DE PESQUISA

GPIT | FAU | UFRGS

Bárbara Hypolito, Dany Silbermann, Diogo Vaz da Silva Junior,
Eber Marzulo, Juliana Lang Pádua, Luciana Linhares de Andrade,
Marcelo Arioli Heck

introdução

Pátio da Glorinha foi a atividade proposta pelo GPIT que consistiu em deslocar o *locus* de pesquisa do projeto intitulado “Como anda a favela no Brasil? O discurso em definições e imagens” (UFRGS/CNPq) do grupo e sobrepor ao contexto do evento em busca de uma reflexão sobre a constituição das favelas das cidades de Porto Alegre e do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa recentemente finalizada, realizada por alguns pesquisadores do Grupo que desenvolveu o tema e o tom da participação do GPIT no 8º SIIT. Este relato de ação, embebido de experiências de atravessamentos, mais do que uma descrição dos momentos relacionados às interseções entre pesquisa e evento, propõe uma narrativa acerca da epistemologia da pesquisa, do pesquisado e dos pesquisadores. O arranjo será constituído em 4 atos: 1) A pesquisa, o objeto empírico e a posição de pesquisante (projeto e plano de ação); 2) O evento e a ação (entreato); 3) Atravessamentos e registros da experiência (o depois). Embora esta trama final esteja amarrada em uma temporalidade pós-evento, trata-se de um conjunto de relatos, metatextos e narrativas que contemplam as temporalidades propostas. Partimos pelo começo: o projeto e o planejamento. Ao longo do texto são apresentados os elementos significativos que relacionam a pesquisa, a ação e as reflexões realizadas *a posteriori* a partir da análise das narrativas. Permeia o texto atravessamentos textuais na forma de narrativas cruas, muito próximas às originais, tanto oriundas das entrevistas quanto de relatos dos pesquisadores no planejamento da ação, a fim de aproximar o leitor do processo de pesquisação.

a experiência de pesquisa em campo

A proposta de produzir uma oficina para o 8º SIIT (Simpósio Imagem, Identidade e Território) que remontasse à um pátio de vila partiu da experiência de trabalho de campo para a pesquisa “Como anda a favela no Brasil? O discurso em definições e imagens” (UFRGS/CNPq) na comunidade Cascata-Glorinha (figura 1), uma vila com mais de cinquenta anos de existência e resistência na região pericentral da cidade de Porto Alegre/RS, na qual muitos dxs pesquisadores estiveram imersos durante o período de novembro de 2017 a dezembro de 2018. O trabalho de campo é um deslocamento do corpo dos pesquisadores, de sua realidade, para imergir em universo alheio, no qual surge a necessidade da quebra de preconceitos e paradigmas para conhecer o outro. Uma das ferramentas que compuseram o método de pesquisa no trabalho de campo foram entrevistas não diretas, em geral realizadas nas residências dos interlocutores. Essa experiência possibilitou a abertura do pensamento para diferentes formas de viver e compreender a influência delas para o desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo na favela brasileira, aqui referida como vila, denominação regional para as favelas do Rio Grande do Sul.



Figura 1. Loteamento Jardim Cascata e Vila Glorinha. Fonte: Juliana Pádua sobre mapa Google Earth.

Buscou-se a tradução de uma das camadas relacionadas à experiência dos pesquisadores em trabalho de campo: aquela relativa à dimensão do elemento pátio. A primeira definição necessária dá-se com relação ao entendimento do significado do pátio, entendido aqui como elemento socioespacial relacionado à organização habitacional da família ampliada de classe popular. Um elemento indissociável da ideia de pátio é o tempo, pois é a sedimentação lenta da família e seu crescimento vegetativo que transmuta e requalifica um lote habitacional comum em um pátio. Esse transmutar-se, encontrar a solução mais viável para a ampliação familiar dadas as condições da materialidade e também dada a importância de manter estreita a malha de relações no ambiente da vila, é o próprio estado de pátio: sempre em obras, sempre em movimento. A figura do pátio é entendida como alegoria visível que expressa as diversas situações paradoxais que a nossa mentalidade de acadêmicos, provenientes de famílias e ambientes de classe média, deparou-se no trabalho de campo, mesmo que já previamente treinados para a compreensão dessa realidade no nível abstrato. Paradoxo “é o nome que damos à ignorância das causas mais profundas das atitudes humanas” (BOSI, 1994, p. 56), espera-se pois que ao desvendar desta organização habitacional complexa, que é o pátio, formemos construções lógicas que permitam compreender outras camadas da vida em vila.

Pátio é configuração arquitetônica, em geral espaço aberto, que dá acesso às unidades habitacionais em um mesmo terreno. Essas unidades, que são construídas como ampliações com o fim de acomodar o crescimento das famílias pela subdivisão dos núcleos familiares, possuem autonomia umas em relação às outras, o que proporciona certa privacidade para as famílias nucleares. Ao mesmo tempo, a inexistência de privacidade absoluta possibilita a convivência e o compartilhamento. Exemplo do compartilhamento são os momentos de refeição, que muitas vezes são produzidas para todo o grupo familiar, aproveitando-se de ganhos em doações, reduzindo custos e tempo investido em atividades de manutenção da vida, como o cuidado das crianças e a manutenção da segurança do local pelo movimento constante de pessoas.

Essa relação dos núcleos familiares da comunidade Cascata-Glorinha com a noção atribuída ao espaço onde vive a família é uma quebra de paradigma para os padrões dos modelos arquitetônicos e urbanísticos eurocêntricos. A família ampliada ou polinucleada, ou seja, a interdependência dos diversos núcleos, se relaciona com a casa polinucleada que estressa as definições modernas de privado. A essa interdependência geracional, encontramos paralelo com a organização das famílias rurais, tendo em comum, entre essas, a lógica da necessidade. A configuração arquitetônica, por sua vez, a forma com que as famílias respondem às necessidades da vida de pobres urbanos, tem sua raiz nas heranças africanas e nos hábitos religiosos, fator presente em diversos elementos nos pátios: as plantas que remetem à presença de entidades e a casa dos orixás, onde mora o Bará, orixá mensageiro, em geral vermelha, podendo ser de outra cor se for a tinta que a família dispuser. O envolvimento da comunidade com a religião foi apresentado aos poucos, à medida que a relação entre pesquisadores e comunidade foi sendo aprofundada e a confiança estabelecida, quando revelado mostrou-se um elemento chave.

Na experiência de campo o processo de descoberta de questões como o envolvimento com religiões de matriz africana, a presença do tráfico de drogas, a constante insegurança alimentar e financeira e a relativização do espaço privado, por exemplo, foram sendo reveladas lentamente. A informação que alcançava os pesquisantes passava por um filtro natural da pesquisa social, qual seja, os entrevistados contavam o que gostariam que pessoas do mundo exterior, a universidade, soubessem ou, melhor dizendo, o que eles - moradores de vila - achavam que nós - pesquisadores universitários - estaríamos interessados em descobrir nas entrevistas. No início conversamos principalmente com pessoas idosas ou adultos mais velhos, alguns migrantes vindos do interior do estado do RS e outros provindos de vilas centrais de Porto Alegre que passaram por processos de remoção. Num segundo momento, nos aproximamos das pessoas mais jovens, que nasceram no Jardim Cascata ou na Vila Glorinha. Os mais velhos tendem a apresentar as mudanças do espaço, como questões de infraestrutura urbana, enquanto os mais jovens trazem à tona questões relativas à segurança e à violência. Os relatos foram registrados em áudio, alguns vídeos e caderno de campo. Os nomes que aparecem nos relatos foram trocados, a fim de evitar a identificação dos interlocutores das entrevistas.

Uma face da comunicação entre pesquisadores e interlocutores, que pode ser ruidosa, está na capacidade de nós - enquanto universidade - compreender e aceitar as contribuições do saber popular e local, mesmo quando inexitem em nosso leque de teorias as categorias para descrever certos comportamentos, o que remete àquelas situações paradoxais. Ao conectar os relatos na teia da memória coletiva compreendemos a existência de soluções dependentes de trajetória (do original *path dependence* - GRANOVETTER, 2018), ou seja, que a compreensão da lógica por trás das soluções paradoxais só é revelada a partir do conhecimento dos eventos interligados que ocorreram no passado, que nada mais é que do que a compreensão da realidade (inclusive a ação econômica) como sendo socialmente e, portanto, historicamente construída, possibilitando o desvendar da lógica guiada pela necessidade das classes populares urbanas habitantes de vilas.

a pesquisa, o objeto empírico e a posição de pesquisador(a): projeto e plano de ação

A proposta de trabalho encaminhada ao evento SIIT8 buscou traduzir o universo do pátio, esse núcleo arquitetônico com o qual nos relacionamos durante as entrevistas com os interlocutores da pesquisa de campo. Nos relacionamos com o pátio ao frequentar esses espaços na realização das entrevistas e pela constante aparição do elemento pátio nos relatos. O desafio proposto foi o de produzir uma tradução (CLIFFORD, 1998) da experiência dos pesquisantes no pátio da vila portoalegrense, de forma a aproximar os participantes da oficina Pátio da Glorinha ao universo da pesquisa. Para tanto, a oficina propôs uma experiência de caráter artístico, coletivo e participativo no pátio de acesso à Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ) Rio de Janeiro/RJ, local do evento. A atividade reuniu duas práticas de ação urbana, o Projeto 1:1 - desenho da planta-baixa do Pátio da Glorinha, inspirada em um croqui de um dos pátios da vila pesquisada - e a projeção simultânea de montagens compostas por imagens da comunidade Cascata-Glorinha nos paredões do pátio da ESDI. Para implantar o Pátio da Glorinha escolhemos o pátio de acesso de pedestres da ESDI, que dá para a Rua do Passeio, lugar amplo onde circula a comunidade acadêmica, portanto espaço de visibilidade da escola, conforme Figura 2.

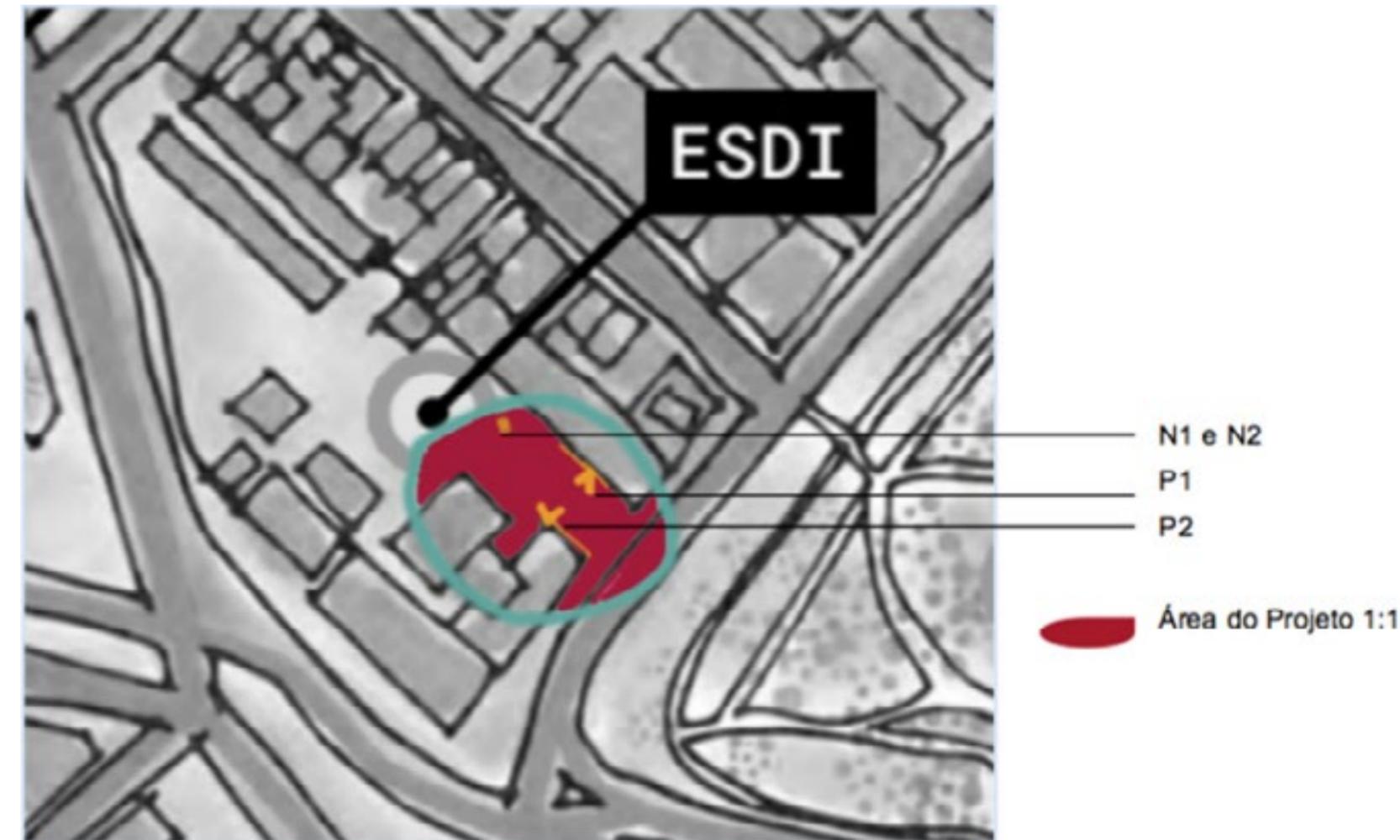


Figura 2. Mapa do local de ação na ESDI/UFRJ. Fonte: Daniela Cidade sobre mapa do SIIT8.

O processo de construção da oficina foi composto por dez pesquisadores; destes, sete participam de projetos de pesquisa e/ou extensão com a comunidade Cascata-Glorinha. Na primeira reunião do grupo, visando o planejamento da oficina, os participantes do projeto fizeram relatos acerca da experiência na comunidade para os demais pesquisadores. Nesse momento, os temas centrais foram apresentados, dentre eles a questão da vigilância epistemológica no sentido de garantir que as informações apresentadas não caracterizassem questões privadas da comunidade, a fim de manter uma conduta ética entre os pesquisadores e o universo da pesquisa. O registro deste encontro foi transcrito em na forma de uma “cronicata”, uma crônica-ata daquilo que foi falado e experienciado. Enquanto olhávamos fotos da Cascata-Glorinha, produziu-se o seguinte diálogo:

- Olha aqui.. isso é muito legal! (apontando para umas placas)
- Mas isso não é na casa, não é no pátio.
- Mas na casa dela tinha uma plaquinha de sacolé. Olha o número das casas... 1326! Como é? trezevinteeseis.
- Os números sempre escritos à mão... e aquele pixo do terraço? Fulano ama fulano.
- Eu não vi isso...
- Eu também não vi lá, só nas fotos.
- VENDO PEDRA! O que será? Será crack?
- Eu acho que é pedra da pedreira.
(...)
- Nessa casa tinha que se abaixar pra passar pelos fios de luz. É aquela casa de religião.
- Essa dos fios é muito boa! Anota aí, Marcelo! Tu anotou o Bará? Cadê o Bará? A-ca-si-nha-do-ba-rá! Bará tem acento?
- Tem!
- Olha as luzinhas de natal! Muito bom.
(...)
- Eu acho que a ideia é primeiro alguém falar um pouco do projeto. Qual o objetivo mais ou menos? Qual a metodologia? Só para situar...
- O melhor jeito de trocar os fragmentos é cada um ler isso. Cada um ler um parágrafo. Porque aí fica mais fácil o entendimento. A própria voz já dá um impacto. Vamos falar do projeto!
(...)
- E o pátio da Lu?
- Está aqui, no Jardim Cascata. Tem vários elementos no pátio dela que tem também no Pátio da Re, na vila Glorinha, que fomos na semana passada.
Começamos a entrevistar as pessoas a partir de uma escola, era uma creche, depois virou escola.. tudo foi se dando a partir das redes. Nas primeiras entrevistas a gente perguntava coisas como: - Quando tu chegou? O que tem de infraestrutura? Como é a mobilidade? A partir de certo momento isso ficou meio esgotado, então as perguntas passaram para questões mais sociais. Mais sobre história de vida. Pois, o pessoal que chegou mais recentemente no local são os que têm alguma relação com as lideranças. Na Glorinha, por enquanto, fizemos apenas duas entrevistas. Lá, a maioria da população vem do interior.

Pretendemos com a produção da oficina tensionar a relação entre corpo e rua – como é a rua para os moradores da comunidade Cascata-Glorinha, como é a rua pra nós enquanto corpos pesquisadores em campo e como é a rua para os participantes da oficina? A construção da proposta se tratou mesmo de um agenciamento entre o conjunto de relatos dos entrevistados e o conjunto de relatos dos pesquisadores. Num cruzamento de relatos do pesquisador em campo estabelecendo a experiência do corpo no campo e os relatos dos corpos que lá vivem. E, no momento da oficina, os relatos ao serem transmitidos para os participantes ganham outro corpo. Ao final, uma construção coletiva se deu, constituída por elementos dos nossos relatos, dos relatos dos entrevistados e da escuta-intervenção dos participantes do evento na experiência da ação.

São várias experiências corporais com o território da pesquisa. De diferentes formas, e cada uma é única. Visto que, o Pátio da Glorinha não é nem o que dizem os relatos dos moradores, nem os nossos relatos e nem o que foi construído durante o evento. Em cada experiência com o espaço um território se constrói, e ele vai ser sempre diferente dependendo do corpo, das relações que tece e das possibilidades que o lugar proporciona. O diálogo a seguir apresenta alguns elementos que expressam as marcas do lugar estudado e como materializá-los no espaço destinado à oficina:

- Quem sabe utilizar alguns dos elementos do Bará.. o tom vermelho? Eu lembro de ter uma parede e um ferro (parece que era o ferro que saía da construção), e era ali que ficava pendurado o lixo. São elementos. Elementos que falam desse lugar.
(...)
- O plano não é fazer igual, mas para pensar os elementos significativos para o outro lugar, tendo em vista que as pessoas nunca terão a mesma experiência. Quem sabe utilizar umas caixas de frutas, colocar umas fotos. “Ó, isso aqui é uma marca desse lugar: uns varais com roupa – isso aparece muito por lá!”
(...)
- Aí vem o contexto do pátio. Alguém tem que explicar. Só com o vídeo não dá pra entender.
Acho que é bom começar com os textos. são fragmentos bem pequenininhos. São fragmentos das entrevistas das narrativas deles?
Alguns são, outros foi a gente que escreveu.

evento e a ação: entreato

Tratamos de dar matéria ao Pátio da Glorinha desenhando no piso sua planta-baixa. O objetivo era conduzir os participantes em uma experiência de aproximação ao pátio de favela, buscando descrever o espaço e as situações nele vividos através de relatos de interlocutores e textos de caderno de campo de pesquisadores. Criamos um roteiro com os fragmentos desses relatos e textos, compondo uma narrativa das experiências vivenciadas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, interlocutores e pesquisadores.

Durante a oficina, cerca de 30 participantes foram estimulados a imaginar-se no universo do pátio, primeiro adentrando o terreno, conhecendo o pátio, ouvindo fragmentos de histórias que nos foram contadas. À medida que os fragmentos foram contados, os participantes interagiram com o espaço, desenhando com giz no chão, pessoas, animais, vegetação, móveis, escrevendo palavras e frases que lhe tocaram, dando cores e formas ao pátio. O resultado foi uma produção artística coletiva baseada em contribuições transversais, contribuíram os interlocutores da pesquisa, moradoras e moradores da Cascata-Glorinha, ao relatarem suas memórias em entrevistas; os(as) pesquisadores(as) a partir da montagem da oficina e os(as) participantes da oficina ao se disporem a adentrar, imaginar e intervir no universo do Pátio da Glorinha.

O deslocamento deste lugar específico de Porto Alegre para o campus da ESDI, provocou primeiramente uma inquietação pelo estranhamento das linhas no chão e parede(s) (Projeto 1:1) e a projeção de luz/imagens e sombras dos passantes entre a projeção e a parede projetada. Produzindo imagens sobrepostas no espaço e no tempo, que se transformam com a ação dos corpos que atravessam. Diferentemente da experiência em uma sala obscura, como a do cinema por exemplo, onde o imaginário aproxima o corpo imóvel de uma projeção da realidade, na ação aqui proposta ele - o passante da cidade, o aluno da escola, os proponentes da ação ou o participante do evento - interagiu em movimento diretamente através do espaço em estado *de queda*, revelando a multiplicidade de contradições de uma cidade dividida entre formal e informal, imagem real (projeção) e imaginário (pensamento e subjetividade).



Atravessado pelas imagens o corpo se vê em um lugar de movimento e justaposição de diferentes lugares que se complementam por semelhança ou diferença: a estrutura física com sua história e memória, a imagem de um lugar distante, o imaginário e as lembranças de cada corpo participante, a cidade que acolhe tudo isso, o silêncio e a fala. Cada um foi convidado a participar da execução da ação desde o momento inicial -, realizando a interpretação do projeto da Vila Glorinha e o desenho na escala 1:1 -, até o momento final de reflexão sobre a experiência. Nos interessou ainda experimentar o impacto da ação no andar desatento praticado pelos corpos que passam pela calçada de acesso da ESDI durante a ação.



Figuras 3 e 4. Desenhos dos participantes da oficina sobre planta-baixa no chão. Fonte: Diogo Vaz.



Figuras 5. Oficina Pátio da Glorinha.

A intervenção teve a intenção de provocar uma reflexão sobre as dimensões físicas de ambos os espaços – ESDI e a Cascata-Glorinha. As primeiras noções espaciais abstratas – as linhas no chão e parede(s) – desenhadas durante o dia, depois foram complementadas pelas montagens projetadas e pela intervenção dos participantes na ação. As montagens projetadas carregam o olhar e a narrativa de outros corpos, que em movimento pela Cascata-Glorinha em um passado recente, atualiza o pátio ao se atravessar em outro lugar e tempo. A fotografia é sempre uma imagem do passado que nos faz perceber o agora de maneira diferente pela contaminação do que está fora de nós e nos projeta para outros tempos e lugares. Na penumbra da noite, a utilização e apreensão deste lugar da ação, atravessado por imagens e narrativas, se transformou num espaço que pretendeu abolir as distâncias, estampando formas, dissolvendo os volumes e criando outros, permitindo que a projeção luminosa tivesse a função de deslocar e alterar a percepção daqueles espaços antes constituídos: o físico, o da memória, e o projetado.

A atividade teve início pela manhã com a execução do Projeto 1:1 e findou à noite com a discussão dos atravessamentos. Todo o processo foi registrado. Durante a intervenção os relatos foram narrados pelos pesquisadores, a muitas vozes que se cruzavam e se sobrepunham. Os participantes foram convocados a participar montando o espaço a partir dos relatos, das montagens projetadas e dos próprios atravessamentos gerados. Dessa forma, aos poucos os objetos que propomos para serem inseridos foram sendo distribuídos pelas marcações do espaço em planta baixa. Os relatos narravam acontecimentos de experiência na Vila Glorinha, numa mescla entre os relatos dos moradores entrevistados e os relatos dos pesquisadores. A violência, as festas e encontros, a família, o pátio como lugar de acolhimento, as relações familiares, a religiosidade, as atividades domésticas, etc. O resultado foi a produção de uma realidade de território daquele instante, a partir daquela experiência, produzido pelos pesquisadores aliados aos relatos coletados em conjunto com os participantes da ação. Seguem alguns dos fragmentos lidos durante a ação:

Fragmento 01

“A gente vê muita TV, principalmente novelas. Prefere o canal 12.” “Antigamente brincava bastante na rua: taco, futebol, pega-pega, esconder. Hoje joga futebol e tem dois times: Nacional, com o pessoal do trabalho e Red Bull, com o pessoal da Glória. É zagueiro.” “[...]a maioria estuda de noite no Marista ou Pão dos Pobres, moram na casa dos seus pais e não possuem emprego formal, no máximo puxam uma areia ou vendem langerie. A maioria largou o colégio.” “Ela mora no pátio da família - que chamou, brincando, de condomínio familiar - com um irmão de 17 anos que trabalha com telemarketing e tem duas irmãs mais velhas. Uma que mora no pátio e é depiladora no Moinhos de Vento e outra que mora na Restinga com a família de seu marido e tem quatro filhas (ela se mudou pra lá porque sua família é muito grande e não cabe mais no pátio). Sua casa tem dois quartos, sala/cozinha, banheiro e área de serviço.

Quando perguntamos sobre os homens da família, ela disse que seu primo que mora com a família no pátio é a referência masculina.[...] Apesar dos cinco grupos familiares habitarem o mesmo pátio, todas as contas são separadas por casa, menos a água.”

Fragmento 02

“Eu morei lá onde tá aquelas crianças, à esquerda era a minha casa, ali as antenas, tá vendo? A primeira casa que a minha mãe veio morar foi lá, uma casinha de madeira, ela alugou e depois ela comprou do seu Lu. Não tinha nada, não tinha asfalto, não tinha nada, isso aqui tudo era vasoura vermelha, não tinha nada, aqui era um campo aberto, só tinha um bequinho de terra que a gente subia, não tinha água, não tinha luz”.

Fragmento 03

“Aqui chegou a minha avó e estamos até hoje. A primeira casa era de madeirinha, uma peça só, comprida. A patente ficava lá fora, uns dez metros de distância. Hoje já não existe mais essa casa. Subindo o beco, no final dele vai ter um portão. Esse portão dá pro meu pátio bem no centro do terreno. Aqui vivemos eu, minha esposa, nossos filhos, minha mãe e minha irmã. A primeira casa, da esquerda, é a casa da minha mãe. Atrás fica a minha casa. À direita do pátio fica a casa da minha irmã. Ao lado da casa dela tem uma casa de Bará, do lado da minha casa e da casa da mãe, tem as casas de Exu. O pátio, alinhado ao portão de entrada da casa, tem nessa mesma linha duas grandes pedras que estão ameaçando rolar. Se fosse mudar alguma coisa aqui, plantaria muitas ervas medicinais, pois hoje em dia, aqui no morro, não se acha um capim cidró.”

As imagens que foram utilizadas durante a ação são montagens constituídas por imagens da comunidade Cascata-Glorinha, produzidas durante a pesquisa em campo. Quando projetadas, tinham a intenção de apresentar algumas expressões territoriais desse contexto, buscando compor o cenário e criar um diálogo entre a comunidade, a ação e o campus da ESDI/UFRJ.

atravessamentos e registros da experiência: o depois

Para o grupo de pesquisadores(as) do GPIT, o formato do encontro SIIT8 CorpoRua, ao propor que as atividades fossem embasadas na experiência do corpo com o espaço, funcionou como uma provocação para que o grupo saísse de sua zona de conforto e procurasse experimentar outros formatos de dialogar sobre a pesquisa que está sendo desenvolvida, nesse caso, em um encontro com a arte. A experiência produziu dissenso entre os participantes do grupo visto que cada pessoa teve uma experiência singular na oficina do Pátio da Glorinha e no evento SIIT8.

Com relação à oficina do pátio. Fiquei incomodada de primeiro, é difícil não saber como as coisas vão proceder, cada um pra um lado, sem conseguir estar juntos e atentos ao mesmo tempo. no entanto, entendo que todos estávamos em processo de se afetar, de lidar com as coisas que o evento ia produzindo. Então, agradeço à Dani, em especial pelo beijo, pelo carinho e pelas palavras "calma, vai dar tudo certo" e deu. E o retorno foi bom, as palavras do Renato foram muito construtivas acerca de não ter ficado claro que lugar era aquele que estávamos propondo construir ali a muitas mãos. Como funcionam as narrativas? Como expressá-las? Será que conseguimos produzir lá uma ideia de realidade da Glorinha? Acredito que sim, que esse lugar é produzido por narrativas e discursos e políticas públicas e afectos e desejos, desse jeito fragmentado, características desse tempo contemporâneo. E não estamos aqui pra desfragmentar, mas pra salientar conflitos, justaposições, resistências, as potências de um lugar.

Esse evento funcionou exatamente como eu entendo a ideia de encontro, capaz de produzir afecções que provocam modificações. Um processo de olhar para si, para a relação que se estabelece com o outro. Enquanto corpo. Um território em construção constante mas que tem suas organizações, já vem com seus discursos, suas questões. E, que ao se colocar em relação com o outro, a partir do seu lugar enquanto ator daquela cena, enquanto lugar de fala (entendendo fala como uma máquina potente que produz discursos) tem suas responsabilidades. Por afecto, por saber-se em relação.

Num encontro, experiências se tecem, e o corpo é questionado, posto em prova, a estrutura do seu pensamento, da organização dada, das suas formas de agir... O corpo e suas pré-estruturas são postas em desequilíbrio, uma zona de desterritório se abre, a estrutura desestabiliza, mexe o corpo, suas prenoções, seus atos falhos, seus desentendimentos velados, seus preconceitos diários, suas posturas, suas formas de se relacionar, tanto consigo e suas questões pessoais, quanto com o outro e os territórios que criam juntos, com as pesquisas e seus objetos territórios. Esse é o lugar do corpo-sem-órgãos, que afirma uma cartografia de si, uma produção dos mapas dos seus territórios, afirmando seu movimento, seus entres, seus processos de transformação. Construindo e destruindo territórios. Deixando seu senso comum se mostrar... assim se deu esse encontro pra mim.

Um encontro entre igualdades e diferenças. Que foi capaz de aprofundar certos conhecimentos e provocar a desfeitura de outros, afirmando a singularidade das mulheres, dos travestis, das índias, dos grupos de pesquisa, dos meus próprios preconceitos e das minhas dificuldades de articulação entre os saberes. Tudo isso veio à mostra. Mas, ao final, dadas as afecções todas produzidas surgem reavaliações.

Acerca da importância de uma rede como essa no campo da produção científica, de saber que está funcionando mesmo como uma rede, e que tem controvérsias potentes, ao mesmo passo que está conectada, gerando fluxos e trocas se saberes e experiências. A importância desse evento desterritorializado, CorpoRua, nesse momento de Brasil e de mundo, de juntar diferentes lugares, Argentina, Equador, Nordeste, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Diferentes línguas, diferentes experiências de corpos na rua, diferentes corpos, diferentes ruas. Mas apostando em travessias e travessuras, o que se produz a ponto de produzir atravessamentos, dando voz às micropolíticas, agenciando teoria e prática, evidenciando o nosso desassossego na produção acadêmica, o uso do espaço público, o corpo, a rua.

Acredito que um corpo não é mais o mesmo corpo após a experiência de um atravessamento. Quando esse atravessamento produz acontecimento, tudo se move. Não sou mais o mesmo corpo, nem a mesma pesquisadora. Creio que esse grupo GPIT também não é mais o mesmo que foi, retorna já outro, reterritório! E seguimos, produzindo nossos territórios, nossas pesquisas, e desejo mesmo que possamos cada vez mais deslocar o olho, a postura do olho, nesse corpo território GPIT que hoje produzimos juntos.

referências

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. TA, 1979.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

GRANOVETTER, Mark. *The sociology of economic life*. Editora Routledge, 594 p., 3 ed. 2018.

piquenique antropofágico



*Eu quis cantar minha canção iluminada de sol.
Soltei os panos sobre os mastros no ar.
Soltei os tigres e os leões nos quintais.
Mas as pessoas na sala de jantar
são ocupadas em nascer e morrer.
(Panis et circensis, Caetano Veloso e Gilberto Gil, 1968)*

Piquenique (pegar pequenas porções) porque é livre, fora de ambientes fechados, ou formais, em geral na natureza, e onde cada participante contribui com a mesa, ato de convivência, convívio e compartilhamento, uma forma nômade de comer. ciscar, petiscar. Jogar, comer, beber, brincar, conversar entre amigos, ação comunal desde a antiguidade. Comer, beber, escrever.

Antropofágico. Comer gente. Não confundir com canibalismo, porque antropofagia não é um hábito alimentar. É antes um ritual litúrgico que presta respeito e desejo de adquirir características da comida. E aqui está no sentido oswaldiano, modernista. Comer culturas, pessoas, mas não qualquer coisa. Existe escolha. Por exemplo, desde os tupinambás, não se come um covarde. E Hans Staden que o disse.

PPG HCTE|UFRJ

Lucia Helena Ramos

Mas o que é o Piquenique Antropofágico?

O Piquenique Antropofágico é uma celebração. Foi realizado a primeira vez como celebração ao final da edição dos jogos poéticos: poesia e crítica social, que aconteceu no FCC-UFRJ, como parte da programação do FIC – Festival Interuniversitário de Cultura 2015. Depois disso, a celebração virou uma proposta de ação poética, e se apresentou em diversos outros lugares fechados e abertos para públicos diversos e segue em suas experimentações. Antes já esboçava sua intenção: nas primeiras oficinas em 2012 já com esse nome; e nos eventos bimestrais entre os módulos das oficinas de jogos poéticos no projeto Fora de Área, no Sesc Tijuca, onde a poética e a estética antropofágica sempre inspirava.

O Piquenique Antropofágico: uma toalha losango arlequinal no chão (ou mesa) com frutas, poemas, e itens totêmicos da cultura. A comida, os anfitriões, os comensais. O tabu e totem estão na mesa. O corpo poético também está na mesa. E o brinquedo e o jogo. E há também um roteiro que não deve ser seguido. E antes, há as receitas para o preparo. As orações e ladainhas. Tudo que seja necessário a uma boa degustação.

A construção foi acontecendo conforme as experimentações e com contribuições de todos os participantes, principalmente do coletivo Balalaica. Durante o fim do ano de 2015 foi realizada uma oficina: Performance, Barroco e Antropofagia, com Ticiano Diógenes (ECO/UFRJ). A intenção era criação de textos e movimentos performáticos para a ideia Piquenique Antropofágico. Após a oficina que durou algumas semanas, os encontros continuariam como ensaios do coletivo. E eram imediatamente testadas nas apresentações poéticas do coletivo. Uma apresentação foi marcada para fechar o ciclo. Mas desde lá a cada experiência ela se transforma de novo e de novo. Sem fórmula pronta, só um roteiro mínimo. A ideia é errar muito. E utilizando, quando possível, da sensibilidade para contato com os participantes e entorno.





O Piquenique Antropofágico já aconteceu em diversos lugares como Sesc Tijuca e FCC-UFRJ, no Ponto de Leitura Conto a Conto (Catete-Rio), no Sarau de Escritório, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, na Escola de Comunicação ECO-UFRJ, na Escola de Primavera Intérpretes do Brasil e no anfiteatro do Instituto de Economia (IE) no campus Praia Vermelha da UFRJ, no Scientiarum Historia 2018 no CCMN UFRJ, SIIT 8 da ESDI no Passeio Público. E dessa forma, o projeto Jogos Poéticos sai das salas fechadas, e vai para as praças, ruas, espaços públicos, para celebrar – a vontade de uma vida mais poética. No preparo, a antropofagia, o tropicalismo, a poesia concreta, neoconcreta, a poesia marginal e periférica, e mais todos os que entre elas não se rotulam. Na mesa, a comida e comensais. Os anfitriões. O convite. As comensalidades, as aulas de não-etiqueta. Sobre a mesa: um corpoético, poetas, poemas, poesia para dar de comer.



É urgente ir à mesa! Diz o convite do Piquenique Antropofágico. E avisa: – uma ceia em cena aberta para poetas, cientistas, artistas, e pessoas em geral. E com as edições sucessivas, itens e informações foram adicionados e “o fazer” foi criando uma estética onde os elementos são dispostos e informam uma intenção, uma crítica, um brinquedo, um poema, uma possibilidade: uma arte poética. Assim, o Piquenique Antropofágico se transformou em um ato e instalação poética. Arte poética viva. E é assim que se constrói e define, como arte poética em processo, e sempre em processo. E também inicia uma nova investigação.

A intenção do projeto Jogos Poéticos é descobrir e/ou acordar o poeta dentro de cada um – no sentido dado a poeta que é o que faz, fala e/ou lê sensivelmente um poema –, e aperfeiçoa-lo com as experimentações pessoais e coletivas, aprofundar suas leituras do mundo, trocar leituras como outras leituras para ampliar esse olhar, para ver além dos horizontes possíveis, cartografar os espaços ocupados pela poesia, inventar novos espaços, e ocupa-los também poeticamente, ampliando essa geografia a partir do fazer poético, e de tanto fazer criar o hábito, uma forma de estar no mundo, diferente da crença doutrinante do consumo-mercado-lucro, para ser e estar no mundo, de forma poética. Esse eu que sou você, que somos nós. E por isso, tão revolucionário.

Poetas, alguns de primeiros versos e poemas, zines, livros, performances, produções de saraus, eventos, iniciativas, ações, etc. Os Jogos Poéticos foi início ou reinício de poesia para alguns muitos que não é dado aqui mensurar.

O coletivo Balalaica foi criado a partir dos encontros realizados nas oficinas de Jogos Poéticos. Na formação, as poetisas: Alice Souto e Lux; e os poetas: Bruno Borja e Paulo Sérgio Kajal, e Ticiano Diógenes, como diretor teatral.

O coletivo Balalaica participou de várias apresentações e saraus pela cidade do Rio de Janeiro, sendo presença constante no movimento de saraus de rua durante os anos de 2014-2018, como Circuito Carioca de Saraus RJ, Bailes de Gala do Sarau do Escritório, R.U.A., Ocupa Cinelândia, Ocupa MinC, Sarauoca, Bienal das Letras da UNE, Agência Nacional de Favelas, Sarau da Justiça, Arquivo Nacional, Poesia Simplesmente, Boca no Trombone, Radio Estrada 55 Cine Jóia, Leão Etíope do Méier, PRAÇA no Circo Voador, Ocupa Amaro, Cep20mil na Oca-Parque Lage, Floresta Nossa, Ocupa Marina, Picareta Cultural, O Passeio é Público, entre outros. E criou e produziu o Sarará o sarau e intervenções e ações artísticas como o Piquenique Antropofágico. Mas o que é o Balalaica?

O Balalaica é um coletivo que joga. Leva os jogos poéticos para suas performances. Se reúne, cria, inventa, improvisa, dialoga entre si e com quem estiver em volta. O jogo é ao vivo. E é isso que propõe, por hora. Usa música, bate lata, come banana, pula amarelinha e corda, se risca na pele, escreve no chão a giz, arrisca a palavra, gosta dela e não tem medo, mas respeita, fica em silêncio, faz xamanismo, antropofagiza tudo, mas escolhe, faz poema coletivo da hora, joga búzios, cartas de tarô, faz ativismo no ato, dança, canta, chama para a roda, poema de parede, se fantasia, cria nova realidade, chama os grandes poetas, e os pequenos também, faz a homenagem, e sai de férias. O Balalaica acredita em utopias. (blog: www.coletivo-balalaica.blogspot.com).

A rua é ruga. A rua é rego. A rua é sulco. A rua é correnteza. A rua é rio. O Rio é rua. Mata substantivos, transforma a significação dos termos, impõe aos dicionários as palavras que inventa, cria o calão que é patrimônio dos léxicos futuros. A rua nasce como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. A rua é a eterna imagem da ingenuidade. [bricolagem da autora sobre texto de João do Rio] (DO RIO, 2017, p.16).





Foram 133 saraus mapeados na cidade do Rio de Janeiro, no levantamento sobre o movimento de saraus e eventos poéticos feito pela Mufa Produções por intermédio do Sarau do Escritório – evento que acontece mensalmente na “esquina do pecado”: Rua Mém de Sá com Rua Gomes Freire, na Praça João Pessoa, rebatizada pelo mesmo sarau de Praça Luana Muniz [liderança transexual também chamada de Rainha da Lapa]. Mapeou de Seropédica a São Gonçalo. Verificando que 41 desses saraus acontecem em espaços públicos. 100 deles surgiram após as jornadas de junho de 2013. Nos dados não estão incluídos os blocos, as interferências artísticas, os coletivos teatrais e de arte urbana, as feiras, as festas, os maracatus, os batuques, e tantas outras formas de ocupação artística e poética que tomou conta da cidade. E independente da análise que se faça sobre os motivos das jornadas de junho 2013, quem participou delas e em que culminou aqueles eventos, a rua virou lugar de dizer. E definitivamente é impossível não se concluir que ir para a rua virou urgência.

*Um homem bateu em minha porta.
E eu abri.
Senhoras e senhores,
põe a mão no chão,
Senhoras e senhores,
dê uma rodadinha,
Senhoras e senhores,
pule de um pé só,
Ou vá para o olho da RUA!”
(parlenda popular)*



“O erro está na rua!” Urgência para dizer Não. Não para as remoções do Porto, Não para as obras do Maracanã nas formas que foram feitas, Não para a venda da Marina da Glória, Não para a comercialização do Aterro do Flamengo, Não para a remoção da Aldeia Maracanã, Não para o transporte público que não atende a maioria da população, Não à violência policial, Não ao fim do Ministério de Cultura, Não para a discriminação de toda espécie, enfim... A rua foi dizer o que a mídia não diz – não por ser surda, mas porque não quer dizer!

E logo, os movimentos de Ocupa. Ocupa Cinelândia, Ocupa Carnaval, Ocupa Minc, Ocupas escolas, Ocupa Ocupa Ocupa. As ocupações reinventando os espaços públicos, territórios não produtivos agora cheios de arte e poesia. Resignificando o conceito de público!

E para uma cidade chamada de “maravilhosa e cheio de encantos mil” que virou cidade-negócio, cidade-iceberg, cidade-empresa, cidade jogo imobiliário, que passa literalmente por cima de seus cidadãos, não há melhor resposta que se afirmar como cidade dos territórios públicos, onde a poética ocupa e humaniza os espaços – na busca de uma cidade delicada, amável, mais possível.



Diz Cecília Meireles em seu poema Reinvenção (1942) que: “A vida só é possível reinventada”. Visto os cenários, não será difícil concordar com a poeta. Mas como reinventar a vida? Paz (1976) nos propõe um caminho: “a poesia, sendo o poema sua construção. O poema como o fazer do eu e do tu, do nós”. Na cidade, espaço de tensão do encontro e do desencontro. Na sociedade, a quase impossibilidade de diálogo visível. O impossível exercício humano da fala e da escuta. Mas existe ainda a poesia. E o poema esse fazer tão humano, que sendo de eu para eu, de eu para tu, de eus, nós, é coletivo em essência. E a cidade, representação física e orgânica da sociedade, um poema coletivo. Por que não? Pergunta o poeta [e poetas perguntam]. O fazer poético como forma de estar no mundo, e de viver, inclusive a cidade. Não um fazer lírico, mas, necessariamente, crítico. A utopia da construção generosa, em comum, do poema escrito a tantas mãos, e falado, dito, compartilhado. Que seja nas praças, nas salas, nos quartos, nas esquinas, nos lugares públicos, no muro, no poste, nas creches e universidades, nas fabricas, nas oficinas, nas comunidades, nas periferias, nas intervenções poéticas urbanas. A prática poética como exercício de comunhão, de fazer junto, de diálogo, de troca, de democracia, de liberdade e de respeito. É utopia? Sim, talvez, mas como cita Eduardo Galeano (1994), só para isso existe.

Exercício utópico urgente, o poema que nasce feito flor na rua – entre o asfalto, pedras, sujeiras... “é feia, mas é um flor”, dirá Drummond (2002).

Ecologia do ser, humano. Absolutamente insistente, como a Verdade num conto de Malba Tahan (1937), e por isso mesmo será sempre revolucionária.

E será nesse cenário que os Jogos Poéticos, em 2012, inicia seu caminho. Lendo e fazendo poesia, experimentando e intervindo poética, crítica e artisticamente em todos os espaços da cidade, disponíveis – e alguns nem tão disponíveis. O projeto Jogos Poéticos participa e forma essa rede de arte poética da cidade do Rio de Janeiro, e se expande. Vai ao subúrbio e a periferia. Propõe eventos, intervenções, interferências, ações poéticas, fortalece outros, se articula.

E pelas oficinas dos Jogos Poéticos muitos poetas artistas e alguns que experimentaram a prática poética pela primeira vez, outros reencontraram, alguns continuaram o caminho que ainda trilham e reinventaram suas formas de atuação. Todos fazem parte dessa ideia e ação chamada Jogos Poéticos.

Mas é no Piquenique Antropofágico que todas “se encontram”, em torno da toalha arlequinal proposta por Mário de Andrade e Oswald de Andrade. É onde os Jogos Poéticos também acontecem em pequeno formato, ou em síntese, e onde toda a ação se faz em jogo. A experimentação veio dos ensaios do coletivo Balalaica, como forma de dialogar poeticamente, em jogo de palavra, gesto e corpo. A palavra e o corpo no jogo. O improviso, a tensão, a percepção do outro. O dialogo, encontro, desencontro, construção coletiva. E nunca se sabe o que vai acontecer. Só uma certeza: estamos fazendo poesia, estamos em construção real, é incômodo.

